

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELOÍSA VILAS BÔAS CORRÊA

Psicologia dos grandes grupos políticos no Brasil:
um estudo sobre polarização, ódio e conflito

Maringá-PR
2022

ELOÍSA VILAS BÔAS CORRÊA

Psicologia dos grandes grupos políticos no Brasil:
um estudo sobre polarização, ódio e conflito

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Linha de pesquisa: Psicanálise e Civilização.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C824p

Corrêa, Eloísa Vilas Bôas

Psicologia dos grandes grupos políticos no Brasil : um estudo sobre polarização, ódio e conflito / Eloísa Vilas Bôas Corrêa. -- Maringá, PR, 2023.
114 f.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2023.

1. Psicanálise. 2. Psicologia política. 3. Volkan, Vamik D., 1932- . 4. Conflito entre grandes grupos. I. Mello Neto, Gustavo Adolfo Ramos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

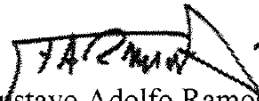
CDD 23.ed. 150.195

ELOÍSA VILAS BÔAS CORRÊA

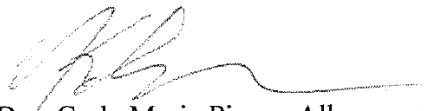
“Psicologia dos grandes grupos políticos no Brasil: um estudo sobre polarização, ódio e conflito”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

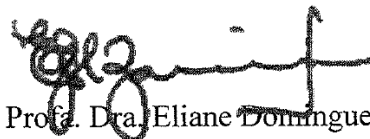
COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto
Universidade Estadual de Maringá- PPI/UEM



Prof. Dra. Carla Maria Pires e Albuquerque Penna
Universidade de São Paulo - USP



Prof. Dra. Eliane Domingues
Universidade Estadual de Maringá- PPI/UEM

Aprovada em: 12 de dezembro de 2022.
Defesa realizada na sala de vídeo do Bloco 118.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Abel e Elizélia, pela luta constante para que eu pudesse voltar minha atenção exclusivamente aos estudos e a este trabalho, e à minha irmã, Natália, que sempre me apoiou.

Ao meu companheiro Rafael, que esteve ao meu lado em todas as etapas desta pós-graduação e nunca hesitou em torcer pelo meu sucesso.

À professora Dra. Ângela Maria Pires Caniato (*in memoriam*), que me aceitou neste programa de pós-graduação e me acompanhou no início desta jornada. Espero ter honrado suas expectativas.

Ao professor Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, por me acolher como orientanda após o falecimento da professora Ângela, e por estar sempre ao meu lado na construção desta pesquisa. Sou muito feliz por termos nos encontrado!

Aos membros do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise e Civilização (LEPPSIC) da UEM, em especial à professora Dra. Viviana Velasco Martinez, por suas contribuições ao meu trabalho e à minha formação.

Às professoras Dra. Carla Penna e Dra. Eliane Domingues, que aceitaram fazer parte da banca deste mestrado e engrandeceram meu trabalho.

Às minhas professoras de graduação, Dra. Sandra Spósito e Dra. Jéssica Stefanuto, que me incentivaram a continuar na vida acadêmica.

À minha analista, Alba Fulaneti, que há dez anos me apresentou a psicanálise, esteve ao meu lado nas venturas, aventuras e desventuras da vida e é meu grande modelo de profissional.

E, por fim, às voltas que a vida dá, que me permitiram retornar a Maringá e à UEM e reescrever parte da minha história.

Muito obrigada!

À professora Ângela Maria Pires Caniato (*in memoriam*), que me escolheu como sua orientanda neste programa de mestrado e, infelizmente, faleceu nos primeiros meses desta trajetória. Gostaria que tivéssemos tido mais tempo, mas tenho muito orgulho de ter feito parte de sua longa história e de tê-la para sempre na minha.

“Ser humano é muitas coisas. *Homo sapiens* (homem-sábio), *homo politicus* (homem político), *homo religious* (homem religioso), etc. Talvez seja o momento histórico de investigar o *homo odium* (homem ódio).”

(Antonioni, 2019)

Corrêa, E. V. B. (2022). *Psicologia dos grandes grupos políticos no Brasil: um estudo sobre polarização, ódio e conflito*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.

RESUMO

Nos últimos anos, vimos o eleitorado brasileiro se dividir em dois grandes grupos tidos como inimigos a serem abatidos um pelo outro. De um lado, ficaram aqueles que se autodenominavam de “direita” e defendiam valores conservadores; do outro, estavam os que pregavam medidas progressistas e, por isso, se diziam de “esquerda”. A partir desta divisão, o brasileiro direcionou grande parte de sua energia à destruição do inimigo, fazendo emergir o ódio e a intolerância em suas relações, em um cenário que se tornou fonte de angústia e mal-estar para muitos. Considerando as redes sociais de internet enquanto palco desta batalha psicopolítica, este trabalho procurou investigar os fenômenos psíquicos que possibilitaram a formação (e manutenção) do conflito que se formou no país. Para isso, coletamos comentários nas páginas dos políticos Jair Messias Bolsonaro e Luís Inácio Lula da Silva (tidos como líderes dos grandes grupos) no *Facebook*, e recorremos à psicanálise, sobretudo às obras de Sigmund Freud e de Vamik Volkan, para sua interpretação. Nosso estudo nos permitiu compreender que o conflito brasileiro refletiu a disputa entre identidades sociais que, historicamente, fazem parte do país: aqueles que se identificavam como classe dominante, e os que se viam como classe dominada. A partir da ameaça às suas identidades de grandes grupos, apoiadores de esquerda e de direita entraram em profunda regressão e passaram a partilhar mecanismos de defesa para lidar com o mundo externo e proteger seu mundo interno, visando destruir o inimigo.

Palavras-chave: Psicologia Política; Vamik Volkan; Grandes grupos; Conflito.

Corrêa, E. V. B. (2022). *Psychology of large political groups in Brazil: a study on polarization, hatred and conflict*. Master's dissertation. Psychology's Post-Graduation Program. State University of Maringá. Maringá-PR.

ABSTRACT

In recent years, we have seen the Brazilian electorate split into two large groups seen as enemies to be slaughtered by each other. On the one hand, there were those who called themselves the “right” and defended conservative values; on the other, there were those who preached progressive measures and, therefore, called themselves “left”. From this division, Brazilians directed much of their energy to the destruction of the enemy, causing hatred and intolerance to emerge in their relationships, in a scenario that became a source of anguish and unease for many. Considering the internet social networks as the main stage of this psychopolitical battle, this work sought to investigate the psychic phenomena that enabled the formation (and maintenance) of the conflict that formed in the country. For this, we collected comments on the pages of the politicians Jair Messias Bolsonaro and Luís Inácio Lula da Silva (considered leaders of these large groups) on Facebook, and resorted to psychoanalysis, especially the works of Sigmund Freud and Vamik Volkan, for their interpretation. Our study allowed us to understand that the Brazilian conflict reflected the dispute between social identities that, historically, are part of our country: those who identified themselves as the dominant class, and those who saw themselves as the dominated class. From the threat to their identities of large groups, left and right supporters entered a deep regression and began to share defense mechanisms to deal with the external world and protect their internal world, aiming to destroy the enemy.

Keywords: Political Psychology; Vamik Volkan; Large groups; Conflict.

Sumário

1	Introdução	11
1.1	Breves considerações sobre o ódio	13
1.2	Uma Nação em conflito: o ódio vai às ruas	15
1.3	Grupos em conflito e a proposta deste trabalho	22
2	Psicologia das massas e a criação do inimigo	27
3	A Psicologia de grandes grupos em conflito: contribuições de Vamik Volkan	34
3.1	A identidade de grandes grupos	35
3.2	A necessidade de se ter inimigos e aliados e os alvos adaptados para externalização	39
3.3	Narcisismo das pequenas diferenças e o hiato psicológico	41
3.4	Transmissão transgeracional de glórias e traumas <i>escolhidos</i>	44
4	Redes sociais: o palco do conflito brasileiro	48
4.1	Redes sociais, (des)informação e polarização política	48
4.2	Angústia, ódio e mal-estar nas redes	52
5	Grandes grupos no <i>Facebook</i> : a psicodinâmica de uma guerra civil digital	58
5.2	Laço vertical: a relação com os líderes	58
5.3	Laço horizontal: a relação entre os grupos	68
5.5	Um passado no presente: outras discussões	73
5.6	Epílogo: tudo se repete em 2022.....	78
6	Grandes grupos no divã: interpretando a partir de Volkan.....	84
7	Considerações finais.....	93
	Referências	99

1 Introdução

Nos últimos anos, pudemos observar a ascensão de governos ditos de extrema-direita em vários países do mundo, como os Estados Unidos, a Polônia, a Hungria, a Áustria e a Itália, instaurando-se regimes conservadores de tendências autoritárias e antidemocráticas que em muito flertam com o fascismo italiano e o nazismo alemão. No Brasil e na América Latina não foi diferente. Após anos em que os governos de esquerda – de caráter progressista¹, que dizem atuar em busca de mudanças, libertação e emancipação do homem (Bobbio, 1995) – estiveram à frente da política (período conhecido como “Onda Rosa”), parte da população se voltou para partidos e líderes autoritários de direita² – que, a partir do conservadorismo, costumam governar em defesa do passado, de salvaguardar a tradição (Bobbio, 1995), visando à manutenção do sistema político existente e de seus modos de funcionamento, em contrapartida às forças inovadoras (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1998).

Diversos fatores explicam o movimento crescente da extrema-direita pelo mundo, como a globalização capitalista neoliberal, a crise econômica de 2008, a tradição antissemita espalhada em certos países, a cultura colonial que impregna atitudes e comportamentos até hoje (Löwy, 2015), além do uso massivo e antiético de redes sociais de internet, através da manipulação de informações e propagação das chamadas *Fake News* – as notícias falsas (Vargas, 2020). Apesar de a direita política nunca ter se ausentado do cenário político brasileiro (Miguel, 2018), nos últimos anos ela ganhou maior visibilidade e relevância, culminando na eleição de Jair Bolsonaro à presidência no ano de 2018, em um movimento de saudosismo do período da ditadura militar, que apostava nas forças armadas para o que então diziam ser o restabelecimento da ordem (Carapanã, 2018).

Por muito tempo, o Brasil foi regido pela máxima "religião e política não se discutem". Nos últimos anos, no entanto, o cenário mudou, e ambas os temas passaram a fazer parte do cotidiano. A efervescência política iniciada no ano de 2013 com as chamadas “Jornadas de Junho” ou “Manifestações dos 20 centavos” – que se iniciaram contra o aumento das passagens de ônibus na cidade São Paulo e, posteriormente, tomaram todo o país com reivindicações

¹ Palavra constante no discurso político das esquerdas, em contraposição ao conservadorismo da direita, o progressismo designa atores políticos que possuem uma atitude otimista quanto às possibilidades de aperfeiçoamento e desenvolvimento autônomo da civilização humana e do indivíduo (Bobbio, Matteucci e Pasquino, 1998). O termo se refere à ideia de "progresso social", interpretada como uma conquista de níveis crescentes de bem-estar para a maioria da população, pautada na igualdade como um valor primordial (Fuser, 2018).

² Este é um trabalho psicopolítico que não tem a pretensão de adentrar à problemática de nomenclaturas das tendências políticas. Utilizaremos "esquerda" e "direita" enquanto títulos que os próprios grupos aqui estudados dão a si mesmos (e mutuamente).

diversas –, foi alimentada pelos escândalos de corrupção da Operação Lava Jato³, pelas eleições presidenciais de 2014 e pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016. Tais movimentos revelaram uma acentuada bipartição do eleitorado brasileiro em dois grandes grupos fortemente polarizados, ao menos psicologicamente⁴: os que se diziam adeptos de políticas de direita e os que se diziam adeptos de políticas de esquerda.

A partir da polarização entre "coxinhas" – como ficaram popularmente conhecidos os simpatizantes da direita – e "mortadelas" – mais alinhados à esquerda –, criou-se um verdadeiro campo de batalha psíquica, onde o clima de ódio e de uma clara intolerância mútua tomou conta das relações e tornou-se fonte de angústia para muitos. O cenário de conflito que se estabeleceu foi marcado pela clivagem do abrangente “grupo” nacional – que estamos chamando aqui de “o brasileiro” – em dois grandes “grupos” tidos como inimigos a serem abatidos um pelo outro: brasileiros “bons” e “maus”, “nós” e “eles” (Carapanã, 2018; Casara, 2020), e mais do que isso: “eles contra nós” e “nós contra eles” (Schwarcz, 2019, pp. 211-12).

Filósofos, sociólogos e cientistas políticos costumam debruçar-se sobre o tema, e a psicanálise também tem indagado sobre tais questões. Para avançar nessa compreensão, entendemos ser necessária uma abordagem que valorize o contexto sociopolítico e cultural onde o sujeito está inserido, já que o indivíduo e a sociedade são cocriados, imbricados, interdependentes (Elias, 1987). Nesse sentido, consideramos que a grupanalise pode contribuir no estudo dos processos intersubjetivos e transubjetivos do cenário brasileiro, já que ela investiga a psicodinâmica de pequenos, médios e grandes grupos a partir de um diálogo entre a psicanálise e a sociologia, com contribuições da história, da filosofia e da ciência política. A partir da literatura psicanalítica e grupanalítica⁵, portanto, entendemos que cada um dos grupos supracitados – e, seguindo o grupanalista Vamik Volkan (2008a), os tomamos como grandes grupos – foi formado pelo que Freud (1921/2011a) considera a mais primordial forma de

³ Iniciada em março de 2014 pela Polícia Federal do Brasil, a Operação Lava Jato foi um conjunto de investigações que visavam apurar crimes de corrupção e lavagem de dinheiro, e cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, de prisão temporária e preventiva e de condução coercitiva. Após mais de seis anos de funcionamento ininterrupto, em 2021 o trabalho foi incorporado pelos Grupos de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaecos), que confere estabilidade e caráter duradouro às investigações (Brasil, 2021).

⁴ Talvez não haja, realmente, polarização política, no sentido de doutrinas e ideários extremos e opostos. Isto porque a proposta do PT, por exemplo, é a da social-democracia, que não busca a revolução, mas a conciliação entre as classes, aceitando, dentro de certos limites, a função positiva do mercado e da propriedade privada. Por definição, a social-democracia pretende ocupar um espaço intermediário, lutando em duas frentes: contra o reformismo burguês, e contra o aventureirismo revolucionário (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1998).

⁵ Segundo Penna (2014), o estudo de agrupamentos humanos surgiu no século XIX e recebia o nome de psicologia das multidões. No século XX, com o desencadeamento das duas grandes guerras mundiais e os genocídios em massa, esse estudo foi transportado para o âmbito da psicologia das massas, com Freud, Ortega Y Gasset e os frankfurtianos. Com o avanço desses trabalhos e as experiências reunidas durante a Segunda Guerra Mundial, surgiram as bases para o desenvolvimento do estudo sobre grandes grupos, termo que acabou por substituir, em alguma medida, a nomenclatura "massa" (Penna, 2014). Dentre os estudiosos de grandes grupos, na chamada grupanalise, neste trabalho utilizamos, especialmente, os escritos do psicanalista Vamik Volkan, que estuda grandes grupos étnicos em conflito.

ligação afetiva a um objeto: a identificação. O autor sustenta que, através de algo afetivo importante em comum, como a ligação a um líder ou a uma ideia, os indivíduos que formam a massa⁶ estabelecem uma ligação recíproca de natureza libidinal, que torna o grupo coeso. Aquele que não é visto como um igual, membro da massa, é alvo de hostilidade, merecedor de exclusão e, até mesmo, de eliminação.

Vamik Volkan, estudioso da psicodinâmica de grandes grupos étnicos em conflito, cuja teoria apresentaremos mais à frente, define a “identidade de grandes grupos” enquanto um “permanente sentimento compartilhado de afinidade” (Volkan, 2007, p. 1202) entre milhares ou mesmo milhões de pessoas, a maioria das quais jamais se conhecerá na vida, mas que compartilham certas características com outras em regiões vizinhas (Volkan, 2008a). Se esses grandes grupos, afirma o autor, sentem sua identidade ameaçada, eles entram em regressão e se envolvem em um processo que serve para manutenção, proteção e reparação de sua identidade, processo este guiado por uma série de mecanismos primitivos de defesa: introjeção, projeção, clivagem e negação, entre outros (Volkan, 2007).

No caso do Brasil, apesar de tratar-se de indivíduos pertencentes à mesma etnia, a existência de uma população vasta e bastante plural que se dividiu em dois⁷ grandes grupos (defensores da direita e defensores da esquerda) nos permite aplicar os conceitos de Volkan à nossa realidade sociopolítica, em busca de compreender o conflito que se instalou no país, e esta é a proposta deste trabalho. Primeiramente, no entanto, precisamos traçar qual seria a identidade de cada um desses grupos, e entender quais ameaças se colocam a cada um deles. Para isso, é necessário voltarmos à História e mapearmos como se consolidaram esses grupos e como o ódio se instalou entre eles; mas antes, vamos falar brevemente sobre o conceito de ódio a partir do ponto de vista psicanalítico.

1.1 Breves considerações sobre o ódio

Se neste trabalho nos propomos a estudar o ódio, que parece ser um dos elementos principais da relação conflituosa entre os grandes grupos políticos brasileiros, é importante elucidarmos este conceito. Conforme Barros (2013), em sua tese sobre o ódio no psiquismo, a palavra ódio advém do latim *odium*, e é referido em diversos dicionários e enciclopédias como um afeto, sentimento ou paixão que impele a causar ou desejar a ruína ou a desgraça do outro.

⁶ Neste trabalho, que se utiliza de bibliografia anglo-saxônica, tomaremos "massas" e "grupos" enquanto sinônimos, sem adentrar à problemática de distinção de significado dessas nomenclaturas. Distinguiremos apenas grandes grupos dos pequenos grupos.

⁷ É de se considerar que possa haver um terceiro grupo, o neutro, composto pelas pessoas que dizem não se envolver em polêmicas e conflitos políticos. Como estudamos grandes grupos em conflito, porém, não nos ateremos a este grupo.

Frequentemente, portanto, o ódio é concebido como um sentimento adverso, associado à aversão e ao desejo de causar mal ao outro, sendo visto apenas na acepção negativa (Barros, 2013).

A temática do ódio – “afeto recorrente no cotidiano das relações interpessoais e da experiência humana” (Barros, 2013, p. 14) – foi amplamente discutida por Freud em obras como *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010a) e *Os instintos⁸ e seus destinos* (Freud, 1915/2010b), como retomaremos mais à frente, no item 4.2. Na psicanálise, o ódio é tido como um afeto humano inegável, que revela a existência de uma dimensão psíquica de destruição que pode ter como alvo tanto o Eu – como no caso da melancolia (Freud, 1917[1915]/2010b) – quanto o objeto (Jeammet, 2005 como citado em Pereira & Coelho, 2019). Está, portanto, intimamente relacionado à ideia de pulsão de morte, cuja tendência à agressividade torna-se um empecilho à civilização (Freud, 1930/2010a).

Segundo as considerações freudianas, o ódio existe desde o princípio, sendo constitutivo do sujeito. Em *Os instintos e seus destinos*, Freud (1915/2010b) discorre sobre a ambivalência amor x ódio, sentimentos opostos que, na relação com o objeto, ocorrem de forma simultânea; por outro lado, o ódio é aquilo no qual o amor tende a reverter-se quando há uma frustração com o objeto que venha a se tornar fonte de desprazer:

O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. Pode-se mesmo afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua conservação e afirmação (Freud, 1915/2010b, p. 78).

Neste ponto, Freud (1915/2010b) articula o ódio ao narcisismo, passando a compreendê-lo como uma experiência humana primordial diante da frustração de exigências pulsionais: se, por um lado, o objeto nutre o bebê, suprimindo-lhe as necessidades fisiológicas, por outro, ele será vivido como um intruso e causador de desprazer. Conforme Freud,

Quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do Eu, incorporá-lo ao Eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente,

⁸ Utilizamos-nos da obra freudiana traduzida pela editora Companhia das Letras, que traduz a palavra alemã *Trieb* como “instinto”. Há controvérsias sobre o uso da palavra instinto (*Instinkt*, em alemão) enquanto sinônimo de pulsão (*Trieb*), já que o instinto pode ser um comportamento biologicamente herdado e igual em todos os membros de uma determinada espécie, em busca de sobrevivência; enquanto as pulsões representam forças impulsionadoras que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, sendo exclusivamente pertencentes ao mundo interno do sujeito, conforme a história subjetiva de cada um. O próprio Freud utiliza-se das palavras *Instinkt* e *Trieb* com sentidos diferentes. Por utilizarmos a tradução da Companhia das Letras, no entanto, **tratamos instinto e pulsão como sinônimos**. Referências à obra freudiana, como no título “Os instintos e seus destinos” (Freud, 1915/2010b), e possíveis citações diretas a ela virão com a palavra “instinto”, enquanto em nossos escritos trataremos o termo “pulsão”, considerado mais adequado à teoria.

quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsão” do objeto e o odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo (Freud, 1915/2010b, p. 76).

Há, portanto, uma dimensão destrutiva do ódio. Mas Barros (2013) o apresenta como um fenômeno paradoxal: concomitantemente à sua dimensão destrutiva, o ódio exerce uma função psíquica de conservação narcísica, já que possibilita a construção da diferenciação entre o Eu e o objeto: “ao odiar, o Eu exerce sua autonomia e sua diferença em relação ao objeto odiado” (Pereira & Coelho, 2019, p. 50). Por isso, é importante não considerar o ódio apenas em sua face destrutiva.

Freud (1915/2010b) já demonstrava que o ódio não é apenas um destruidor do objeto: é, também, um importante recurso para que se estabeleça um limite que diferencia o que está dentro e o que está fora (Jeammet, 2005). O indivíduo introjeta o que é bom e expulsa de si o que é mau, passando a vivê-lo como externo. Nesta perspectiva, “o ódio cria o objeto” (Pereira & Coelho, 2019, p. 52), sendo um importante elemento na constituição e manutenção psíquica dos sujeitos.

Esclarecidos tais aspectos, agora podemos avançar à nossa discussão, que apresenta ambas as faces do ódio: sua destrutividade e sua utilização enquanto ferramenta de manutenção das identidades dos sujeitos, como discute Volkan (1985; 2007; 2008a).

1.2 Uma Nação em conflito: o ódio vai às ruas

Tomamos como ponto inicial de nossa retomada histórica o ano de 2013, quando o país caminhava para o fim do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff (2011-2014). Naquele ano, mais de um milhão de pessoas saíram às ruas do Brasil em manifestações que se iniciaram na capital paulista, em oposição ao aumento de R\$3,00 para R\$3,20 nas tarifas de ônibus e de metrô na cidade de São Paulo. O maciço retorno das massas às ruas do país, sob o slogan "o Gigante acordou", lembrava, em números de manifestantes, o movimento das Diretas Já, de 1983 a 1984, e as manifestações pelo *impeachment* de Fernando Collor de Mello, em 1992 (Gondim, 2016; Scartezini, 2016). Conhecidas como “Jornadas de Junho”, as manifestações caracterizaram-se pelo protagonismo jovem, heterogeneidade de participantes e ausência de centros formais de comando (Gondim, 2016), já que foram organizadas através das redes sociais de internet.

Após algumas manifestações em São Paulo - SP e a grande violência com que a polícia reprimiu os atos, o aumento das tarifas tornou-se um entre os múltiplos pontos em pauta, que

iam desde o direito de protestar nas ruas (tomado como “liberdade de expressão”) até a denúncia da insuficiência de recursos públicos destinados à educação e à saúde, a corrupção e os elevados recursos públicos destinados à Copa do Mundo de 2014, e as manifestações tomaram conta do país. Conforme pesquisa realizada pelo Datafolha naquele ano (Folha de São Paulo, 2013), 84% dos manifestantes diziam não ter partido de preferência, mostrando que, àquela época, “os manifestantes criticavam mais a política, em geral, do que políticos em particular” (Gondim, 2016, p. 11).

O que sucedeu nos dois anos seguintes foi visto como consequência da abertura do espaço de protesto pelas mobilizações de 2013. No ano de 2014, algumas pessoas voltaram às ruas contra os gastos exorbitantes do governo Dilma com a Copa. Além da crise econômica que assolava o país, o Partido dos Trabalhadores (PT), da então presidente, era alvo da Operação Lava Jato, uma grande investigação da Polícia Federal sobre escândalos de corrupção no país.

Nas eleições presidenciais de 2014, o debate político foi tomado pela maniqueísta dicotomia entre petistas e antipetistas, e os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves (PSDB) passaram a ver vistos, respectivamente, como “inimiga” e “salvador” da Pátria. A apertada vitória de Dilma Rousseff (51,64% dos votos válidos do segundo turno) sobre Aécio Neves mobilizou massivamente os brasileiros, a grande maioria fazendo forte oposição à presidente reeleita, o que culminou nas manifestações do ano de 2015. O próprio Aécio, após a derrota, prometeu fazer oposição “incansável, inquebrantável e intransigente na defesa dos interesses dos brasileiros”, conforme palavras do próprio político (Oliveira, 2014).

Segundo o Datafolha (2015), em análise do perfil dos manifestantes no primeiro protesto daquele ano (em 15 de março), 96% dos presentes na Avenida Paulista avaliavam o governo da presidente Dilma Rousseff como “ruim” ou “péssimo”. Além disso, 82% deles declaravam ter votado em Aécio Neves no segundo turno das eleições, enquanto 3% haviam votado em Dilma, 8% haviam votado em branco ou nulo e havia 6% de abstenção.

Enquanto as Jornadas de Junho, em 2013, eram majoritariamente compostas por participantes de camadas populares, com maior índice de negros e de pessoas com apenas o ensino fundamental completo, as manifestações de 2015 contaram com uma base de manifestantes mais branca, mais rica, mais instruída, que compunha a classe média⁹ brasileira. Para Scartezini (2016), essa diferença na composição da base social é fundamental para

⁹ Aquilo que os weberianos designaram como classe média surge na terminologia marxista com outras nomenclaturas, tais como “nova pequena burguesia”, “pequena burguesia urbana”, “nova classe operária” (Estanque, 2016), e diz respeito a uma classe social que se define não apenas por critérios econômicos, como a faixa de renda, mas por suas tendências políticas e ideológicas, a saber: defesa da meritocracia, individualismo, apelo ao *status quo*, medo da revolução, aspiração ao estatuto burguês, tendência a apoiar “Estados fortes”, entre outras (Poulantzas, 1973).

compreendermos a “notável guinada à direita *com vias à fascistização*¹⁰ das manifestações de rua no Brasil” (p. 188, destaque nosso), afinal, como afirmam Reich (2001) e Adorno (2019), o fascismo é um fenômeno da classe média.

Vestidos de verde e amarelo e ostentando bandeiras do Brasil, os manifestantes de 2015 diziam-se preocupados com a “ameaça comunista”. Dentre as reivindicações, a mais unânime era pelo *impeachment* da presidente Dilma, e os discursos carregados de afetos negativos voltaram-se radicalmente contra ela e o Partido dos Trabalhadores (PT), através de palavras de ordem como “Fora Dilma”, “Fora PT”, “Lula nunca mais”, “CorruPTos” e “Impeachment Já!”. Sérgio Moro, o juiz que estava à frente dos julgamentos provenientes das denúncias da Operação Lava Jato, levada a cabo pelo Ministério Público – e que posteriormente foi designado ao cargo de Ministro da Justiça do governo Bolsonaro –, era exaltado durante os protestos como “herói”¹¹ (Scartezini, 2016).

Alguns autores, como Bringel e Pleyers (2015), afirmam que a polarização política não se deu apenas em 2015, após a vitória de Dilma. Para esses autores, já nas manifestações de 2013 “coexistiam críticas, repertórios e atores à esquerda e à direita, sempre com posturas polarizadas” (p. 6), mas esta polarização de ideias estava diluída na indignação em massa que tomava conta dos brasileiros. Os autores afirmam que em 2014 e, especialmente, em 2015, alguns temas e reivindicações foram alinhados mais claramente à direita ou à esquerda, tendo objetivos e recortes mais definidos e opostos, construindo as identidades dos grupos. Ao longo de 2015, portanto, não houve o *surgimento* da polarização, mas o *acirramento* dela, e a ampla e complexa sociedade brasileira foi mais claramente dividida entre “coxinhas” e “petralhas”:

Por ora, é possível identificar claramente no Brasil hoje dois polos radicalmente antagônicos, com uma diversidade de situações intermediárias possíveis. Por um lado, um campo progressista e de radicalização da democracia que age orientado por valores como a igualdade, a justiça, a pluralidade, a diferença e o bem viver. Por outro lado, um campo reacionário, marcado pelo autoritarismo, certos traços fascistas e antidemocráticos e pela defesa dos privilégios de classe, da propriedade privada e de uma visão sempre evasiva da liberdade (Bringel & Pleyers, 2015, p. 12).

Com os avanços da Operação Lava Jato e a crescente mobilização política através de redes sociais, não tardou para o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff ser admitido pelo

¹⁰ Há controvérsias sobre o fenômeno político brasileiro poder ser ou não enquadrado enquanto fascista. Neste trabalho, concordamos com Scartezini (2016) quando a autora diz “com vias à fascistização”, pois há uma *tendência* autoritária fascista, não um fascismo realmente instituído.

¹¹ Mais tarde, Sérgio Moro passou a ser muito questionado pelo próprio Supremo Tribunal Federal (STF), que, em março de 2021, por 7 votos a 4 no Plenário, decidiu que Moro atuou com parcialidade ao julgar a ação penal contra o ex-presidente Lula. Tal decisão anulou as condenações contra o petista e permitiram-no retomar seus direitos políticos.

presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha¹² (MDB-RJ), por 367 votos favoráveis e 137 contrários, e o processo pôde seguir para o Senado. Na Câmara, os votos favoráveis vieram, em grande medida, acompanhados por discursos como: "pelo Brasil", "pelo povo brasileiro", "em defesa da família e da fé" e "em nome de Deus", como registram Prandi e Carneiro (2018), em pesquisa e análise sobre as justificativas de voto dos deputados¹³. Dentre os votantes, destacou-se o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, que homenageou, durante seu voto, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra – acusado pela Comissão da Verdade de comandar e participar de episódios de tortura nos chamados Anos de Chumbo, durante a Ditadura Militar –, caracterizando-o como “o terror de Dilma Rousseff”¹⁴. Durante o processo de *impeachment* – que se encerrou no Senado em 31 de agosto de 2016, com 61 votos favoráveis e 20 contrários –, Bolsonaro passou a ganhar cada vez mais destaque na mídia, apresentando-se, a princípio, como a antítese de Dilma (Casara, 2020) e, mais tarde, como oposto de Lula e do PT.

Para desconstruir a imagem de Dilma e tomar o poder, forças políticas reacionárias, conservadoras, liberais e neoliberais recorreram ao método, considerado autoritário, de reescrever a História, colocando em dúvida a existência da ditadura militar brasileira instaurada em 1964 (Casara, 2020). Além disso, conforme o autor, Dilma, o PT e tudo a eles relacionado foram vistos como os grandes culpados pela crise no país e como ameaça aos valores morais e cristãos da dita família tradicional brasileira.

A mobilização *on-line* em prol do *impeachment* teve a participação de emergentes grupos políticos de direita, como o Movimento Brasil Livre (MBL), o Movimento Contra a Corrupção (MCC), o “Vem Pra Rua” e o “Revoltados Online”, além do apoio de partidos políticos de oposição ao governo petista, empresas de comunicação, jornalistas, celebridades, grupos e perfis defensores da intervenção militar (Penteado & Lerner, 2018). Nas manifestações, emergiram da classe média discursos contrários aos programas de inclusão social realizados pelo PT, demonstrando seu desconforto com a diminuição da distância que os separava dos mais pobres, pela perda de privilégios econômicos e sociais (Casara, 2020; Miguel, 2018; Ribeiro, 2018). Além disso, o PT passou a ser representado como uma

¹² Logo após o processo de *impeachment*, Cunha foi preso em Brasília devido a envolvimento com propina, por decisão do então juiz Sérgio Moro.

¹³ C.f. vídeo do canal “Fundo Eleitoral”, no YouTube: “Relembre os principais votos do impeachment de Dilma Rousseff na câmara dos deputados em 2016”, (12min 18s).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ht_bVvyjRuA> Acesso em: 18 jan. 2020.

¹⁴ Sabe-se que a ex-presidente fora presa no ano de 1970 e submetida a torturas em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Dados encontrados no site “Memórias da Ditadura” afirmam que “(...) as torturas aplicadas foram o pau de arara, a palmatória, choques e socos, que causaram problemas em sua arcada dentária.” Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dilma-rousseff/>> Acesso em 10 jan. 2020.

“encarnação do comunismo no Brasil” (Miguel, 2018, p. 22), aliando o anticomunismo ao antipetismo e à ideia de combate à corrupção¹⁵, criando duas identidades de grupos distintas:

A produção do discurso que conseguiu associar o Partido dos Trabalhadores com a corrupção e os “perigos do comunismo” permitiu formar uma frente ampla de direita que se articulou na construção de uma identidade de um “nós” (cidadãos de bem) em oposição a “eles” (esquerda, petistas, comunistas) (...) Assim, a rede de direita conseguiu agrupar em torno de si perfis e páginas com posicionamentos políticos, sociais e ideológicos diferenciados, mas agrupados em uma “identidade de direita” na luta para “tirar o PT do poder” (Penteado & Lerner, 2016, p. 22).

Na divisão dos indivíduos em grupos, “eles”, como afirma Lilia Schwarcz (2019), seriam preguiçosos, corruptos, ladrões, ideólogos, pessoas sem escrúpulos, parasitas. “Nós”, por outro lado, na base da contraposição, abarcaria tudo o que estaria do outro lado da polaridade, que seria correto, justo e exemplar.

Após três meses de tramitação do processo de *impeachment*, em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff foi oficialmente afastada da Presidência da República, dando o lugar a seu vice, Michel Temer. Desde sua chegada ao poder, Temer foi visto com desconfiança, principalmente por ter, ainda como vice-presidente, articulado e trabalhado politicamente para derrubar a então presidente. Em seu governo, encabeçou um projeto que se apresentava como “reformista”, “modernizador” e ao mesmo tempo “semiparlamentarista”, passando de um articulador de centro-esquerda para a centro-direita (Finguerut & Souza, 2018). Seus dois anos de governo foram marcados por denúncias de corrupção e protestos, e terminaram com a maior taxa de reprovação presidencial desde a redemocratização do Brasil: em julho de 2018, afirma o Datafolha (2018), 82% dos brasileiros avaliavam seu governo como ruim ou péssimo.

Com o afastamento de Dilma, a direita perdeu seu elemento unificador, a aliança pragmática cessou e os grupos políticos rumaram por caminhos diferentes, refletindo na ampla variedade de candidatos às eleições de 2018. Dois grandes candidatos, no entanto, chamavam a atenção: Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) e o “capitão” Jair Bolsonaro. É importante lembrar que o ex-presidente Lula foi considerado inelegível devido a desdobramentos da Operação Lava Jato, comandada pelo juiz Sérgio Moro. Por isso, Fernando Haddad foi lançado como candidato do Partido dos Trabalhadores.

Em 2018, durante o período eleitoral, as redes sociais foram, digamos, à loucura, tornando-se palco da guerra entre apoiadores de Bolsonaro e opositores. As eleições daquele ano foram uma das mais polarizadas da História do Brasil (Fundação Getúlio Vargas [FGV], 2018), e as redes sociais foram um importante palco do debate político.

¹⁵ Um pensamento baseado na equação *comunismo = PT = corrupção*.

Em levantamento realizado pela Fundação Getúlio Vargas, em 2018, com postagens relacionadas aos cinco presidenciáveis mais bem posicionados nas pesquisas do primeiro turno das eleições – Jair Bolsonaro (à época, filiado ao PSL; hoje, do PL), Ciro Gomes (PDT), Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (REDE), Fernando Haddad (PT) –, Bolsonaro era o candidato mais citado no Twitter, tanto por perfis conservadores quanto por progressistas. O pico das publicações ocorreu no dia 06 de setembro daquele ano, quando o candidato levou uma facada durante ato em Juiz de Fora (MG), com postagens que variavam desde manifestações de pesar até questionamentos sobre a veracidade do evento. Entre as *hashtags*¹⁶ relacionadas à Bolsonaro, as mais numerosas daquele ano foram #elenão (1 milhão), #elenunca (390 mil) e #elesim (283,9 mil) (FGV, 2018).

Fernando Haddad, por sua vez, era o segundo colocado em número de citações no Twitter, sendo fortemente associado a Lula e a postagens sobre corrupção. No Facebook, a página de Haddad também apresentou a segunda maior curva de crescimento no número de interações das postagens, enquanto o primeiro lugar ficava, novamente, com Jair Bolsonaro, que apresentava o maior número de interações em suas postagens e a maior curva de crescimento entre os presidenciáveis, ainda conforme dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2018). Em ambas as redes sociais, ficava evidente a polarização que levou Jair Bolsonaro e Fernando Haddad ao segundo turno das eleições.

A campanha eleitoral de Jair Bolsonaro foi marcada pela ampla divulgação de desinformação e *fake news* – fator que o aproximava muito de Donald Trump¹⁷, ex-presidente dos Estados Unidos. Bolsonaro se mostrava como um homem simples que “falava o que pensava”, e ganhou a admiração de grande parte do eleitorado brasileiro. A verdade é que a campanha bolsonarista utilizava-se de técnicas de propaganda há muito conhecidas¹⁸ e que derivavam da psicologia das massas, com todo um instrumental destinado a moldar comportamentos a partir de cálculos emocionais, com objetivos tradicionalmente vinculados à extrema-direita (Casara, 2020).

¹⁶ Utilizado nas redes sociais, *hashtag* é um composto de palavras-chave, ou de uma única palavra, que é precedido pelo símbolo cerquilha (#). As *hashtags* tornam-se links indexáveis pelos mecanismos de busca, o que permite que os demais usuários possam clicar ou procurá-las para visualizar todas as informações relacionadas aos temas em tópicos ou discussões online. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/produtos/O-que-e-hashtag/>> Acesso em: 18 jan. 2020.

¹⁷ O antigo diretor executivo da campanha presidencial de Donald Trump, Stephen Bannon (“Steve” Bannon) – que chegou a ser conselheiro estratégico da presidência norte-americana –, aparece ligado a partidos políticos da direita radical e a personagens conservadores na Europa, Ásia e América Latina, incluindo Jair Bolsonaro (Casara, 2020). O “modelo Bannon” de campanha política, conforme Rubens Casara (2020), é feito de manipulações de preconceitos, divulgação de *fake news* e desinformação, e serviu de inspiração à implantação do projeto neoliberal ultra autoritário do governo Bolsonaro.

¹⁸ E amplamente discutidas por célebres autores como Gustave Le Bon, em *Psicologia das Multidões*, publicado em 1895; McDougall, em *A mente grupal*, livro de 1920; Sigmund Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, lançado em 1921; e Theodor Adorno, em *Estudos sobre a personalidade autoritária*, obra de 1951.

Não é preciso muita pesquisa ou estudo aprofundado para perceber as semelhanças entre a propaganda bolsonarista e a propaganda fascista analisada por Adorno (1946) em *Propaganda fascista e antissemitismo*. Através das redes sociais e de discursos e aparições polêmicas, Bolsonaro utilizava-se de linguagem simples e pensamentos estereotipados para manipular ódios e ressentimentos presentes na sociedade brasileira. Como é característico da propaganda fascista (Adorno, 1946), o “capitão” não focava em objetivos políticos, não tentava convencer o público através de ideias e argumentos. Mais do que isso, ele conquistava votos trabalhando os mecanismos inconscientes e, portanto, irracionais de seus eleitores em potencial. Objetivava muito mais levar seus seguidores ao frenesi, ao gozo; seu objetivo era muito mais seduzir seu público do que convencê-lo (Casara, 2020).

Decepcionados com a recessão econômica, com a perda de privilégios e em busca de estabilidade, brasileiros de personalidades potencialmente autoritárias (Adorno, 2019) cederam à propaganda bolsonarista e passaram a desejar o retorno do cajado, do uso da força por parte do governo. Conforme Casara (2020), “o autoritarismo foi, para o eleitor brasileiro de 2018, a referência estável e segura, já que a opção democrática foi demonizada pela racionalidade liberal” (p. 68).

Aproveitando-se do fato de as massas serem impulsivas, volúveis e excitáveis (Freud, 1921/2011a), o “mito” – como é chamado por seus eleitores – criou uma legião de seguidores através de estímulos desmedidos, utilizando-se do ódio e da intolerância como elemento unificador deste grupo:

A propaganda bolsonarista, em especial através das redes sociais, buscava transformações culturais na sociedade brasileira, com a desestabilização dos adversários políticos, a demonização de figuras do mundo político e cultural, a estigmatização do pensamento, o crescimento de conflitos internos a partir de manifestações de massa “espontâneas” que se realizam em torno de pautas abertas e abstratas (“defesa da família brasileira”, “contra a corrupção”, “contra tudo o que está aí” etc.). (Casara, 2020, p.44).

Desde a campanha eleitoral, Bolsonaro soube explorar a irracionalidade de seus seguidores em potencial. Seu discurso atacava os limites éticos, jurídicos e civilizacionais estabelecidos para criar obstáculos à violência, ao racismo, machismo, homofobia etc. (Casara, 2020); além de criticar o “politicamente correto” e importantes conquistas da Humanidade, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em julho de 2018, Bolsonaro publicou em seu *Twitter*:

O politicamente correto é uma das táticas da esquerda para fazer o que sempre fizeram em países que implementaram seu plano de poder: aos simpatizantes tudo, aos adversários a força e à população o controle, a mordada e nada mais (Bolsonaro, 2018).

Nos primeiros minutos de seu discurso de posse, em 1º de janeiro de 2019, o presidente bradou ao público, do alto do parlatório do Palácio do Planalto: "... me coloco diante de toda a Nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto"¹⁹, levando seu público ao êxtase.

A vitória eleitoral de Bolsonaro nos permitiu (re)conhecer algo da sociedade brasileira - e, por que não?, da humanidade – que ela mesma se recusa a conhecer: a crença na violência, o racismo, o machismo, o convencionalismo, a preocupação com a sexualidade alheia, a homofobia e o anti-intelectualismo são fortemente sedimentados em nossa cultura e retornam em forma de voto e apoio a um líder que não tenta disfarçar seus preconceitos e tendências autoritárias e antidemocráticas (Casara, 2020).

Com essa vitória, o ódio e a intolerância pareceram legitimados no país, e a atmosfera de agressividade tomou conta dos espaços de convívio do brasileiro. Nas redes sociais, em especial, apoiadores e opositores do presidente eleito trocavam ofensas, em algo muito próximo a, digamos, uma guerra civil digital. Após eleito, as declarações polêmicas do presidente não cessaram, e seguiram sempre aclamadas por seus fiéis eleitores, que não cansavam de compartilhá-las em suas redes.

1.3 Grupos em conflito e a proposta deste trabalho

Preocupa-nos esse cenário de violência, ódio e intolerância que se instalou no Brasil e tomou conta das ruas, das reuniões de família, das redes sociais e muitos outros espaços de convivência, gerando um clima de mal-estar e angústia na sociedade brasileira. Ao longo dos últimos anos, pudemos observar muitas amizades se desfazerem por discussões acaloradas em espaços presenciais e digitais, caracterizadas por um elevado grau de intransigência e agressividade. Conforme pesquisa do Datafolha realizada em dezembro de 2019, 46% dos entrevistados deixaram de comentar ou compartilhar alguma coisa sobre política em suas redes sociais para evitar discussões com amigos ou familiares. Além disso, 19% deles deixaram de seguir ou bloquearam algum amigo ou pessoa da família por discordar de suas posições políticas (Datafolha, 2019).

¹⁹ C.f. na íntegra o discurso de posse do presidente Bolsonaro, em vídeo do canal Vejapontocom, *NA ÍNTEGRA: Bolsonaro faz discurso à nação, 2019*. (9min15s). Disponível em: <[youtube.com/watch?v=IwcF1MFR7Is](https://www.youtube.com/watch?v=IwcF1MFR7Is)> Acesso em: 20 jan. 2021.

As redes sociais se tornaram palco para o embate não somente entre os políticos, mas também entre os eleitores e militantes, sendo um espaço, ao menos aparentemente, sem repressões para manifestações agressivas. Homens e mulheres de todas as idades utilizavam-se do argumento da “liberdade de expressão” para, sem medir as palavras, posicionarem-se sobre os mais diversos assuntos, muitas vezes exteriorizando conteúdos discriminatórios e cheios de ódio. Como afirmam Silva Júnior e Mello Neto (2020), o brasileiro, angustiado, passou a contrariar a velha imagem de um povo pacífico, avesso a conflitos e que convive de forma harmoniosa, e direcionou grande parte de sua energia à destruição, mesmo que simbólica, do “inimigo”.

De um lado, pois, estavam aqueles que buscavam o restabelecimento da “ordem”, por sentirem suas identidades individuais e grupais ameaçadas pelo “politicamente correto”: eram contra o aborto, contra a educação sexual nas escolas, repudiam a homossexualidade, buscavam manter aspectos daquilo que chamam de “família tradicional”. Do outro lado, estavam os progressistas, que também sentiam, de alguma forma, suas identidades ameaçadas pelos ideais conservadores, e diziam lutar pela democracia, pela defesa das minorias e pela justiça social. Ambos os grupos se colocaram em exasperado conflito, um na tentativa de eliminar o outro e, como mostraremos mais à frente, conforme a teoria de Vamik Volkan, manter a integridade de suas identidades.

Muito se questiona sobre a viabilidade de se fazer pesquisas não clínicas em psicanálise. Freud, no entanto, já analisava fenômenos coletivos – inclusive para compreender processos clínicos individuais. O autor afirmava textualmente que “a Psicologia individual é também, desde o início, Psicologia social” (Freud, 1921/2011a, p. 14), e sinalizava sobre a irrefutável possibilidade de se fazer pesquisa psicanalítica (Rosa, 2004) ou, como nomeava Freud, psicanálise aplicada (Rosa & Domingues, 2010).

Para Renato Mezan (2019) não há, no fim das contas, distinção entre psicanálise “pura” e aplicada, já que o sujeito e o meio se inter-relacionam: o neurótico e o psicótico fazem parte da realidade social, estão implicados no mundo da cultura. Jean Laplanche (1992) também critica a noção de “aplicação” da psicanálise, por entender que tal nomenclatura traz a ideia de que os desenvolvimentos teóricos psicanalíticos sejam feitos apenas no âmbito clínico e, posteriormente, aplicados a outros campos (Rosa & Domingues, 2010). O autor propõe a denominação “psicanálise extramuros” para a psicanálise fora do contexto clínico, que se dedica ao estudo de fenômenos culturais, produzindo teoria e colocando-a em movimento.

Partindo da premissa de que é plenamente possível utilizar-se da teoria psicanalítica para compreender fenômenos sociais e políticos, o objetivo deste trabalho não é, em essência, defender um ou outro lado do conflito, mas entender como este conflito se dá e quais suas

consequências para o mal-estar presente na atual sociedade brasileira. Ocorre que não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que a ciência seja politicamente neutra, nem tampouco o pesquisador. Este trabalho, inclusive, foi motivado por nossas convicções políticas. Ainda que muitas formas de fazer ciência costumem buscar algum grau de objetividade e distanciamento, isto não é possível nas pesquisas em ciências humanas, que são atravessadas pelas subjetividades de pesquisadores e sujeitos de pesquisa. Na psicanálise, inclusive, fazemos de tudo isso nosso objeto de análise, a partir de transferências e contratransferências – esta última considerada ainda mais importante que a primeira, para autores como Devereux (1967).

Em *Observações sobre o amor de transferência*, Freud (1915/2010c) introduz a ideia de neutralidade como equivalente a uma postura não-contratransferencial, ou seja, que evite o estabelecimento de uma contratransferência que venha a prejudicar o tratamento. Além disso, ao pensarmos os conceitos de associação livre e atenção flutuante, fundamentais no *setting* analítico, é possível compreender mais a fundo este conceito de neutralidade. Em análise, de nada adianta que apenas a fala do analisando seja livre, sem autocrítica. É necessário que também – e sobretudo – a escuta seja livre, que o analista suspenda toda a crítica quanto ao que ouve e consiga deixar seu próprio inconsciente associar livremente, sem selecionar trechos do discurso do analisando a partir de suas próprias censuras e resistências.

Para o psicanalista M. D. Magno (citado por Souza & Coelho, 2012), “o neutro não seria aquele que iguala o bem e o mal, mas o que se coloca indiferente²⁰ a essa questão, não escolhe um ou outro” (p. 97). A ocupação do lugar de neutralidade passa, portanto, a fazer parte da ética do analista (Souza & Coelho, 2012).

Ainda que seja necessário admitir que este não é um trabalho politicamente neutro, nesta pesquisa buscamos manter a neutralidade psicanalítica assinalada por Freud, colocando em parênteses nossas posições políticas, e disponibilizando nosso interesse à coleta e análise dos dados. Afinal, como também afirmam Souza e Coelho (2012), “estar neutro não significa isentar-se do que quer que seja, mas sim poder suportar o que causa aversão, assim como questionar o que causa atração” (p. 98).

Pensando nisso, iniciamos nossos capítulos teóricos apresentando ideias da psicanálise freudiana sobre a psicologia de massas, como o mito dito científico da horda primitiva e a importância do líder, as características das massas psicológicas e o conceito – fundamental neste trabalho – de identificação. Depois, seguimos para um capítulo sobre as contribuições de Vamik Volkan à psicologia de grandes grupos em conflito, trazendo suas principais ideias, as quais

²⁰ Magno (1994), que aponta a neutralidade como definidora de uma postura analítica, prefere utilizar o termo *indiferença*, apesar de considerá-lo sinônimo de neutralidade. O autor faz uma distinção importante, no entanto, entre a indiferença (neutralidade) e o desinteresse, visto que afirma não falar de uma indiferença desinteressada, mas como uma disponibilidade ao interesse, um interesse desconfigurado, na direção da atenção flutuante proposta por Freud (Souza & Coelho, 2012).

buscamos utilizar para o estudo de nossa realidade. Em seguida, apresentaremos como as redes sociais se tornaram palco e grandes catalisadoras dos movimentos políticos de massa ocorridos no Brasil, delineando a forma como a angústia, o ódio e o mal-estar tomaram conta da sociedade brasileira.

Os capítulos que se seguem são de natureza empírica. Em um movimento exploratório, buscamos nos familiarizar com o fenômeno estudado e fazer um levantamento de dados sobre o problema. Para isso, recorreremos à pesquisa em meios de comunicação em massa (Gil, 2008) para, a partir da análise e interpretação de conteúdos publicados em redes sociais²¹, compreender o conflito entre os dois grandes grupos sociopolíticos brasileiros. Além do baixo custo e da facilidade em obter dados sem constrangimento aos participantes da pesquisa, as fontes documentais nos pareceram bastante adequadas, já que, como pontua Gil (2008), elas nos permitem conhecer não só o movimento atual, mas também aspectos do passado, possibilitando que investiguemos eventuais mudanças sociais que tenham ocorrido no período estudado.

Para isso, utilizamos o método psicanalítico da atenção flutuante e interpretação dos conteúdos na busca por manifestações da vida inconsciente dos grandes grupos estudados. Sendo o *Facebook* a rede social mais utilizada pelo público brasileiro²², optamos por analisar postagens e comentários nos “perfis” do *Facebook* de Lula e Jair Bolsonaro, tidos como líderes dos grandes grupos estudados.

Nossa coleta de dados limitou-se a publicações referentes ao período entre os anos de 2013 e 2021²³ e buscamos avaliar os discursos dos líderes políticos, de seus seguidores e opositores. A partir de uma leitura inicial das publicações, selecionamos aquelas cujos comentários pareceram suscetíveis de fornecer informações sobre o conflito entre os grupos. Considerando a ampla variedade de conteúdo disponível na internet, esta pesquisa não teve a pretensão de ser exaustiva, já que não era viável (nem necessário) coletar e analisar todo o material existente.

Selecionamos a quantidade de dados que consideramos suficiente para nossa análise, e iniciamos a fase de exploração do material. No capítulo 4 deste trabalho, apresentamos nossos

²¹ Postagens e comentários em redes sociais são considerados informações de acesso e domínio público, e a pesquisa a partir de tais documentos prescinde de apreciação ética pelo sistema CEP/CONEP, conforme o Art. 1º da Resolução Nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Ainda assim, prezamos pela preservação da identidade dos autores dos comentários coletados, e optamos por utilizar apenas as iniciais de seus nomes e o gênero declarado em seus perfis do *Facebook*.

²² Em 2018, o Brasil ocupava o 3º lugar entre os países com maior número de usuários do Facebook (FGV, 2018), passando para a 4ª posição no ano de 2021, conforme dados da Statista (2021).

²³ Posteriormente, como nossa pesquisa se estendeu até o ano de 2022, optamos por também apresentar um panorama das eleições deste ano.

dados à luz da teoria freudiana e, no capítulo 5, tomamos por referência a obra do psicanalista Vamik Volkan e de outros autores da grupanálise para compreender o conflito brasileiro.

2 Psicologia das massas e a criação do inimigo

Neste capítulo, utilizamo-nos dos escritos freudianos que marcam a entrada do autor no universo das ciências sociais para mostrar como se dá a formação e dinâmica dos grupos pela ótica psicanalítica. É, portanto, a partir das reflexões de Freud acerca da psicologia social, estritamente imbricada na psicologia do indivíduo, que iniciaremos nossa discussão acerca dos grupos em conflito no Brasil.

É sabido, conforme algumas das teorias dos grupos (Lewin, 1978; Pichón-Riviére, 1994), que grupos são mais do que a simples soma de suas partes e do que a mera junção de pessoas, e que uma das características do que pode ser considerado um grupo é a existência de um ou mais interesses e objetivos comuns entre seus membros.

Em *Totem e Tabu* (1912-1913), Freud recorre à ideia darwiniana de que o homem primitivo teria vivido em hordas governadas por um macho mais velho e mais forte (Freud, 1921/2011a; Ramos, 2003), um pai violento e ciumento que reservaria todas as fêmeas para si, e que expulsaria da tribo os filhos crescidos (Freud, 1912-13/2012). A proposta de Freud é que o primeiro projeto em comum dessas hordas primitivas foi da ordem da conspiração contra o outro, contra um poder vivenciado como maléfico (Enriquez, 1990), a saber: o assassinato do Pai da horda – que teria permitido o estabelecimento de relações comunitárias e o surgimento da sociedade.

“Certo dia”, escreve Freud (1912-13/2012), “os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva” (p. 216). Ao preparar o complô que viria a assassinar o pai, os jovens machos se identificaram uns com os outros, exprimindo sua solidariedade e reconhecendo o laço libidinal que os unia em um ódio comum (Enriquez, 1990). Ao matar e devorar o pai em um banquete coletivo, os irmãos da horda o incorporaram, trazendo para dentro de si a força, as virtudes e os poderes daquele que imaginavam possui-los. Nesse momento, após comerem juntos da mesma carne e beberem do mesmo sangue, os irmãos viram-se em igualdade e viveram um sentimento coletivo ao perceberem, no olhar do outro, o mesmo ódio e excitação que tinham dentro de si (Enriquez, 1990). Agora, os irmãos viviam em comunidade, num grupo onde a alteridade era reconhecida e a potência sexual repartida.

Em *Freud, pensador da cultura*, Renato Mezan (2019) afirma que *Totem e Tabu* ocupou Freud quase com exclusividade de setembro de 1911 a maio de 1913. Com esta obra, o objetivo inicial de Freud era pensar, numa perspectiva psicanalítica, o surgimento e o sentido da religião; para isso, ao invés de tomar a mitologia grega ou indo-europeia, ele se voltou para os aborígenes australianos que, conforme antropólogos da época, eram as tribos mais selvagens então conhecidas. Conforme Mezan (2019), este trabalho de Freud é situado como uma reconstrução

do que teria sido a origem da civilização, e o caráter de reconstrução invalida as críticas mais frequentes feitas ao livro, segundo as quais os acontecimentos inferidos por Freud não seriam verificáveis.

Outro ponto destacado pelo autor de *Freud, pensador da cultura* é que, caso a história da horda seja, ainda que remotamente, possível, os eventuais testemunhos estariam enterrados pela repressão há milênios e, como a reconstituição da infância na cura analítica, poderiam ser apenas inferidos e jamais comprovados – é por isso que Freud dá a esta história o estatuto de “mito científico”.

Ainda que Freud tenha sofrido – e ainda sofra – diversas críticas por esta obra, ele não se mostrou disposto a renunciar às suas conclusões, já que *Totem e Tabu* contribuiu para os avanços teóricos da psicanálise. Para Freud, as hipóteses sugeridas visam explicar a origem do social e da cultura, e ainda que não sejam suficientes para atingir esse propósito, não é justificado descartá-las (Mezan, 2019).

Portanto, não é preciso aceitar como verdadeira a hipótese freudiana para conseguir avaliar seu sentido e sua contribuição à teoria psicanalítica. Para Mezan (2019), *Totem e Tabu* representa o ponto de convergência de todo um período de investigações: retoma elementos da neurose (a ambivalência e os tabus), da psicose (projeção e narcisismo) e da fobia (o sentido paterno do animal totêmico). Além disso, as questões propostas têm como horizonte a função do pai, e o resultado do trabalho consiste em ancorar o complexo de Édipo não apenas às fantasias dos neuróticos, mas no ponto de origem da civilização – fundamentando, de modo mais amplo e seguro, a afirmação da universalidade deste complexo.

No mito científico de Freud, os irmãos da horda odiavam o pai, que era um forte obstáculo à sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais. Mas não só de ódio se fazia esta relação. Eles também o amavam e admiravam, na clássica relação ambivalente edípica, e foram tomados por culpa e arrependimento após satisfazerem seu ódio e concretizarem seu desejo de identificação com o poderoso pai, arrependimento este que também era sentido em comum. Com a culpa, os irmãos revogaram seu ato e “declararam ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem” (Freud, 1912-13/2012, p. 219), instaurando a primeira proibição (tabu) do totemismo: o parricídio ou, em linhas gerais, o homicídio – “Não matarás!”.

O segundo tabu totêmico – o horror ao incesto – surge, conforme o mito freudiano, do fato de que, com a morte do pai, os irmãos tornaram-se rivais uns dos outros em relação às mulheres. Para viverem juntos de forma harmoniosa e salvar a organização social, foi necessário renunciarem às mulheres que desejavam e suprimirem alguns instintos (Freud, 1912-13/2012). Vale ressaltar que o incesto e o assassinato “são justamente os crimes de Édipo” (Ramos, 2003, p. 186), e que, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/2011a)

afirma que os impulsos sexuais diretos desunem os irmãos, que passariam a lutar pelas mulheres. Além da proibição dos assassinatos, a abstinência sexual enquanto renúncia às mulheres do pai também faz parte do contrato social que mantém os grupos coesos.

Para Freud, portanto, o assassinato do pai da horda primitiva explicaria o surgimento de aspectos fundamentais da cultura: o sentimento de culpa (ou angústia social); a renúncia à realização de alguns desejos; a instituição da função paterna; a necessidade de uma lei externa e transcendente, que se manifestaria em uma organização social, em restrições morais e na religião (Enriquez, 1990). Para explicar como tais aspectos chegariam aos homens contemporâneos, Freud (1912-13/2012) utiliza-se da tese lamarckiana da hereditariedade dos caracteres adquiridos, expandindo-a do nível biológico para o psíquico. Assim, a ontogênese repetiria tais etapas da filogênese.

Se no mito científico de Freud o assassinato do Pai Primevo é o que possibilita o surgimento da civilização, no Complexo de Édipo a interdição do pai real perante o amor da mãe e a consequente morte simbólica deste pai é que possibilita que a criança se torne um ser social (Rodrigues, Morganti & Silva, 2020). Conforme Rodrigues, Morganti e Silva (2020), a incorporação da lei parental ocorre a partir de duas frentes: “a primeira a partir da imposição de um traço externo, uma referência segura do Eu, que dará origem ao Ideal do Eu; e, ao mesmo tempo, a imposição da interdição, que formará o Supereu” (p. 600), este último sendo a instância crítica reguladora dos instintos humanos. É essa intensificação da repressão interna que possibilita a vida em comum dos homens, sendo a civilização formada pela supressão e renúncia dos impulsos – que intensifica a sensação de culpa e gera um inescapável mal-estar (Freud, 1930/2010a).

Freud (1921/2011a) afirma que a eliminação do Pai primevo pelos filhos deixaria traços indeléveis na humanidade. A figura do Pai, sua onipresença e seu poder seriam encontrados em todo o desenvolvimento da sociedade, que marca sua presença na estrutura patriarcal familiar, religiosa e governamental (Cerqueira, 2002). As massas humanas, afirma Freud (1921/2011a), “exibem novamente a familiar imagem do indivíduo superforte em meio a um bando de companheiros iguais” (p. 84), e seriam uma revivescência da horda primeva: os indivíduos modernos repetiriam os traços deixados pelo ato fundante da civilização.

Em Freud, é na conspiração longamente preparada do assassinato do Pai da Horda que surge um sentimento de força comum, que favorece a coesão do grupo e preside o nascimento dos irmãos (Enriquez, 1990). No caso do Brasil, podemos pensar que é a partir das manifestações de 2013, nas quais o ódio de muitos indivíduos começa a se direcionar para um mesmo objeto (em um primeiro momento, a corrupção; seguida de uma repugnância ao PT),

que os dois grandes grupos (petistas e antipetistas) começaram a se formar – ou, pelo menos, a tomar delineamentos mais claros e se articular em prol de objetivos comuns.

O sistema totêmico, enquanto um pacto de culpa pela morte do Pai, remete à ideia de busca por proteção, cuidado e indulgência, como espera a imaginação infantil (Rodrigues, Morganti & Silva, 2020), e a eleição de figuras míticas e representantes de um poder supremo e ilimitado configura-se enquanto uma tentativa de retorno aos domínios do Pai. Uma vez reunidos, ressurgem em cada um dos irmãos da horda o desejo de ocupar o lugar do Pai destronado, se apropriando de seus poderes (Enriquez, 1990).

Enquanto em *Totem e Tabu* a união do grupo acontece pelo ódio comum que levou ao assassinato do pai da horda, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* Freud (1921/2011a) inclina-se à união pelo amor. Ambos, amor e ódio, Eros e Tanatos, formam as condições para a existência de um grupo organizado (Enriquez, 1990) e do consequente conflito com os *outgroups*, aqueles que estão em um grupo outro, geralmente oposto, considerado inimigo.

Freud (1921/2011a) retoma os escritos de Le Bon e McDougall para definir a ideia de grupo – ou massa – e suas características. O autor cita Le Bon, que afirma:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente daquela que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente (Le Bon, 1912, p. 13 como citado em Freud, 1921/2011a, p. 17-18).

O indivíduo na massa, portanto, difere do indivíduo isolado (Freud, 1921/2011a): a superestrutura psíquica de cada indivíduo “é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante)” (p. 20). A massa é guiada quase exclusivamente pelo inconsciente, tornando-se impulsiva, volúvel, excitável, não tolerando demora entre o desejo e a realização dele (Freud, 1921/2011a). Na massa, afirma Freud, o indivíduo “está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes” (Freud, 1921/2011a, p. 21), havendo uma inibição de suas funções conscientes.

Conforme Le Bon, o que une os indivíduos em grupos e forma uma massa psicológica – seja ela efêmera ou duradoura – é o fato de que os indivíduos tenham interesses em comum, e os fenômenos de massa seriam justificados por fenômenos psíquicos como o contágio e a sugestão. Freud vai além: para ele, a psicologia das massas seria melhor explicada através do conceito de libido.

“Libido”, conceitua Freud (1921/2011a), “é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia (...) desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra ‘amor’” (p. 43). A libido, também conhecida por Eros, diz respeito ao que a psicanálise entende por “pulsão sexual”, que em *Além do princípio do prazer* – obra de 1920 – ficou conhecida como “pulsão de vida”: tudo aquilo que impele à ação, à busca por objetos (Azevedo e Mello Neto, 2015). É da natureza desta força, portanto, que se constitui a essência da alma coletiva e da psicologia das massas.

Para analisar a constituição das massas a partir dos laços libidinais, Freud recorre ao conceito psicanalítico de identificação, “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921/2011a, p. 60). Em seu texto, o autor descreve três formas deste fenômeno psíquico. Na primeira delas, a identificação é a mesma do Complexo de Édipo, significando um desejo hostil de *ocupar o lugar* do objeto (identificação primária), há uma fusão do Eu com o objeto. Na segunda, há uma regressão, e a identificação toma o lugar da escolha do objeto, o Eu *adota características* do objeto (identificação narcisista ou secundária). Na terceira forma, a identificação é baseada na possibilidade ou no desejo de *se colocar na mesma situação* emocional que o outro, “na possibilidade de *partilhar uma qualidade comum* com outra pessoa ou grupo” (Rinaldi, 2021, p. 57). É este terceiro tipo, onde não há uma ligação de objeto, mas o desejo de viver ou sentir algo em comum, que é característico da formação de massas e, por isso, é particularmente importante para nosso estudo.

Sobre esta forma de identificação, Freud (1921/2011a) afirma:

Ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação (p. 65).

Em outras palavras, o sujeito se enriquece, de forma parcial, com características que pertencem ao objeto e que ele admira. A partir daí, “surge uma simpatia que permite a criação de um novo laço libidinal entre indivíduos” (Queiroga, Barone & Costa, 2016, p. 117). Nas massas, afirma Freud (1921/2011a), o *algo em comum* que une os indivíduos é o tipo de ligação com o líder, podendo apresentar-se como uma pessoa ou como uma ideia. Para explicar essa ligação, o autor recorre aos fenômenos de enamoramento e hipnose.

No enamoramento – ou fascínio amoroso –, diz Freud (1921/2011a), há o fenômeno da superestimação sexual, na qual o objeto amado goza de certa isenção de crítica: o Eu tende à idealização, seu juízo falseia e todos os atributos do objeto amado passam a ser os mais sublimes. Nesta forma de ligação libidinal, o objeto é tratado como o próprio Eu, na medida em que a libido narcísica transborda para o objeto. Fica evidente que o objeto serve para substituir

um Ideal do Eu não alcançado pelo próprio Eu: “ele é amado pelas perfeições que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo” (Freud, 1921/2011a, p. 71).

Na hipnose, não é diferente. Existe a mesma sujeição, docilidade e ausência de crítica ante o hipnotizador, como em relação ao objeto amado. Também o hipnotizador assume o lugar do Ideal do Eu. Freud chega a afirmar que a relação hipnótica é “uma formação de massa a dois” (Freud, 1921/2011a, p. 74), já que nos apresenta a relação do indivíduo com o líder.

Como no enamoramento, a identificação com o líder da massa deriva do amor pelo chefe idealizado (Enriquez, 1990). Essa idealização possibilita um duplo laço libidinal: a identificação com o líder pela via do Ideal do Eu (laço vertical) e, a partir dela, a identificação entre os membros da massa (laço horizontal), no que Mello Neto (1997) convencionou chamar de formação em cruz. Os indivíduos da massa colocaram um só e mesmo objeto – o líder – no lugar de Ideal do Eu, e conseqüentemente se identificaram uns com os outros (Freud, 1921/2011a).

Rinaldi (2021) assinala, e é importante destacarmos, que a identificação é um processo que está na base da constituição narcísica e, como tal, “carrega uma tensão agressiva que precisa ser contida para que não ameace a existência do grupo” (p. 58). O próprio Freud (1921/2011a) já havia afirmado que todas as ligações libidinais são ambivalentes, toda pessoa amada também é alvo de alguma aversão e hostilidade.

Nas relações com estranhos, há um narcisismo que se empenha na afirmação de si e direciona a agressividade ao que é diferente. Essa intolerância ao outro desaparece, porém, por meio da formação da massa: nela, “os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro, igualam-se a ele e não sentem repulsa por ele” (Freud, 1921/2011a, p. 58). Segundo a concepção freudiana, essa limitação do narcisismo ocorre apenas pela ligação libidinal a outras pessoas: “o amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos” (Freud, 1921/2011a, p. 58).

Aqueles que não estiverem entrelaçados nas ligações libidinais da massa – com o líder e entre seus membros – serão vistos com intolerância e crueldade. Nas palavras de Enriquez (1990),

Os sentimentos hostis, que poderiam nascer pelo simples fato de que todo sentimento é ambivalente, são projetados contra os “outgroups”. O fenômeno de desprezo ou ódio contra o exterior, que Freud chamará de “narcisismo das pequenas diferenças” em O mal-estar na civilização, reforça a coesão do grupo e coloca-o em posição de guerra potencial contra os estrangeiros, percebidos como inimigos (Enriquez, 1990, p. 65).

O amor que há nas relações dentro da massa comporta um componente de ódio àqueles que não fazem parte dela. Ainda conforme Enriquez (1990), “o amor não basta, é necessário que o ódio esteja presente, ódio componente da pulsão de morte em sua vertente de pulsão de destruição dirigida ao exterior. Uma organização para existir e durar precisa então construir inimigos” (p. 65).

A partir da ambivalência constitutiva de toda ligação afetiva e da ameaça que os impulsos agressivos implicariam à continuidade do grupo, o ódio é direcionado ao diferente, ao *outgroup*, que é visto como um inimigo a ser eliminado. Cada um dos grupos direcionou ao outro o ódio e a destrutividade que continham em si, gerando o conflito que nos dedicamos a estudar.

3 A Psicologia de grandes grupos em conflito: contribuições de Vamik Volkan

Por ser este um trabalho psicanalítico, é justificável que tenhamos partido de Freud para explicar a formação e dinâmica das massas, através dos textos sociológicos do autor. Mas nosso estudo sobre tais temáticas e sobre os fenômenos ditos de ódio que tomaram conta da sociedade brasileira nos levaram a um interessante encontro com a obra do psicanalista turco-cipriota Vamik Volkan. Trata-se de um autor contemporâneo, estudioso, sobretudo, dos conflitos entre grandes grupos traumatizados. Ainda que o autor trabalhe com conflitos entre grandes grupos étnicos, seus estudos tinham muito a contribuir com nosso trabalho.

Nascido em 1932 em Nicósia, capital do Chipre, Volkan formou-se médico pela Escola de Medicina da Universidade de Ancara, na Turquia, e em 1957 foi morar nos Estados Unidos, onde atuou como médico e professor no estado de Virgínia. No início dos anos de 1960, nos Estados Unidos, especializou-se em psiquiatria e começou sua formação psicanalítica. Conforme o próprio autor (Volkan, 2010), ele passou a estudar relações internacionais como uma segunda carreira, já que buscava entender, do ponto de vista psicanalítico, como inimigos relacionavam-se entre si. Graças a seus trabalhos, Volkan atuou enquanto mediador entre países inimigos, em diálogos diplomáticos não oficiais, estando presente quando representantes de árabes e israelenses, americanos e soviéticos, russos e estonianos, sérvios e croatas – dentre líderes de várias outras nações – buscavam encontrar estratégias para a coexistência pacífica (Volkan, 2008b).

Vale ressaltar que o interesse de Volkan por conflitos entre grandes grupos remete às suas origens. Sua terra natal, o Chipre, é uma república insular situada no Mar Mediterrâneo, habitada por duas comunidades: a de gregos-cipriotas e a de turcos-cipriotas. A diversidade destes grupos acarretou um confronto que se prolonga há mais de meio século, originando-se nas décadas de 1960-70. A resolução do conflito do Chipre compõe uma das mais longas missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) (Paschoal, Queiroz & Camargo, 2020), à qual Volkan dá grandes contribuições teóricas e diplomáticas.

Em seu trabalho, Volkan (2007) critica o pessimismo freudiano quanto ao caráter das massas, dizendo que o posicionamento de Freud refletiu em muitos de seus seguidores e desempenhou um papel-chave na limitação das contribuições da psicanálise nas relações internacionais e na busca por soluções mais pacíficas para os conflitos entre grupos. O autor – que acredita que as contribuições da psicanálise são extremamente relevantes para a compreensão de questões mundiais relacionadas a identidades étnicas, lideranças políticas, diplomacia, violência em massa – afirma que o retorno à metapsicologia freudiana contribuiu menos aos seus estudos do que a prática analítica, o trabalho psicoterapêutico com crianças e

narcisistas, de onde retirou muitas informações sobre mecanismos de defesa primitivos que o ajudaram a compreender os grandes grupos (Volkan, 2007).

Na literatura psicanalítica, afirma Volkan (2007), o termo “grandes grupos” se refere, em geral, a conjuntos de 30 a 150 indivíduos que se reúnem para tratar de determinada questão. Em seus estudos, porém, ele trata de grupos de centenas, milhares ou milhões de indivíduos – a maioria dos quais jamais se conhecerá na vida – que pertencem a um grande grupo desde a infância. Afirma, ainda, que a psicologia desses grandes grupos étnicos, nacionais, religiosos ou ideológicos é diferente da psicodinâmica dos pequenos e grandes grupos geralmente estudados pela grupanálise, aqueles cujos indivíduos se juntam por um objetivo em comum. Isto porque a psicologia de grandes grupos possui algumas especificidades, já que diante de determinadas condições político-sociais – que incluem desde ameaças à identidade grupal, traumas e regressões, até manipulações por parte das lideranças ideológicas – desencadeiam-se episódios de violência e atos coletivos que afetam a vida das pessoas (Volkan, 2004).

Volkan (2007) também aponta que o pertencimento aos grupos com os quais trabalha surge desde a infância – e nisso difere dos grupos estudados em nosso trabalho –, e que a identidade de um grande grupo está entrelaçada à identidade pessoal de cada um de seus membros.

Este capítulo se dedica a apresentar os conceitos e ideias do autor que contribuíram para pensarmos a psicodinâmica dos dois grandes grupos brasileiros em conflito.

3.1 A identidade de grandes grupos

Ao longo dos projetos que desenvolveu ao redor do mundo com refugiados e líderes mundiais, Volkan notou a preocupação dos indivíduos com as identidades de seus grupos e, a partir de suas observações, desenvolveu o conceito de “identidade de grande grupo” (ou *large-group identity*), que se tornou central em seu trabalho com relações internacionais. Conforme Carla Penna (2014), ao criar tal conceito, Volkan procura definir uma nova identidade para os grandes grupos, ressaltando suas diferenças em relação aos pequenos grupos, aos grandes grupos da grupanálise e às multidões de Le Bon.

Para Volkan, os grandes grupos são compostos por milhares ou milhões de pessoas que partilham uma identidade nacional comum, e sua identidade é o resultado da confluência de uma realidade geográfica, uma continuidade histórica e de um compartilhar de um mesmo mito ancestral, além de outras características partilhadas desde a infância (Volkan, 2007). A identidade de grande grupo, portanto, se refere a “um sentimento de afinidade partilhado por milhares ou milhões de pessoas” (Volkan, 2007, p. 1201), sentimento este que “explica o que

as pessoas querem dizer quando afirmam, ‘somos finlandeses’, ‘somos árabes’, ‘somos judeus’, ou ‘somos comunistas’” (Volkan, 2007, p. 1201) – este último, mostrando que não se tratam apenas de identidades étnicas, o que é particularmente importante para nosso trabalho.

Ao pensar na clássica teoria freudiana de grupos, apresentada em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921/2011a), na qual o que mantém um grupo unido é a relação libidinal estabelecida com o líder, Volkan (2007) diz visualizar pessoas reunidas em torno de um “gigantesco mastro repleto de flores” (p. 1202), que representa o líder do grupo. Diz ainda:

Os indivíduos do grande grupo dançam em volta do mastro/líder, identificando-se entre si e idealizando o líder. Ampliei a metáfora do mastro de flores, imaginando uma lona estendida sobre as pessoas, a partir do mastro, para formar uma imensa tenda. A lona representa a identidade dos grandes grupos (Volkan, 2007, p. 1202).

A partir desta metáfora, Volkan (2007) conclui que a psicodinâmica essencial dos grandes grupos se concentra, mais do que na relação com o líder, na manutenção da integridade da identidade grupal. Para ele, as interações dos seguidores com o líder seriam apenas um elemento desse esforço de manutenção da identidade do grande grupo. Ainda seguindo o raciocínio do autor,

Imaginem milhares ou milhões de pessoas vivendo sob essa imensa tenda. Elas podem formar subgrupos – seja de pobres ou ricos, mulheres ou homens, integrantes de determinados clãs ou organizações profissionais –, mas todas elas se encontram sob a mesma imensa tenda. O mastro da tenda é a liderança política. Do ponto de vista da psicologia individual, o mastro pode representar o pai edipiano; do ponto de vista da psicologia de grandes grupos, a tarefa do mastro é conservar a lona ereta (manter e proteger a identidade dos grandes grupos) (Volkan, 2007, p. 1202).

Ainda que todos sob a lona da tenda trajem uma veste individual – sua identidade pessoal –, eles também partilham “a lona da tenda como uma segunda veste” (Volkan, 2007, p. 1202), ou uma “segunda pele” (Penna, 2014, p. 201). Assim, os indivíduos não estão conectados entre si apenas por amarem o mesmo líder, mas também por trajarem a mesma vestimenta, partilharem de uma mesma identidade de grande grupo.

Para Volkan, na vida rotineira, em tempos de paz, as pessoas geralmente voltam a atenção para si mesmas, para suas famílias, parentes, vizinhos, organizações que frequentam, ou seja, para sua “veste individual”, sem dar atenção à segunda veste comum; mas quando um grande grupo é humilhado ou ameaçado por outros que pertencem a outra identidade de grande grupo, a população atacada abandona suas preocupações rotineiras e torna-se obcecada em

reparar, proteger e manter sua identidade de grande grupo (Volkan, 1998, 2007, 2008b). Nas palavras do autor:

(...) se a lona de nossa imensa tenda balançar ou partes dela se romperem, ficamos obcecados com nossa segunda veste, e nossa identidade individual se torna secundária. (...) A preocupação passa a ser com nossa identidade do grande grupo, e fazemos de tudo para estabilizá-la, repará-la, mantê-la e protegê-la; e, nesse intento, estamos dispostos a tolerar sadismo ou masoquismo extremos, se julgarmos que nossa ação irá manter e proteger a identidade do grande grupo (Volkan, 2007, p. 1202).

O autor aponta que, quando a identidade de um grande grupo fica ameaçada, o grupo sofre regressão, na tentativa de manter sua identidade. Como se sabe bem, Freud (1900/2019) concebeu o conceito de regressão enquanto um retorno a formas anteriores, já ultrapassadas, do desenvolvimento (fases libidinais, relações de objeto, identificações etc.). Seria um retrocesso a um estado de organização psíquica mais primitivo²⁴. Este conceito teve um importante papel nos estudos sobre os fenômenos grupais e tornou-se central na investigação da psicodinâmica dos grandes grupos (Penna, 2014), sendo bastante explorado por Volkan (2004). Para o autor, a regressão seria uma resposta à angústia, que reflete a presença de um conflito interno e sinaliza ao Eu para iniciar defesas que afastem qualquer consciência de impulsos instintivos²⁵.

Na visão de Volkan, o que acontece no grande grupo é similar à regressão individual, e a população em regressão é estimulada a partilhar mecanismos para lidar com o mundo externo: adotam introjeções (como quando “engolem” a propaganda política sem fazer esforço para avaliar sua validade) e projeções em massa e passam a utilizar-se de pensamentos mágicos (Volkan, 2007). Para o autor, quando o grande grupo entra em regressão, seu líder adquire grande importância quanto à manipulação do que é “bom” ou “mau”. Isto porque, de acordo com a liderança exercida, é possível que o grande grupo seja capaz de ir em direção à reparação e à progressão, mas, na ausência de uma liderança adequada, pode ser levado ao caos, à morte e ao genocídio, especialmente diante de líderes centralizadores (Volkan, 2004).

²⁴ Freud (1915/2010b) insistiu que o passado infantil – do indivíduo e da humanidade – permanece sempre em nós, podendo ser reinstaurado. Já nos *Três Ensaio...*, de 1905, encontram-se indicações referentes à possibilidade de retorno da libido a objetos anteriores de satisfação (Freud, 1905/2016). Mas é em passagem acrescentadas em 1914 ao texto *A interpretação dos sonhos*, que Freud distingue três espécies de regressões: a) tópica, no sentido do aparelho psíquico, que se manifesta particularmente no sonho, em alucinações e através da memória; b) temporal, em que são retomadas formações psíquicas mais antigas, ocorrendo regressão em relação ao objeto, à fase libidinal e na evolução do Eu; c) formal, quando os modos de expressão e figuração habituais são substituídos por modos primitivos, de menor complexidade, estruturação e diferenciação (Laplanche & Pontalis, 2001).

²⁵ Em seu texto, em inglês, Volkan (1985) utiliza o termo *instinctual drives* que, literalmente, traduz-se como “impulsos instintivos”. Retomamos aqui a discussão iniciada em outro momento sobre as palavras instinto (*Instinkt*) e pulsão (*Trieb*), sinalizando que “pulsão” é considerada mais adequada à teoria psicanalítica. Por motivos de tradução, no entanto, reafirmamos que este trabalho utiliza ambas as palavras enquanto sinônimos.

Alguns sinais e sintomas permitem identificar a regressão em grandes grupos sob o domínio de uma liderança centralizadora, como a perda da individualidade e a colaboração e confiança cegas em torno do Estado e do líder (Volkan, 2004; Penna, 2014). Além disso, Volkan (2007) fala em dois tipos de clivagem que também constituem sinais de regressão do grande grupo: primeiro, há a clivagem entre “bom” e “mau”, “nós” e “eles”, membros e não-membros: aponta-se um inimigo fora do grande grupo, e este “outro” passa a ser alvo de desumanização e demonização; e, em segundo lugar, pode ocorrer uma clivagem dentro do próprio grupo: em especial quando o líder não é capaz de diferenciar onde termina o perigo real e onde começa o perigo fantasiado, ele faz com que o grupo comece a se parecer com o inimigo em determinadas áreas. Sem essa diferenciação, escreve Volkan (2007), “o grupo fica incapaz de manter a esperança e não consegue dominar a agressão comum” (p. 1205).

Em seus estudos sobre Volkan, Penna (2014) destaca, também, que os mecanismos regressivos têm o efeito de fazer surgir nos grandes grupos uma nova moralidade, extremamente rígida e repleta de racionalizações e devoção ao líder. A partir desta nova moralidade, o indivíduo busca “cimentar” seu lugar no grupo (p. 209), e passa a exibir comportamentos agressivos para entrar em consonância com o grupo e sua ideologia. Nesse processo, escreve a autora, até mesmo as relações familiares e socioafetivas podem ser afetadas e modificadas, já que a motivação principal do indivíduo passa a ser a manutenção da identidade do grande grupo, como afirma Volkan (2004). Desta forma, a ideologia grupal sacraliza-se e elimina as necessidades individuais, e na busca por ser amado e protegido pelo líder – que, em tese, assumiu o lugar do pai –, o indivíduo passa a apresentar comportamentos regredidos, retomando desejos, expectativas e medos infantis, além de utilizar-se de projeções, introjeções, pensamento mágico e obscurecimento da realidade (Volkan, 2004; Penna, 2014).

Volkan (2007) aponta que reagir de forma não regressiva ao inimigo que ameaça a identidade do grande grupo constitui uma tarefa muito difícil, já que as medidas realistas e lógicas são facilmente contaminadas pelas emoções que confortam o desejo humano de infligir ao inimigo o que foi por ele infligido. Ao ver sua identidade ameaçada, o grande grupo agredido começa a ferir a identidade do grande grupo agressor e, desse modo, o grupo atacado passa a mostrar similitudes com o atacante.

Quando em conflito, ambos os grupos utilizam mecanismos de defesa comuns, como a introjeção, projeção, negação, dissociação, isolamento, racionalização, intelectualização em sua propaganda política consciente ou inconscientemente motivada. Humilhar, ferir e matar pessoas em nome da identidade do grande grupo torna-se aceitável para ambos os lados (Volkan, 2007). Volkan ainda discute a importância do posicionamento do líder do grande grupo na manutenção

do conflito, dizendo que, se a liderança não realizar algum tipo de tentativa para reagir ao conflito de maneira humana, a regressão se mantém, o perigo se amplia e o conflito se amplifica.

Ainda sobre a cisão entre “nós” e “eles”, Volkan aponta que a necessidade de se ter inimigos e aliados é natural do ser humano desde sua psicologia individual, e busca a gênese dessa necessidade – individual e grupal – nos anos de desenvolvimento da infância, como veremos no item a seguir.

3.2 A necessidade de se ter inimigos e aliados e os alvos adaptados²⁶ para externalização

Volkan (1985) diz ser inevitável que os seres humanos identifiquem algumas pessoas como aliadas e outras como inimigas. Ele defende que essa necessidade, que teria origem no processo de desenvolvimento humano, vem dos esforços do indivíduo em proteger seu senso de identidade (na psicanálise kleiniana, tal fenômeno pode ser atribuído à deflexão do ódio, que é afastado do Eu e projetado no objeto). Quando ameaçado por um conflito político ou militar, o homem se apega mais obstinadamente a esse mecanismo, que o autor considera a base da psicologia política.

Em defesa de que a necessidade de ter inimigos e aliados seria parte do desenvolvimento humano (e social), Volkan (1985) inicia dizendo que, pela ótica psicanalítica, o conflito é normal na dinâmica da vida: “o processo de vida inclui conflito” (p. 220), e esses conflitos não se originam apenas no encontro com o ambiente, mas ocorrem, em grande parte, em áreas internas, no mundo psíquico. Para o autor, os conflitos dentro da psique humana constituem, inclusive, sua fonte de crescimento, sempre que podem ser resolvidos sem prejudicar sua integridade. Se a solução “normal” do conflito psíquico não foi alcançada, no entanto, surgem resultados patológicos, que podem influir na formação de sintomas (Volkan, 1985).

Nos estágios de desenvolvimento, todos os humanos foram forçados a enfrentar conflitos e desenvolver mecanismos de defesa. Cada estágio de desenvolvimento, afirma Volkan (1985), tem seu próprio conjunto especial de defesas para o controle de conflitos, o que o leva a concluir que o conflito intergrupal contém os elementos básicos dos conflitos da psicologia individual:

²⁶ Em inglês, *suitable targets for externalization*. *Suit*, em inglês, pode ser traduzido como "adequar", "adaptar", "ajustar", "convir". *Suitable*, conforme o dicionário Michaelis (2001) de inglês-português, traduz-se como apropriado, adequado. Escolhemos utilizar o sinônimo “adaptado”, no sentido de “aquilo que é ajustado ou apropriado a alguém”.

A psicologia política aborda o conflito intergrupal a partir de uma posição que pressupõe a existência de elementos da psicologia individual no quadro político da situação. (...) Assim, ao observar a correspondência entre o desenvolvimento do Eu individual e do grupo ou nação, a psicologia política fornece uma luz útil e muito específica para iluminar o comportamento aparentemente inexplicável – e, portanto, imprevisível – dos grupos em conflito (Volkan, 1985, p. 221, tradução nossa).

Volkan (1985) apresenta a teoria de Murray Edelman (1983), cientista político que estudou a necessidade de se ter inimigos. Para Edelman, a categorização entre inimigos e aliados seria uma maneira pela qual o poder político poderia ser mantido. O líder político manteria seu poder ao criar categorias bem definidas de “inimigo” e “aliado”, atribuindo a este último todas as qualidades consideradas boas (honestidade, virtude, integridade, lealdade), enquanto o inimigo seria receptáculo de todas as antíteses dessas virtudes.

Volkan buscou encontrar a gênese da necessidade de inimigos e aliados nos anos de desenvolvimento na infância, retomando psicanalistas como Erik Erikson e Charles Pinderhughes, psicanalistas que recorreram à biologia para uma explicação de porque os grupos culturais criam o conceito de inimigo. Erikson (1966), por exemplo, usou o termo pseudoespécies para explicar a diversidade de grupos humanos. Tais pseudoespécies seriam, para o autor, as tribos, clãs e classes que compõem os grupos humanos. Cada um desses grupos tinha um grande senso de identidade e temia o humano que pertencesse a outra subespécie ou clã, engendrando a crença de que as tribos diferentes da sua eram um inimigo a ser combatido (Volkan, 1985). Em 1982, Charles Pinderhughes, conforme Volkan (1985), sugeria que, embora os humanos se ligassem de maneira afetuosa a certas ideias e pessoas, também estariam ligados de forma agressiva a outras.

Ao estudar bebês e adultos em grande regressão, Volkan (1976) e outros psicanalistas citados por ele (Mahler, 1968; Jacobson, 1964; Kernberg, 1966, 1976) concluíram que a criança se sente fundida a uma realidade maior, e que uma das primeiras tarefas do Eu do bebê é começar a se diferenciar de outras pessoas e desenvolver uma estrutura psicológica própria. A bipolaridade com a qual o bebê percebe a si mesmo e os outros surge, conforme Volkan (1985), da capacidade do Eu primitivo em distinguir o prazer do desprazer. Os estímulos agradáveis e desagradáveis que incidem sobre o bebê deixam um número cada vez maior de traços de memória, que se transformam em imagens boas e ruins – as primeiras ficando com os impulsos amorosos e as últimas, com os agressivos, como já afirmava Freud (1925/2011b) em *A negação*, ao dizer que “o Eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir tudo que é mau” (p. 278).

O bebê, no entanto, ainda não consegue integrar essas duas imagens: o desagradável continua dissociado do agradável. A criança só começa integrar as imagens de si mesma e do

outro por volta dos oito meses de idade, mas esse processo não se completa antes dos trinta e seis meses, quando a criança pode entender que ora ela se sente bem, ora mal, mas é sempre a mesma pessoa (Volkan, 1985). O autor afirma, ainda, que o mesmo processo é realizado em relação à mãe e a outros, e a criança passa a tolerar a ambivalência, amando e odiando a mesma pessoa.

Volkan (1985) afirma, entretanto, que esta fusão nunca está completa: em algumas áreas, a ambivalência permanece. Enquanto alguns psicanalistas ainda se perguntavam, à época, o que a criança fazia com as imagens que permanecem absolutas e ambivalentes, dotadas de sentimentos primitivos de amor *ou* de ódio, Volkan propõe que as crianças projetam algumas dessas imagens primitivas em “reservatórios” do mundo real (Volkan, 1979 como citado em Volkan, 1985, p. 232), aos quais ele dá o nome de *alvos adaptados para externalização*, que se mantêm durante toda a vida.

A proposta de Volkan é que o indivíduo se utiliza de alvos que lhe são mais adequados para externar seus objetos primitivos e ambivalentes de amor ou de ódio, configurando uma necessidade psíquica “natural” de se ter inimigos e aliados. Conforme o próprio autor, os “alvos adaptados” para externalização atendem à necessidade ‘normal’ de inimigos e aliados no mundo exterior, ou pelo menos têm o poder de atender a essa necessidade” (Volkan, 1985, p. 238, tradução nossa). Volkan afirma acreditar que o que cientistas sociais e antropólogos chamam de “alianças primordiais” nada mais seriam do que indivíduos que compartilham dos mesmos alvos adaptados para externalização – ou, ainda, como em Volkan (2004), utilizam reservatórios compartilhados (*shared reservoirs*) –, tornando-se inimigos e aliados dos mesmos indivíduos.

Se, como propõe Freud (1921/2011a), podemos compreender a psicologia de massas a partir da psicologia individual, podemos concordar com Volkan (1985) e dizer que os grupos, assim como os indivíduos, buscam inimigos e aliados, conforme canalizam seu ódio e seu amor a alvos adaptados para externalização. Grupos que se formam a partir do complexo mecanismo de identificação (Freud, 1921/2011a) – no qual o Eu assimila as imagens do outro em si mesmo, tornando-se como o outro de diversas maneiras (Volkan, 1985) – possuem aliados e inimigos em comum, o que nos ajuda a compreender que se coloquem em situações de conflito.

3.3 Narcisismo das pequenas diferenças e o hiato psicológico²⁷

Se existe uma tendência, digamos “natural”, a partir da qual os indivíduos ou grupos buscam ter inimigos e aliados, Volkan (1986) afirma que esta situação se agrava quando o grupo

²⁷ Em inglês, *psychological gap*. O termo *gap* pode ser traduzido como abertura, fenda, brecha, lacuna, vão, intervalo ou hiato, referindo-se a um espaço, distância ou uma interrupção da continuidade entre um corpo e outro. Consideramos o termo “hiato” mais adequado para exprimir a ideia de Volkan.

está sob pressão política, e passa a aderir com mais teimosia do que nunca ao seu senso de nacionalidade ou etnia, regredindo para desumanizar seus inimigos, que são reservatórios – ou alvos adaptados – nos quais o grupo externaliza e projeta, inconscientemente, suas próprias partes indesejáveis.

Estas observações levaram Vamik Volkan (1986) a concluir que dois princípios são fundamentais na relação de um grupo com seu inimigo: primeiro, é provável que o grupo perceba, inconscientemente, que seu inimigo é um reservatório de suas próprias partes indesejadas e que, por isso, reconheça vagamente que há uma ligação entre si e o inimigo. Em nível consciente, porém, o grupo não reconhece essa semelhança com o inimigo, e é necessário que acredite que o que projeta sobre ele não faz parte de si.

O segundo princípio, também paradoxal, diz respeito à distância mantida entre um grupo e seu inimigo. Conscientemente, o grupo busca encontrar maneiras de estabelecer e controlar sua distância com o inimigo; inconscientemente, no entanto, a agressão dirigida ao inimigo faz com que o grupo se ligue a ele, se aproxime dele. Assim, conclui Volkan (1986): “tanto consciente quanto inconscientemente, ficamos preocupados com o inimigo; de certa forma, isso cria uma proximidade entre nós” (p. 177, tradução nossa).

Primeiro, portanto, podemos dizer que o grupo projeta suas partes indesejáveis no outro, tido como inimigo; feito isso, ele tenta se distanciar destas partes, buscando também se distanciar, ou diferenciar, do outro grupo. A esta distância, fronteira, lacuna ou hiato (*gap*), enquanto tentativa de se diferenciar – ou afirmar as diferenças – do grupo inimigo, Volkan (1986) dá o nome de *psychological gap*, que escolhemos traduzir como “hiato psicológico”.

Cada um dos grupos oponentes tenta controlar essa distância, fazendo declarações sobre o quanto um grupo difere do outro e estão distantes, por exemplo, pelas ideologias que defendem. Neste aspecto, Volkan (1986) retoma o narcisismo das pequenas diferenças, conceito cunhado por Freud (1917/2013) em *O tabu da virgindade*, artigo de 1917. Este conceito freudiano diz respeito ao fato de, mais do que as semelhanças entre os indivíduos ou grupos, são as pequenas diferenças que motivam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles (Freud, 1917/2013). Em 1930, em *O mal-estar na civilização*, Freud comentou brevemente o papel do narcisismo das pequenas diferenças no âmbito das relações internacionais, e Volkan (1986) resgata o texto do pai da psicanálise:

Evidentemente não é fácil, para os homens, renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade; não se sentem bem ao fazê-lo. Não é de se menosprezar a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Certa vez discuti o fenômeno justamente de comunidades vizinhas, e também próximas

em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses etc. (...) Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade (Freud, 1930/2010a, pp. 80-81).

Aos escritos de Freud, Volkan (1986) soma exemplos de sua própria terra natal, a República de Chipre – habitada por gregos e turcos –, para mostrar como o narcisismo das pequenas diferenças interfere no conflito grupal. Escreve Volkan: “é inegável que existem costumes étnicos inegavelmente semelhantes entre os turcos e gregos de Chipre, mas também há grandes diferenças – e, o que é mais importante, pequenas diferenças” (Volkan, 1986, p. 180, tradução nossa), que seriam as principais fontes dos maiores obstáculos emocionais.

Volkan (1986) conta que durante o domínio britânico em Chipre, antes de se instalar o conflito que há mais de 50 anos toma conta do país, gregos e turcos costumavam fazer passeios noturnos em calçadas ao longo de cafés e confeitarias nas ruas principais de algumas cidades do país. Para um estranho, escreve o autor, a multidão de gregos e turcos poderia parecer um grupo homogêneo de povos mediterrâneos vestidos iguais e com um prazer comum no ar fresco da noite; “mas para o ilhéu, as diferenças entre os membros da multidão são óbvias e importantes” (p. 181, tradução nossa):

Gregos e turcos podem se distinguir de relance apenas por perceberem detalhes aparentemente insignificantes, como marcas de cigarro. Os gregos preferem aqueles embalados em azul e branco, como os velhos cigarros Players, porque o azul e o branco são as cores nacionais da Grécia. Os turcos fumam marcas embaladas em vermelho e branco, as cores turcas. Nas aldeias, onde a vestimenta masculina usual consiste em calças e camisas largas, os gregos utilizam faixas pretas e os turcos, vermelhas. Em “tempos normais”, uma violação deste código de cores pode ser tolerado, mas quando as relações étnicas estão tensas, quando a coesão do grupo (e, portanto, a integridade individual) é ameaçada, um turco iria preferir morrer a usar uma faixa preta, e um grego seria igualmente inflexível em sua recusa a usar uma vermelha (Volkan, 1986, p. 181, tradução nossa).

Preocupações semelhantes com pequenas diferenças como estas podem ser vistas em qualquer lugar do mundo, afirma Volkan (1986), especialmente onde a atmosfera política é estressante. O autor diz parecer lógico que o alvo adaptado que mais utilizamos para a externalização de nossos impulsos agressivos se localize em coisas ou pessoas que se parecem conosco, ou pelo menos nos são familiares, como nossos vizinhos: o espanhol e o português são alvos convenientes uns para os outros, e o mesmo acontece com turcos cipriotas e gregos cipriotas. O autor diz que

Quando vizinhos vivem em paz, eles absorvem as partes semelhantes desejadas, e ambos percebem outro “vizinho” como inimigo. Mas quando o vizinho é o nosso inimigo, e está tingido com nossas partes indesejáveis, nós não desejamos reconhecer, em um nível consciente, que o inimigo se parece conosco. Então nos concentramos nas pequenas diferenças, ou as criamos, a fim de fortalecer a distância psicológica entre nós e o inimigo (Volkan, 1986, p. 187, tradução nossa).

Se o estudo da psicologia das pequenas diferenças é relativamente simples quando os inimigos são vizinhos, ou quando suas semelhanças são facilmente aparentes, ele fica mais difícil quando os grupos ou nações inimigas parecem mais diferentes do que semelhantes, por exemplo, no idioma, na religião e nos costumes. Pensando nisso, Volkan traça um exame mais aprofundado do que ele convencionou chamar hiato psicológico (*psychological gap*): uma espécie de envelope que contém vários fenômenos referentes ao conflito entre grupos, incluindo o das pequenas diferenças.

Quando um grupo se torna nosso inimigo, explica Volkan (1986), ficamos obcecados por ele e nos familiarizamos com ele, mais de acordo com nossos processos inconscientes do que com aspectos da realidade. Nossa preocupação com o inimigo parece ainda mais atraente do que a atenção que damos aos nossos aliados, e, à medida que um grupo se preocupa com o inimigo, a imagem que tem dele se modifica e se torna ainda mais adequada enquanto alvo de externalização dos pensamentos e impulsos do grupo ameaçado. Este grupo projeta no inimigo todos os seus aspectos indesejáveis e o contamina com a imagem negativa de seu próprio espelho (Volkan, 1986).

Em circunstâncias de estresse econômico ou político, o grupo inimigo é percebido cada vez mais em termos estereotipados, imaginados, mesmo que seus atributos positivos possam ser facilmente notados (Volkan, 1986). Mais uma vez, as crises econômicas e políticas se mostram como um importante gatilho para as regressões de um grande grupo, que passa a projetar seus aspectos negativos no grupo inimigo, como forma de proteger sua própria identidade de grande grupo.

3.4 Transmissão transgeracional de glórias e traumas *escolhidos*

Volkan retoma o fenômeno psíquico do luto para introduzir os conceitos de glória *escolhida* e trauma *escolhido*, cuja transmissão transgeracional vai nos auxiliar a pensar sobre como se dá a manutenção dos conflitos sociopolíticos.

O processo de luto individual é conhecido dos profissionais de saúde mental. Como nos ensinou Freud (1914/2010b), “o luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.” (p. 172). É uma reação psíquica humana obrigatória a uma perda significativa. No processo de luto, o enlutado “faz

uma revisão interna das experiências com o ente perdido e, pouco a pouco, deixa que ele psicologicamente ‘seja sepultado’” (Volkan, 2007, p. 1203). Vamik Volkan (2007) afirma que os grandes grupos também guardam lutos, que são coletivos, e estão relacionados à perda de entes queridos, terras e prestígio, seja após uma guerra ou em situação de conflito.

O autor diz que quando um grande grupo entra em regressão em busca de manter sua identidade, ele reativa representações mentais históricas, por vezes centenárias, que são compartilhadas entre seus membros. A tais representações, ele dá o nome de “glórias *escolhidas*” e “traumas *escolhidos*” (Volkan, 2008b, n.p.). Volkan (1998) explica que o termo “escolhido” (em inglês, *chosen*) foi utilizado para refletir a “escolha” inconsciente do grande grupo de adicionar à sua própria identidade a representação mental de um evento de uma geração anterior – e esta transmissão psíquica intergeracional é fundamental na preservação da herança cultural de um grande grupo (Penna, 2014). Para Volkan, ambos os conceitos – *chosen glories* e *chosen traumas* – estão ligados à dificuldade de grandes grupos elaborarem seus lutos.

É comum que grandes grupos nacionais e políticos celebrem dias de independência ou lembranças ritualísticas de eventos e heróis, cujas representações mentais incluem um sentimento partilhado de sucesso ou triunfo entre seus membros. Essas representações – as glórias *escolhidas* (*chosen glories*) – são passadas para as gerações seguintes por meio de transmissões transgeracionais, feitas nas interações familiares e institucionais e por meio da participação em cerimônias ritualísticas que relembram os eventos passados de sucesso (Volkan, 2008b). Assim, através das glórias *escolhidas*, as crianças de um grande grupo são ligadas umas às outras e ao seu grande grupo, experimentando um aumento de autoestima por compartilharem dessas glórias.

Volkan (2008b) afirma que

Em situações estressantes, os líderes políticos reativam a representação mental de glórias *escolhidas* e heróis a elas associados para reforçar a identidade de um grande grupo. A referência de um líder a glórias *escolhidas* excita seus seguidores simplesmente por estimular um amplificador já existente no grande grupo (Volkan, 2008b, n.p., tradução nossa).

O processo de transmissão e reativação dos traumas *escolhidos* (*chosen trauma*), no apoio à identidade de um grande grupo e à sua coesão, é ainda mais complexo. Um trauma *escolhido*, conforme Volkan (1998), se refere à representação mental de um evento que fez com que o grande grupo sofresse perdas e humilhações drásticas, se sentisse desamparado e vitimado por outro grupo. Está ligado “à incapacidade da geração anterior de lamentar as perdas após vivenciar um evento traumático compartilhado, e indica a falha do grupo em reverter a lesão narcísica e a humilhação infligida por outro grande grupo, geralmente vizinho” (p. 13).

Depois de uma grave perda, que foi infligida pelas mãos do inimigo, pode surgir, no grande grupo, uma ideologia política de irredentismo²⁸ – que, para Volkan, traz uma “noção partilhada de recuperar o que foi perdido” (Volkan, 2007, p. 1203) e reflete uma complicação no processo de luto e aceitação das perdas. O autor afirma, ainda, que essas tentativas podem durar séculos e desaparecer ou reaparecer conforme as circunstâncias históricas. Preocupado, portanto, em manter sua identidade de grande grupo, o grupo enlutado tenta realçar símbolos específicos que marcam sua identidade, na tentativa de assegurar sua existência.

Volkan (2008b) entende que a psicodinâmica do grande grupo reflete a psicologia individual e se manifesta como um processo social e, muitas vezes, político. Ao examinar as respostas da sociedade a traumas massivos, o autor as dividiu em duas categorias: i) modificação ou iniciação de processos sociopolíticos que refletem respostas psicológicas compartilhadas pelo grupo em resposta ao trauma massivo; e ii) a transmissão geracional, ou transmissão de certas funções psicológicas de membros afetados às gerações seguintes, mesmo aquelas que nem tinham nascido quando o evento traumático ocorreu (Volkan, 2008b).

Quando a geração anterior é incapaz de elaborar o trauma, lamentar a perda ou reverter a humilhação, as representações mentais do evento traumático são “depositadas” nas crianças da próxima geração, através da transmissão transgeracional. Se as crianças da nova geração também não conseguirem lidar com o que lhes foi depositado, elas, como adultos, passarão essas representações mentais do evento traumático à próxima geração (Volkan, 1998).

Conforme o trauma escolhido passa de geração em geração, afirma Volkan (1998), ele muda de função: a verdade histórica sobre o evento e a sua reparação deixa de ser importante para o grande grupo, e o que passa a importar é o fato de que, por meio do compartilhamento do trauma selecionado, os membros do grupo estão ligados. O trauma escolhido é, portanto, uma marca importante da identidade do grande grupo: ele “reflete a ‘infecção’ do processo de luto do grande grupo, e sua reativação serve para unir seus membros” (Volkan, 2007, p. 1203).

Volkan (1998) afirma que os líderes dos grandes grupos parecem saber intuitivamente como reativar determinado trauma, especialmente quando seu grande grupo está em conflito e precisa reafirmar ou aprimorar sua identidade. Para o autor, a reativação do trauma escolhido pode ser utilizada pela liderança política para promover novos movimentos sociais de massa, alguns deles fatais e malignos, com o intuito de incitar a violência extrema e nutrir certas ideologias. A decisão irracional e sádica da liderança do grande grupo é transmitida a seus

²⁸ A expressão "irredentismo" deriva do italiano *irredenta*, que significa "não liberto", "não resgatado", denotando a ausência de redenção. O irredentismo surgiu como movimento político no ano de 1866, na tentativa italiana de anexar à Itália regiões que estavam sob o domínio austríaco (Domínguez, 2013 como citado em Garzón, Perilla & Castillo, 2017). Desde então, o irredentismo passou a abranger qualquer esforço político para unir etnicamente, historicamente e geograficamente segmentos de uma população que, por tratados ou guerras, foram separados em países adjacentes.

membros, que se tornam psicologicamente preparados para atos igualmente sádicos (Volkan, 1998).

Quando um trauma escolhido é reativado, há um colapso no tempo (o trauma escolhido passa a ser vivido como se tivesse se produzido ontem) e os medos, expectativas, fantasias e defesas associadas ao evento traumático reaparecem, numa conexão consciente e inconsciente entre o trauma passado e uma ameaça contemporânea (Volkan, 1998). Por este processo que remete ao evento traumático anterior, a imagem do conflito e do inimigo atual é ampliada, e a sensação de vingança torna-se exagerada, inflamando o conflito.

Antes de vermos com mais detalhes como estas ameaças aparecem no conflito entre os grandes grupos brasileiros, é importante entendermos como as redes sociais podem ser consideradas, hoje, o principal veículo nessas “batalhas” políticas e psíquicas.

4 Redes sociais: o palco do conflito brasileiro

Por terem adquirido um caráter central nas discussões políticas e manifestações de ódio, é de extrema importância, para este trabalho, que discutamos o funcionamento das redes sociais e como elas contribuem para acentuar o conflito que nos dedicamos a estudar. Com o avanço das tecnologias de informação, as redes sociais passaram a fazer parte, cada vez mais, do cotidiano dos indivíduos, e revolucionaram as formas de comunicação e socialização na contemporaneidade.

Nas redes sociais, constroem-se novos tipos de encontros, que se fazem na virtualidade, engendrando novas formas de laço social. Por mecanismos próprios dessas redes, como os algoritmos que discutiremos a seguir, os usuários são lançados em bolhas de informação e opinião, ficando conectados a indivíduos semelhantes a si, por compartilharem imagens e signos. Em termos freudianos, concordamos com Rinaldi (2021) quando este afirma que as redes sociais se articulam fundamentalmente pelo mecanismo de identificação, e são um novo *locus* de formação de massas.

4.1 Redes sociais, (des)informação e polarização política

O uso da internet em campanhas eleitorais não é uma novidade do século XXI. Já em 1992, nos Estados Unidos, Bill Clinton e George Bush utilizaram a internet na disputa pela presidência. Nos anos seguintes, as estratégias eleitorais *on-line* se aperfeiçoaram, juntamente com a tecnologia, e ganharam mais importância, alcançando um novo status na campanha de Barack Obama, em 2008, que coroou o uso político da rede e das mídias virtuais para fins eleitorais (Graeff, 2009).

No Brasil, a campanha de José Serra, em 2002, registrou a mobilização *on-line* mais efetiva no país até então, ao convocar voluntários para atuarem na defesa do candidato em debates na internet, no chamado “Pelotão 45” (Sampaio, 2016). Em 2008, a Justiça Eleitoral brasileira permitiu a propaganda na internet através de páginas de candidatos, ainda sem regular a utilização das redes sociais (Braga & Nicolás, 2011), que só ganharam permissão para serem utilizadas em campanhas eleitorais a partir de 2010. Naquele ano, a candidata à presidência Marina Silva destacou-se pelo uso da internet em sua campanha, como forma de compensar o pequeno tempo destinado a ela nas propagandas de rádio e televisão (Sampaio, 2016). A partir de então, pela facilidade de difusão de informações e pelo potencial de atingir uma grande quantidade de pessoas, a internet consolidou-se enquanto meio de divulgação e discussão de ideias políticas, compondo uma importante ferramenta do marketing eleitoral.

Ainda na década de 2010, houve barateamento dos *smartphones*, o que resultou na popularização destes aparelhos e na explosão de usuários da internet (Machado & Miskolci, 2019), já que ela passou a estar – literalmente – na palma da mão dos cidadãos. Com isso, difundiu-se o uso das redes sociais, e plataformas como o *Facebook*, *YouTube*, *Twitter* e *Instagram* passaram a promover uma “sociabilidade induzida por algoritmos que visam reter o máximo da atenção diária de usuários em todo o mundo” (Machado & Miskolci, 2019, p. 952), desempenhando um significativo papel nas relações da sociedade contemporânea.

Nas redes sociais, os sujeitos deixam de ser meros receptores de notícias, como eram em relação à mídia tradicional (jornais e revistas, por exemplo). Através delas, os usuários podem criar e compartilhar conteúdos, encontrando um canal de escoamento para suas ideias, crenças, opiniões, sentimentos e emoções, e se agrupar com pessoas de preferências e posicionamentos semelhantes.

Apesar de a criação de conteúdo resultar em alguns ganhos à democracia participativa – já que favorece organizações autônomas com poucos recursos financeiros, e possibilita a participação de cidadãos à margem do debate político –, a internet também é capaz de produzir e proliferar conteúdos falsos e ofensivos (Sampaio, 2016). Sob a justificativa da liberdade de expressão, há, nas redes sociais, muita exteriorização de conteúdos discriminatórios e discursos de ódio, com acentuada velocidade de propagação e uma aparente possibilidade de anonimato (Stroppa & Rothenburg, 2015).

Através de recursos como o botão “Curtir”²⁹ – característico do *Facebook*, mas difundido por todas as redes sociais – e ação de “compartilhar” a postagem alheia, comportamentos e opiniões que não seriam bem aceitos em relações face a face passam a ser expressos e incentivados, favorecendo ondas de indignação, ódio e perseguição àquele que pensa diferente – agora tido como inimigo –, chegando até a episódios de linchamentos *on-line* (Machado & Miskolci, 2019).

Acontece, porém, que as redes sociais funcionam através de algoritmos que guiam os usuários, expondo-lhes a determinados conteúdos – e não a outros – conforme suas reações. Com isso, cria-se um “efeito bolha” (Pariser, 2011) que, conforme Machado e Miskolci (2019), difunde visões de mundo entre grupos específicos, reforçando algumas opiniões em detrimento de outras e ampliando divergências de pensamento entre grupos diferentes.

²⁹ No *Facebook* e no *Youtube*, o botão “Curtir” (ou “Like”) é representado pelo desenho de uma mão fazendo o gesto de “joia”, ou “positivo”; no *Instagram* e no *Twitter*, pelo desenho de um coração. Através deste recurso, o usuário mostra apreço por uma publicação, fornecendo dados à rede social sobre suas interações e seus gostos, e estimula a viralização da informação. “Curtir”, nas redes sociais, também significa dizer aos seus contatos que determinado conteúdo é interessante e merecedor de sua indicação (Santos, 2014; Fábio, 2019).

Uma vez na plataforma, algoritmos influenciam as interações entre os usuários, sem que eles conheçam seu funcionamento. Tal fenômeno constitui um verdadeiro “inconsciente tecnológico” (Thrift, 2004; Burrows & Beer, 2013) que tem papel decisivo nas relações forjadas por meio desses equipamentos e plataformas. Seu aspecto sombrio não se resume ao controle e/ou à vigilância das grandes corporações, mastambém às consequências subjetivas do uso contínuo dessas tecnologias (Machado & Miskolci, 2019, p. 253).

Conforme Queiroga, Barone e Costa (2016), em estudo sobre a formação de massas a partir do Facebook,

Ao cadastrar-se no Facebook, sua linha do tempo será coberta, gradualmente, de postagens de indivíduos e/ou páginas públicas conectadas à sua rede, priorizando as postagens relacionadas às suas “curtidas” e/ou compartilhamentos realizados. Ou seja, quanto mais o sujeito interage com uma página e/ou indivíduo, mais esta aparecerá em sua linha do tempo. Assim, pequenos grupos são formados como resultado de uma postagem em comum entre o sujeito e toda a sua rede (p. 112).

Machado e Miskolci (2019) apontam que, a partir do efeito bolha, as redes sociais tornam-se um terreno propício à expressão de conteúdos que antes estavam latentes, adquirindo um forte poder de mobilização das massas que leva os usuários a se sensibilizarem com certas publicações e não só compartilhá-las, mas ir às ruas em protesto por causa delas.

Ainda é importante ressaltar que a seleção de conteúdos a partir de sua viralização tende, conforme Pasquale (2017), a desfavorecer a diversidade de temáticas que traria um “pluralismo positivo e democratizante” (p. 18), favorecendo as polarizações. Além disso, a métrica da atenção popular (verificada pelo número de visualizações, curtidas ou compartilhamentos) contribui para a disseminação de conteúdos independentemente de sua veracidade (Pasquale, 2017, p. 18), comprometendo a qualidade das informações que os indivíduos recebem e aumentando a desinformação.

Nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, por exemplo, o *WhatsApp* foi inundado por *fake news* disparadas massivamente através de grupos, prática que viola os termos de uso do aplicativo (Mello, 2019). Muitas mensagens tiveram como intuito não divulgar propostas ou benfeitorias de um candidato, mas sim depreciar seus adversários políticos ou criar teorias da conspiração que distorciam fatos, incitavam o ódio e a violência e não permitiam o contraditório (Antonioni, 2019).

Uma pesquisa realizada pelo IDEIA Big Data/Avaaz, divulgada em novembro de 2018, revela que 83,7% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram na informação de que seu adversário Fernando Haddad (PT) havia distribuído, enquanto ministro da Educação, o chamado *kit gay* para crianças em escolas, e 74,6% deles acreditaram que Haddad defendia a pedofilia e o incesto

(Congresso em Foco, 2018). Esses dados mostram exemplos da chamada *propaganda negativa*, técnica amplamente utilizada por Jair Bolsonaro, que consiste em criticar os adversários, suas crenças, seu histórico político, sua família, o partido ao qual é filiado etc. (Borba, 2015), com vistas a desmoralizá-lo. Conforme Borba (2015), a propaganda negativa é persuasiva porque estimula medos e ansiedades do eleitorado, ficando mais tempo em sua memória, o que implica riscos para a candidatura adversária.

O recurso das “curtidas” (*likes*) nas redes sociais também motiva a lógica da competição, na qual os indivíduos entram em debates imensos em busca de um alto número de curtidas que endossem sua opinião, especialmente quando a discussão diz respeito a pautas coletivas de repertório moral que atacam os supostos inimigos, sejam eles os “comunistas”, negros, gays, feministas, petistas, bolsonaristas, enfim: todos aqueles que não partilham do universo mental do indivíduo (Machado & Miskolci, 2019).

Para Antonioni (2019), o acesso rápido e fácil à informação levou à morte do diálogo, acirrando a imposição de ideias, de verdades dogmáticas, de narrativas autoritárias e discursos de ódio. O autor ainda cita Sakamoto (2016), que diz que

A comunicação cara a cara, com toda a sua complexidade, por vezes é preterida diante do anteparo protetor da internet, que pode garantir a segurança desejada pelo interlocutor, mas o torna menos propenso a sentir o outro e, talvez, mudar de opinião sobre certo assunto. Nesse sentido, a internet pode se tornar um púlpito onde se fala, mas não se ouve (Sakamoto, 2016, p. 14 como citado em Antonioni, 2019, p. 78).

Pensando a partir de Guy Debord (2003), "tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação" (p. 8), transformando-se num verdadeiro espetáculo de imagens e mensagens sensacionalistas que apelam ao emocional dos indivíduos e, por isso mesmo, excitam as massas, já que trabalham seus mecanismos inconscientes, como discutira Adorno (1946, 1951).

Para Queiroga, Barone e Costa (2016), as redes sociais tornaram-se um “divã público” (p. 112), no qual o que os sujeitos publicam adquire sentimentos, tanto dele, quanto daqueles que podem identificar-se com a postagem. Dito isso, podemos entender as redes sociais como um espaço onde as defesas dos indivíduos ficam rebaixadas e eles expressam com menos constrangimento suas posições ideológicas e políticas.

Embora o conflito entre grupos conservadores e progressistas tenha raízes históricas e subjetivas, as redes sociais aparecem como um catalisador do processo, exercendo um importante papel político que acirra essa disputa.

Vamos, então, discutir, a partir da abordagem psicanalítica, como a angústia, o ódio e o mal-estar tomaram conta dos indivíduos e das redes.

4.2 Angústia, ódio e mal-estar nas redes

Desde *Totem e Tabu* (Freud, 1912-1913/2012), a violência e a destruição aparecem, segundo Freud, como inerentes à história do homem e ao seu funcionamento psíquico. Nesta obra, o autor sustenta que o assassinato do pai primevo pelos filhos teria deixado traços na humanidade, que seriam repetidos pelos indivíduos modernos. Pertencente a uma sociedade cujo ato fundante teria sido um assassinato, o homem moderno “herdou e repete uma carga de destrutividade” (Nakasu, 2005, p. 143), tem prontidão para o ódio e para agressividade (Freud, 1921/2011a). Na obra freudiana, o ódio é caracterizado como um sentimento mais antigo que o amor (Freud, 1915/2010b): ele “existe desde o princípio, de modo primitivo, sendo constitutivo do sujeito” (Flanzer, 2006, p. 217).

Para que fosse possível a vida em comunidade, no entanto, o homem foi submetido a uma série de leis internas e culturais, como as que aparecem a partir da instauração de tabus que proíbem o parricídio (ou o homicídio) e o incesto, que o impedem de ser violento. Já em *A moral sexual "cultural" e o nervosismo moderno*, Freud (1908/2015) aponta que a renúncia pulsional gera um significativo ônus psíquico, e o “mal-estar subjetivo e o aumento da agressividade são considerados a contrapartida do desenvolvimento da cultura” (Nakasu, 2005, p. 144). Mas é em *O Mal-Estar da Civilização*, de 1930, que o autor sistematiza esse pensamento, atribuindo à civilização “boa parte da culpa por nossa miséria” (Freud, 1930/2010a, p. 44), já que a vida em sociedade impõe a renúncia de pulsões que nos seriam fonte de prazer e felicidade. Para Freud (1930/2010a), a necessidade cultural de privarmos de satisfação nossas pulsões sexuais e agressivas, se estas não forem compensadas economicamente de alguma maneira, torna-se fonte de um inesgotável mal-estar.

Se o sujeito busca, enquanto propósito da vida humana, conservar sua felicidade através do princípio do prazer, conforme Enriquez (1990), ele tem uma tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de desprazer (Freud, 1915/2010b). Em *Os instintos e seus destinos*, obra de 1915, Freud diz que:

Quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do Eu, incorporá-lo ao Eu. (...) diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu (...). Sentimos a “repulsão” do objeto e o odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intensão de aniquilá-lo (Freud, 1915/2010b, p. 76).

Diz, ainda, que o ódio e os propósitos destrutivos com os quais o Eu persegue os objetos que lhe causam desprazer são frutos da luta do Eu por sua conservação e afirmação. Como afirma Ferreira (2018), a alteridade nos aparece como ameaça, e elegemos o outro como inimigo para que se fortaleça e se mantenha o nosso narcisismo. Quando transportamos tais afirmações da psicologia individual para a psicologia dos grupos, compreendemos a proposta de Volkan (2007), na qual um grande grupo, ao ver sua identidade e conservação ameaçadas, dirige ao outro grande grupo, tido como inimigo, tendências destrutivas de hostilidade, intolerância e ódio.

O ser humano, portanto, como anunciado por Freud (1930/2010a) em *O mal-estar na civilização*,

(...) não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lúpus* [O homem é o lobo do homem] (Freud, 1930/2010a, pp. 76-77).

Enriquez (1990), ao analisar a obra freudiana, afirma que nenhuma civilização acreditou ser possível, de fato, suprimir pura e simplesmente a agressividade. Pelo contrário: “ela utiliza a agressão para reforçar a coesão do grupo permitindo-lhe tratar os estrangeiros como *inimigos* que podem ser desprezados e destruídos” (p. 109). Se a agressividade natural do indivíduo é impedida de se expressar entre os membros do grupo, para manter sua coesão através de vínculos libidinais de identificação, o grupo favorece a manifestação da agressividade contra os grupos inimigos, que devem ser destruídos. Assim, continua Enriquez (1990), “se revela a essência de toda civilização: a guerra generalizada” (p. 110) entre grupos inimigos e, por isso, “toda sociedade tem (...) por horizonte possível, a guerra civil” (p. 150), um estado de guerra interna.

Em *Por que a guerra?*, Freud (1932/2010a) explica a Albert Einstein a prontidão dos homens para a guerra conforme seus instintos de ódio e destruição. Ele apresenta a Einstein sua teoria das pulsões (*Trieb*, traduzida como “instinto” pela editora Companhia das Letras) inicialmente proposta em *Os instintos e seus destinos* (Freud, 1915/2010b) e aprimorada em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2010d). Em um primeiro momento, na obra de 1915, Freud acreditava que as pulsões, que seriam decorrentes de um *quantum* de energia que impelia o psiquismo à ação (Azevedo e Mello Neto, 2015), dividiam-se em dois grandes grupos: as pulsões do Eu ou de autopreservação, que tinham a função de preservar a existência do

indivíduo, e as pulsões sexuais, que se esforçavam em buscar objetos, com vistas à satisfação sexual e preservação da espécie.

As pulsões sexuais estariam ligadas às de autopreservação, “e por isso buscariam vinculação, satisfação, com aquilo que preservaria a vida” (Azevedo e Mello Neto, 2015, p. 69). Desde que sistematizou tal teoria, vista como a primeira teoria pulsional, no entanto, Freud (1915/2010d) já demonstrava inquietação, dizendo ser esta uma hipótese que deveria ser mantida apenas enquanto se relevasse útil.

Em 1920, o autor reviu sua divisão inicial e, em *Além do princípio do prazer*, propõe a segunda teoria pulsional, com a ideia de que existiriam duas forças pulsionais opostas, uma que impele à ação, e outra que leva à inanição (Azevedo & Mello Neto, 2015). Às primeiras, Freud deu o nome de Pulsões de Vida, que seriam um agrupamento das pulsões sexuais e de autopreservação, que conservam a vida, buscam sua renovação e induzem o indivíduo à busca por objetos. Em oposição a estas pulsões, estariam aquelas que impelem à morte, que buscam diminuir, manter constante e/ou abolir a tensão interna dos estímulos do organismo (Freud, 1920/2010d), pelo princípio de Nirvana: um desejo do indivíduo a retornar ao estágio de onipotência, no qual não há desejos não satisfeitos, como, talvez, no útero da mãe (Low, 1920). Às pulsões deste tipo, Freud deu o nome de Pulsões de Morte, que eram entendidas, conforme Azevedo e Mello Neto (2015), como

(...) uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo. Assim, o trabalho dessa pulsão teria como objetivo a descarga, a falta do novo, a falta da vida, ou seja, a morte. Então, o organismo não teria em sua base constitucional o desejo pela mudança, pois estaria fadado a buscar sempre estados anteriores (Azevedo & Mello Neto, 2015, p. 70).

Em *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011b), Freud afirma que a vida seria a luta e o compromisso entre essas duas formas de pulsão: Eros, ou pulsão de vida, que pretende agregar “cada vez mais amplamente a substância viva dispersa em partículas” (p. 50), tornando a vida mais complexa e conservando-a; e Tanatos, ou pulsão de morte, “cuja tarefa é reconduzir os organismos vivos ao estado inanimado” (p. 50). Uma das soluções apontadas por Freud nesta luta, ou busca por equilíbrio entre ambas as pulsões, seria o desviar da pulsão de morte para fora do organismo, de modo a não provocar a destruição interna. Assim, “boa parte desta pulsão se voltaria para o exterior e se apresentaria aí, pelo menos parcialmente, em forma de destruição” (Azevedo & Mello Neto, 2015, p. 70).

Mais uma vez, portanto, seria “natural” o indivíduo externalizar sua agressividade, em busca da autoconservação. Impedido pela civilização, o homem não pode expressar sua agressividade contra os membros de seu próprio grupo; deve, ao contrário, reforçar seus

vínculos libidinais e identificações mútuas. São favorecidas, então, as agressões contra os outros grupos que, “de adversários respeitáveis, tornam-se inimigos inferiores e causa de todos os males sofridos pelo grupo” (Enriquez, 1990, p. 109), como manifestação da pulsão de morte.

Se a guerra generalizada é a essência de toda civilização, como afirma Enriquez (1990), há sempre a necessidade de se “inventar novos inimigos no exterior, quer estes constituam uma ameaça real ou não” (p. 110). Contudo, diz o autor, um grupo ou um Estado não podem viver constantemente em guerra aberta, necessitando de alguns momentos de repouso. Paradoxalmente, nestes momentos, ficam estabelecidas as restrições à sexualidade e à agressividade, que afetam os membros de maneira aguda, trazendo-lhes mal-estar e dificuldade em encontrar a felicidade (Enriquez, 1990).

Direcionar sua pulsão de morte para fora, para os objetos, faz com que o ser vivo conserve sua própria vida ao destruir a vida alheia, como afirma Freud (1932/2010b), em *Por que a guerra?*, já que a pulsão de morte ou destruição voltada para si traria uma série de prejuízos à conservação do indivíduo, colocando-o em severo sofrimento. Se tomarmos a sério essa especulação de Freud (e por que não fazê-lo?), podemos dizer que, na atualidade, um dos espaços mais utilizados para o escoamento dessa agressividade ao grupo inimigo é o das redes sociais de internet, cada vez mais presente em nossas vidas.

Para Ferreira (2018), a lógica dessas redes permite uma maximização das identificações imaginárias entre os sujeitos, já que possuem uma incessante oferta de objetos (imagens, frases, pessoas, ideias etc.) para tal. Na lógica da identificação, afirma Ferreira (2018), estará o polo oposto: a lógica do reconhecimento de uma diferença, ou seja, a lógica da segregação. Rinaldi (2021) considera que as redes sociais favorecem a emergência da agressividade e do ódio, visto que a dimensão real do outro é deixada na sombra. Sob o manto da rede, escreve a autora, “pode-se dizer qualquer coisa, na tentativa de destruir o outro, caluniá-lo, sem responsabilização, nem compromisso com a verdade, porque a verdade passa a ser aquela que um número grande de pessoas ‘curtiu’ e/ou repassou para seus ‘amigos’” (p. 59), já que o sujeito não precisa sustentar suas mensagens na presença do outro. Neste contexto, o ódio, com seus efeitos de violência e destruição derivados da pulsão de morte, emerge, e tem se mostrado cada vez mais presente nas relações interpessoais e na cena política.

Para Queiroga, Barone e Costa (2016), as redes sociais são um novo *locus* de formação de massas. Como dissemos, através dos mecanismos de algoritmos as redes reúnem os indivíduos em nichos de “convivência” com pares afins em opiniões, atitudes, predileções, gostos pessoais etc., criando grupos com um único ou vários interesses em comum. Como é característico das massas (Freud, 1921/2011a), os indivíduos destes grupos passam a ser regidos pelo inconsciente: suas emoções são intensificadas e tornam-se impulsivos, volúveis e

excitáveis; a crítica silenciosa, assim como o discernimento e inibições individuais, e os sentimentos e atos passam a ser contagiosos; a capacidade intelectual do indivíduo se reduz, ele não se preocupa mais com a veracidade dos fatos, tomando diversas informações como verídicas e reagindo de forma agressiva caso essas informações entrem em desacordo com os interesses do grupo.

Assim, um homem individualmente civilizado pode tornar-se um bárbaro em grupo, pois age de acordo com os interesses do coletivo (Freud, 1921/2011a). Surgem, portanto, as postagens e comentários ofensivos, que atacam toda e qualquer pessoa que pensa diferente. Tais comentários, porém, se tornam facilmente obsoletos pela quantidade de informações oferecidas a cada segundo nas redes. Para Queiroga, Barone e Costa (2016), a rapidez com que os comentários caem no “limbo” das redes sociais abre portas para que os sujeitos possam expressar-se do modo como desejam, sem lidar com as consequências, e renova a necessidade de defender os interesses do grupo a todo o momento, incansavelmente.

Outro importante fator a se considerar é que, nas redes sociais, será mais visto aquele que promover um conteúdo mais fácil e rápido de assimilar, utilizando poucos caracteres, na mesma lógica dos restaurantes de *fast food* (Queiroga, Barone & Costa, 2016). Nas redes sociais, textos longos e bem fundamentados não atraem o público, naturalizando a “lógica do pensamento fácil” (Queiroga, Barone & Costa, 2016, p. 117), tão característico das massas. Já dizia Freud, inspirado em Le Bon, em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011a):

Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados (...). Inclinada a todos os extremos, a massa é também excitada pelos estímulos mais desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as cores mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa (Freud, 1921/2011a, pp. 26-27).

O empobrecimento da linguagem, característico das redes sociais, favorece o empobrecimento subjetivo e a formação de massas digitais efêmeras.

Para Queiroga, Barone e Costa (2016), a formação das massas digitais está, ainda, relacionada ao medo infantil da solidão, que surge da ausência da mãe ou do cuidador e faz com que a criança desenvolva angústias e ansiedades. Além disso, vivemos um momento de instabilidade e transição de referências, com o declínio da autoridade paterna e a abertura de múltiplas possibilidades de identificação ao sujeito da modernidade. Com essa liberdade, muitos sujeitos entram em estado de desamparo, buscando referências para não se sentirem perdidos. Pensando a partir de uma espécie de repetição do mito fundador da sociedade formulado por Freud,

O pai da horda, a força repressora, que antes foi introjetada por seus membros [do grupo] como ideal, mostra-se cada dia mais enfraquecido na atualidade, e o comportamento dos indivíduos no Facebook remete-nos às crianças que imploram por limites a seus pais. Com sua infinidade de possibilidades, o Facebook é apenas um reflexo virtual dos intermináveis caminhos que os indivíduos dispõem para trilhar, mas que se mostra empobrecido em seu poder de escolha devido a tanta superficialidade (Queiroga, Barone & Costa, 2016, p. 122).

Os autores sustentam que redes como o *Facebook* fornecem subsídios para apaziguar a ansiedade infantil e lidar com o angustiante sentimento de desamparo, pela facilidade com a qual os vínculos efêmeros são formados (Queiroga, Barone & Costa, 2016). Afirmam, entretanto, que devido à fragilidade dos laços digitais, a ansiedade tenderia a aumentar, levando os indivíduos a procurarem cada vez mais por esses grupos e transformando-se em participantes destas massas, cujas identidades e interesses precisam defender a qualquer custo. Desta forma, a barbárie se torna progressivamente mais aparente.

Pensando nisso, iniciamos nossa busca exploratória em postagens e comentários de usuários do *Facebook* que nos ajudassem a compreender o fenômeno do conflito entre os grandes grupos brasileiros, como veremos a seguir.

5 Grandes grupos no *Facebook*: a psicodinâmica de uma guerra civil digital

Neste capítulo, apresentaremos os dados coletados nos perfis do *Facebook* de Luís Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, considerados líderes de cada um dos grupos que estudamos neste trabalho, dando início à interpretação destes dados à luz da psicanálise.

Nossa coleta de dados ocorreu a partir do período selecionado para análise, que vai do ano de 2013 até 2021. Por meio da ferramenta de busca avançada do *Facebook*, filtramos postagens referentes a cada um desses anos e fizemos uma leitura inicial, tomando contato com todas as publicações dos líderes políticos no período mencionado. Como nem todas as postagens interessavam à nossa pesquisa, que não teve a pretensão de ser exaustiva, selecionamos aquelas cujos temas pareciam suscetíveis a nos fornecer informações sobre o conflito entre os grupos, e nos dedicamos à leitura flutuante dos comentários dessas publicações.

A partir desta leitura, selecionamos os comentários mais significativos, com manifestações da divisão do eleitorado em grupos e do conflito brasileiro, e os organizamos para elucidar fenômenos inconscientes de seus autores e dos grupos aos quais dizem pertencer. Alguns comentários foram transcritos³⁰ e, de forma a preservar a identidade de seus autores, optamos por especificar o gênero declarado em seus perfis do *Facebook*, e utilizamos as iniciais de seus nomes de perfil.

Os dados coletados foram apresentados a seguir, a partir dos temas que emergiram durante nossa leitura flutuante.

5.2 Laço vertical: a relação com os líderes

Considerando o mito da horda primitiva e o fato de que Freud (1921/2011a) considera que é a relação com o líder que une os indivíduos de um grupo – ideia que, posteriormente, foi questionada por Volkan (2007), que considera a relação com o líder apenas um elemento da busca por manutenção da identidade do grande grupo –, nos chamou atenção a forma como os indivíduos dos grupos estudados se relacionam com seus próprios líderes e com os líderes do grupo tido como inimigo. Neste item, portanto, iniciamos nossa análise a partir do eixo vertical das ligações libidinais no interior dos grupos (Mello Neto, 1997): a identificação do grupo com o líder.

³⁰ Optamos por fazer transcrições fiéis aos comentários e, por isso, elas podem trazer erros de gramática e/ou de digitação dos comentários originais.

Tomemos Lula como líder daqueles que se definem como de esquerda, ou que se posicionam de forma mais progressista. Os comentários deste grupo acerca de Lula se relacionam fortemente com as políticas de redução da desigualdade social promovidas pelos governos do PT, sempre mencionado como sinônimo de “Lula”. A diminuição do desemprego e da fome, a ampliação do acesso às universidades e o aumento do poder de compra da população são amplamente citados e atribuídos ao trabalho do ex-presidente, como vemos nos comentários transcritos a seguir:

Antes não havia cursos técnicos, e os que tinham só eram preenchido pela casta dos mais ricos, assim como nas universidades, hoje vemos um país de jovens que sonham e com grandes perspectivas de realizar estes sonhos. Viva Lula, Viva Dilma e os homens de bem do PT. (Homem, A. M., 2013)

(...) não é só por isso. É por isso e MUITO mais. É pela economia forte, pela soberania nacional, pela distribuição de renda, pela diminuição da desigualdade, pela igualdade social... Mas você acha pouco das o que comer a mais de 9 milhões de pessoas famintas? Eu, definitivamente, não acho. (Homem, R. A, 2013)

Nordestino e de origem humilde, o fundador do PT que chegou à presidência recebeu muitos depoimentos que expressavam gratidão, sendo visto como um herói por parte da população. Os elogios recebidos foram desde “nosso eterno presidente” até “pai dos pobres”, termo que já havia sido atribuído a Getúlio Vargas (Levine, 2001):

Sabe o que eu acho que esse homem é iluminado e que nós brasileiros precisamos valorizar nossos heróis enquanto estão vivos (Homem, E. A., 2014)

O Lula é um líder nato. Vcs tem ódio e inveja dele, porque nordestino, pobre, lutou pela democracia. Sentiu na pele o que ninguém de vcs sentiu e chegou a ser presidente. E sejamos honestos, o melhor presidente que o Brasil já teve. E é isso que vocês não suportao... (Mulher, L. V., 2015)

Esse é líder de verdade. É autêntico. Tem história. Tem propósitos voltados ao povo e fala a língua do povo. Como Getúlio Vargas é o Pai dos Pobres! (Homem, J. O., 2015)

Além da defesa de ideários progressistas e das conquistas sociais implantadas pelo governo do PT, que promoveram inúmeras identificações nas minorias do país, o passado pouco abastado do ex-presidente Lula promoveu um laço identificatório com a grande massa mais pobre do país, sendo ele “um ‘igual’ que simbolicamente os representava no poder” (Silva Júnior & Mello Neto, 2022, p. 7). Com isso, a figura do líder petista foi alvo de uma fascinação por parte da população, que o via como uma espécie de grande pai provedor, e que buscava introjetar as características que admirava no político.

Acusado pela Operação Lava Jato em inúmeros processos, por crimes como o recebimento de propina, corrupção passiva e lavagem de dinheiro, o ex-presidente recebeu muitas críticas e ofensas em seu perfil. Seus apoiadores, por outro lado, eram incansáveis em sua defesa, dizendo que o único crime do petista foi ajudar a quem precisava.

Se, por parte da esquerda, Lula era ovacionado, aqueles que defendiam princípios mais conservadores e, por isso, se posicionaram mais à direita do espectro político, teciam críticas e ofensas ao ex-presidente.

Os integrantes deste grupo tiveram intensa participação nos comentários do perfil do líder petista, dirigindo-lhe acusações e xingamentos. Dentre as ofensas mais emblemáticas, encontramos comentários em que os usuários do *Facebook* chamavam o ex-presidente de verme, monstro, “macumbeiro hipnotizador de otários”, bêbado, Lúcifer e “resto de aborto”, comentários feitos no período de maior descontentamento da população com o governo Dilma (2013-2015), quando as ruas do Brasil foram tomadas por manifestações.

Se no perfil de Lula as postagens e comentários sobre Bolsonaro só começam a aparecer no ano de 2017, o perfil de Bolsonaro, ao contrário, já movimentava críticas ao PT, a Lula e Dilma desde o ano de 2013, já que o deputado fazia duras críticas ao governo e o acusava, por exemplo, de semear conteúdos comunistas e de “ideologia de gênero” nas escolas, sendo acompanhado por seus seguidores.

Ao analisarmos os comentários de opositores a Lula em seu perfil, também encontramos declarações que demonstravam o quanto uma parcela de brasileiros se sentiu traída pelo ex-governante, em especial por ele ter indicado Dilma Rousseff como sua sucessora. Sob o governo de Dilma, principalmente em seu segundo mandato, a economia do país rapidamente deteriorou-se, entrando em recessão (Corsi, 2016; Bolle, 2016). Junto à crise econômica, somou-se uma crise política e moral, já que casos de corrupção ganhavam destaque a partir da Operação Lava Jato (Almeida, 2018). Dilma representava a continuidade do governo de Lula, e as incertezas e inseguranças advindas do cenário de crise – que levaram a população ao desamparo – fizeram com que milhares de brasileiros voltassem seu ódio contra o ex-presidente:

Lula você é o culpado de tudo isso que esta acontecendo no país. Vai embora daqui é o melhor que você faz vai para Cuba junto com seus companheiros (**Homem, L. C. S., 2013**)

Já acreditei nele...acho que ele teve nas mãos a grande chance de mudar o país, estruturalmente, no entanto, infelizmente, ele preferiu ficar muito rico, preferiu vender nosso futuro, e eu acho que ele é um grande traidor. O primeiro governo dele foi muito bom, o segundo, e os dois que se seguiram da Dilma, foram um desastre. Perderam uma onda a favor do país, de apoio popular, de balança comercial favorável, e nos traíram, descaradamente nos traíram! (**Homem, P. B., 2017**)

Este sentimento de traição nos leva a pensar na ambivalência inerente aos investimentos afetivos: amor e ódio são sentimentos opostos que ocorrem de forma simultânea. Como pontuamos em nossas considerações sobre o ódio, no item 1.1 deste trabalho, o amor tende a reverter-se em ódio quando o objeto se torna fonte de sensações desprazerosas ao Eu, e o indivíduo passa a buscar afastar-se do objeto – e, até mesmo, aniquilá-lo (Freud, 1915/2010b). Nesse sentido, concordamos com Silva Júnior e Mello Neto (2022): “o ódio direcionado à figura de Lula por uma parcela da população só se torna possível porque, outrora, fora intensamente amado” (p. 8).

O ex-presidente também foi acusado de trabalhar contra os princípios da moral cristã e contra os valores da família, despertando ainda mais ódio de muitos, como ilustra o comentário a seguir:

Eu Votei em vc Lula, votei no wagner, na Dilma. Mas, sou Cristão, e o que a presidenta tem sancionado só é miséria contra a família. Por isso vou questionar meu voto nas urnas. O brasil é 98% Cristão, mas, vocês só apresentam projeto ante-cristão EX: Casamento Guey, Aborto, Acabar com os feriados santo, tirar da constituição as palavras Mãe e Pai. Isso é um absurdo, uma afronta a moral cristã, por isso eu estou com o povo brasileiro, sem partido, mas estou com o povo que acordou. (Homem, F. T., 2013)

Em julho de 2017, Lula publicou uma mensagem onde dizia nunca ter visto tanto ódio disseminado no país como a partir de 2013, e atribuiu tal agitação ao exercício da democracia que disse ter permitido através de seu governo: “... No Palácio do Planalto parou de entrar só príncipe, princesa e presidente e passou a entrar sem terra, hanseniano, quilombola e toda sociedade brasileira”, escreveu. A partir desta postagem, surgiram comentários que o acusaram de ser o culpado por dividir a população e gerar este ódio:

A comunicação do PT que fez isso, propositalmente. Dividir para reinar. É receitinha de bolo do Fidel Castro e do Hugo Chavez ué... porque a surpresa? Há, sem esquecer da estratégia de culto de personalidade, certo? (Homem, R. M., 2017).

Vc é esse ódio seu lula. Você incita o ódio entre as classes. Vai embora daqui (Homem, J. M. A., 2017)

De fato, em alguma medida, ações do partido petista tiveram participação na disseminação do ódio entre parte da população, em especial devido ao sentimento de traição que tratamos acima. Em 2017, o **Homem J. M. A.** aponta que Lula “é” esse ódio, o que nos leva a pensar que o ódio direcionado ao PT foi tão intenso que acabou se personificando no próprio ex-presidente: Lula se tornou, para parte da população, o ódio encarnado, em uma

tentativa extrema de desfazer o laço idealizado, de “desligar tal fascinação diante de um amor frustrado pela realidade” (Silva Júnior & Mello Neto, 2022; Ab’Saber, 2015).

Avançando em nossa linha do tempo, chegamos ao dia 8 de novembro de 2019, primeiro ano de Bolsonaro na presidência, quando Lula foi solto após 580 dias de prisão. Naquele dia, o líder petista compartilhou um vídeo ao-vivo direto de Curitiba/PR – cidade onde cumpriu sua sentença –, intitulado “Lula Livre”. Naquela postagem, somados aos comentários que comemoravam sua soltura e lhe davam boas-vindas, surgiram comentários que demonstravam que, para muitos, Lula estava morto politicamente:

Qdo será o enterro desse defunto político? (Homem, M. M., 2019).

Vc é um cadáver político se toca seu velho babão, nojento sfsdp (Mulher, R. R., 2019)

Lula vc está morto politicamente, pt PCdoB PSOL partidos das trevas pra nunca mais. (Homem, J. P., 2019)

Ainda que o governo do Partido dos Trabalhadores tenha se encerrado com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016, a ideia de que o partido – e, conseqüentemente, Lula – destruiu o país perdurou até os dias atuais, e o ex-presidente continuou sendo alvo da hostilidade de grande parte dos brasileiros.

Aparentemente mais movimentado do que as redes sociais de Lula, o *Facebook* de Bolsonaro contava com milhões de comentários. A relação de seus apoiadores com o líder possuía inúmeras semelhanças daquela entre os progressistas e Lula, também sendo pautada em amor e veneração. Desde 2014, Jair Bolsonaro era considerado um herói e comparado a figuras religiosas, histórias e ficcionais por parte da “direita” política, como ocorre no sistema totêmico, cuja lógica elege figuras míticas representantes de um suposto poder supremo e ilimitado:

David era o menor de sua casa e a sua família a mais pobre da tribo, ele venceu o gigante e foi Rei em Israel. Pela fé já vejo Bolsonaro Presidente! (Homem, R. S. A., 2014)

Capitão Jair Messias Bolsonaro, Vossa Excelência é o nosso ‘Segundo D. Pedro I’ que dará nosso segundo grito de independência do Brasil. Sem dúvidas a nossa melhor opção de presidente do Brasil e queremos vê o Doutor Eduardo Bolsonaro como senador da república. Tua família nos enche novamente de orgulho de ser brasileiros. Avante Capitão, nos livre dessa quadrilha PTralha. (Homem, J. G. F., 2014)

Inúmeros seguidores fizeram montagens do então deputado vestido com roupas de super-herói, nas cores verde e amarelo, chamando-o de “Capitão América do Sul”, em alusão ao Capitão América, herói dos quadrinhos e dos cinemas estadunidenses. Além disso, em alguns

comentários Bolsonaro era chamado de “papai Bolso”, “papi Bolsonaro”, o que, de maneira ainda mais explícita, também retoma, de algum modo, o simbólico pai da horda. Alguns elementos, no entanto, são específicos da relação dos defensores da direita com seu líder: muitos apoiadores consideravam Bolsonaro um escolhido de Deus para, com patriotismo, coragem e honra, salvar o Brasil da desordem e colocar o país no rumo do progresso, mesmo que através de medidas radicais:

Jair Bolsonaro, é um político conservador no que se refere a valores cristãos e familiares. Ele não é o “Salvador da pátria”, mais sim, o início de uma preciosa mudança... com decência, moral, ética, ordem e patriotismo em nosso país. Nós precisamos de um presidente como ele é: Íntegro, verdadeiro, corajoso, determinado, patriota de ‘pulsos firmes e braços fortes’ e, sobretudo, temente à Deus. Somente com esses alicerces, poderemos garantir a soberania nacional, uma política séria e os nossos direitos religiosos e familiares em todos os sentidos. Jair Bolsonaro, é sem dúvida o presidente que o Brasil precisa! (Homem, P. J. C. M., 2018)

Somente um ‘radical’ conserta o nível de podridão desse país. Se não fosse ele teria que ser outro igual ou até mais ‘radical’. E quem discorda é porque não sabe o nível que está enraizada a maldade no governo desse país. (Homem, L. E. A., 2019)

Entendo muito bem o que vc quis dizer! Deus ungiu nosso presidente e tudo que ele toca é abençoado por ELE. Também acredito nisso. Não é fanatismo, é bíblico. Só entende quem conhece e acredita na palavra de Deus. Não se sinta constrangida por crêr em Deus e nem se importe com as críticas. Elas sempre vêm de incrédulos, ptralhas e/ou invejosos. (Mulher, L. P., 2020)

Tal como ocorreu com Lula, a identificação com a figura de Bolsonaro também foi facilitada ao ser encarado como semelhante, como “um de nós” (Silva Júnior & Mello Neto, 2022, p. 8). A partir da exaltação deste homem “viril” que lideraria o povo brasileiro para a tomada do poder, notamos como o sadismo se espalhou pela massa, liberando o ódio e a agressividade na busca por eliminar o inimigo. Mas se nas relações horizontais há sadismo, na relação vertical, com o líder, há masoquismo: vemos um povo submisso, que “anda de joelhos” por seu líder, em busca de autoridade, pela promessa de segurança e proteção diante do desamparo.

Nos comentários a seguir, vemos o quanto Bolsonaro mobilizava os afetos de seus eleitores por trazer de volta a esperança e certo grau de patriotismo ao brasileiro:

Bolsonaro fez a Direita sair do armário. Hoje, temos orgulho em sermos conservadores. (Homem, A. C., 2016)

EU TE AMO BOLSONARO. . DEIXANDO BEM CLARO.... EU NÃO SOU GAY NÃO VIU.. AMO PORQUE ELE ME CONQUISTOU. (Homem, W. M. S., 2017)

Tive dois homens aos quais sempre fui muito fã, dois ídolos, já que sempre temos que nos espelhas em alguém!!!! Meu pai e Airton Senna do Brasil, agora chega vc, Bolsonaro, com essa carinha de paisagem... já me ganhou tbm. Vc é o terceiro ao qual eu me espelho!!!! Cada frase sua, me enche de orgulho, e prova cada dia mais, que não estamos nesse mundo em vão!!!! (Mulher, K. A., 2017)

Há muitos anos não sentia isso..... choro, me emociono quando vejo. A esperança do povo no Jair..... lindo.... Pra frente Brasil.....” (Mulher, C. P., 2018)

Nos anos eleitorais de 2014 e 2018, apoiadores de Bolsonaro estavam ansiosos para vê-lo nos debates da TV, tanto por sua postura constante de enfrentamento – cuja violência muitos gostariam de prestigiar ao vivo na televisão – quanto porque não comparecer seria arriscado em termos eleitorais.

Em agosto de 2018, no entanto, Jair Bolsonaro disse não ser produtivo participar de debates, e optou por não comparecer (Maia, 2018), o que dividiu a opinião de seu público. Enquanto parte de seus eleitores continuava a incentivá-lo a comparecer – já que faltar seria sinal de uma indesejada “fraqueza” por parte do “capitão”, como uma ameaça de castração –, outra parte acreditava que a decisão do candidato era correta, pois debates não agregariam em nada e ele deveria “focar nas ruas”:

Jair Messias Bolsonaro, se confirmado, a decisão de não participar dos debates, em minha opinião, será um tiro no pé. A decisão será explorada pelos adversários como fraqueza, será trucidado nos debates e não terá oportunidade de se defender. Por pior que sejam, os debates são importantes para angariar votos dos indecisos. Não se iluda com a adesão nas redes sociais, pois não são suficientes para ganhar uma eleição tão pulverizada. Precisa participar dos debates e enfrentar os adversários. (Homem, A. J., 2018)

Parabéns nada, não ir é passar um papel de fraco. ‘Soldado que vai a guerra e tem medo de morrer é um covarde’. Tem que honrar as palavras (Homem, J. T., 2018)

Em setembro de 2018, a polêmica sobre a ida de Bolsonaro aos debates cessou, já que o então candidato à presidência levou uma facada no abdômen durante ato de campanha em Juiz de Fora (MG) e precisou de cuidados médicos constantes, o que o afastou de seus trabalhos. Apoiadores da esquerda e da direita divergiram sobre a veracidade do atentado, e não temos a pretensão de discutir a questão. Seja qual for a verdade sobre o ocorrido, notamos que esse episódio aumentou exponencialmente o apelo emocional aos eleitores de Bolsonaro – como é comum ocorrer nas massas –, que se compadeceram e se colocaram a postos para defendê-lo:

Toma cuidado, meu bebê! Não saia de casa sem 20 seguranças ao seu redor e chama o exército pra acampar na sua casa. Eu morro de preocupação. Se cuida, meu anjo! Sua eleitora te ama (Mulher, H. H., 2018)

A. V. bolsonaro é nosso bebe, nosso tesouro, nosso amorzinho (**Mulher, M. R.**, 2018)

De quantos soldados vc precisa na sua porta capitão?? É só chamar estamos as ordens (**Homem, W. N.**, 2018)

Nesta época, notamos que pareceu aumentar a quantidade de comentários feitos por mulheres, talvez pelo próprio apelo emocional derivado da facada. Como vimos nos comentários acima, algumas dessas mulheres chamavam Bolsonaro de “bebê”, demonstrando algum cuidado, mas, mais do que isso, retomando o laço edípico de identificação terna com o pai e as consequências do Complexo de Castração na menina: ao ver Jair Bolsonaro transformado em um frágil bebê que necessitava de cuidados, as mulheres também o introjetaram e se apoderaram do falo (na famosa equação pênis = bebê), e se puseram a defender o político. Cuidar do fálico bebê Bolsonaro também tornou essas mulheres poderosas, já que passariam a gestar o “salvador” e teriam, então, um papel na “sagrada” salvação do país. Em linhas gerais, isso explicaria o porquê de o público feminino, que antes compunha uma pequena fatia do eleitorado de Bolsonaro, tenha aumentado as intenções de votos no candidato após o atentado sofrido por ele (Instituto FSB Pesquisa, 2018).

Após a facada, além de mito e herói, Bolsonaro também se tornou um mártir, e alguns eleitores comentavam que iam vingar seu sangue inocente – o sangue do Messias fálico – nas urnas. Os comentários a seguir também trazem o tom religioso que, aparentemente, também aumentou no discurso dos eleitores do candidato:

Força nosso querido presidente, sabemos que não está sendo e nunca será fácil, mas o senhor foi escolhido pela vontade de Deus com um grande propósito, como o rei Davi, para as guerras e Salomão para a paz e progresso de uma nação...força capitão. (**Mulher, L. H. P.**, 2019)

Meu presidente, Deus não coloca fardos pesados em ombros fracos! Os seus ombros são fortes e nós que acreditamos no Senhor, estamos orando, para que o Senhor consiga carregar o seu fardo até o fim! (**Mulher, G. M.**, 2019)

Pra ser sincero eu nunca chorei tanto quanto a esse dia qui tristeza ☹️ foi o mesmo sentimento em ter perdido meu pai fiquei cem chão imaginária o que seria do país se Deus tivesse levado Bolsonaro mais Deus é e sempre será fiél a quem o ama (**Homem, M. M.**, 2019)

Na luta do bem contra o mal, a aparente vulnerabilidade pela qual passava o candidato Bolsonaro pareceu trazer uma forte satisfação narcísica a seus apoiadores, já que agora cada membro deste grupo se sentia um feroz soldado a vingar o sangue daquele que acreditavam ser um representante divino que salvaria o país. Agora, mais do que nunca, os “homens de bem” estavam empenhados na luta contra o mal que depositaram sobre a esquerda.

Cabe ressaltar, inclusive, o quanto o atentado sofrido por Bolsonaro trouxe a presença próxima da morte e, por consequência, da castração. Bolsonaro sempre foi tido como um homem viril, não-castrado. Agora, estava indefeso, e a virilidade passou a seus apoiadores, que tomaram a frente de batalha.

Mas esses “guerreiros” precisam de um líder. Em 16 junho de 2020, Bolsonaro fez uma postagem dizendo não ser um governante autoritário, e que “o que os adversários apontam como autoritarismo do governo e de seus apoiadores não passam de posicionamentos alinhados aos valores do nosso povo que é, em sua grande maioria, conservador”, em suas palavras. Diante disso e de uma aparente falta de autoridade e iniciativa, alguns de seus apoiadores passaram a cobrar que o “Capitão” tomasse medidas drásticas contra a “ameaça comunista” à democracia, como soldados que, no campo de batalha, aguardam as ordens do comandante – ou como filhos que pedem a autorização do pai para agir:

TÁ NA HORA PRESIDENTE! DÊ A ORDEM (**Homem, M. A. B.**, 2020)

Chegou a hora, presidente! Estamos esperando! Não v á mais pra sustentar essa tirania que se instalou! O seu povo acredita no senhor! Os tiranos que ameaçam nossa democracia tem que ser punidos com rigor! Que vergonha a Lei de Segurança Nacional! Nossa Senhora estará lhe abençoando e protegendo! Em nome do Senhor! (**Mulher, B. G.**, 2020)

Tem meu apoio, e minhas armas se necessário. Assim como certamente terá o apoio de armas de todo o Brasileiro viril. Agora, às medidas, sem timidez! (**Homem, A. V.**, 2020)

Os comentários dos apoiadores da esquerda sobre Bolsonaro apareceram em menor quantidade, já que o político passou a ser mais conhecido no ano de 2016, durante o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Ainda assim, algumas pessoas já tinham sua opinião sobre a postura do então deputado, que era visto como “desajustado”, sujo e intolerante:

Nunca vi tanta idiotice numa página só. O Deputado Bolsonaro pai e filho são desajustados psico-sociais e seus seguidores lunáticos. Os dois não completarão seus mandatos. Isso é uma Profecia Divina, como castigo. (**Homem, S. V.**, 2015)

um ditador disfarçado de democrata, esse homem é sujo, defensor do Regime Militar, defende tortura para criminosos quando a lei manda punir, intolerante, enfim, o homem com todos os ingredientes de um ditador. Votem nele e o elejam e vcs verão o que se tornara esse país (**Homem, R. A.**, 2015)

No ano eleitoral de 2018, as declarações polêmicas de Bolsonaro foram duramente criticadas pelos eleitores da esquerda, em especial a fala do deputado em uma entrevista³¹ em 1999, em que dizia defender a tortura.

Se para muitos apoiadores da direita, portanto, Bolsonaro aparecia como um pai viril e rigoroso, enquanto uma característica positiva que lhes dava a sensação de proteção, para a esquerda essa suposta virilidade era vista como uma postura violenta – e oposta a Lula: este sim, visto pela esquerda como viril.

Quando o candidato do PSL à presidência resolveu não comparecer aos debates, foi tido pela esquerda como fraco e despreparado – castrado, como temiam alguns defensores da direita. A facada sofrida por Jair em setembro de 2018 – e seus desdobramentos em 2019 – também foi vista com maus olhos pela esquerda, que desconfiava da veracidade do ocorrido, considerado uma tática para o deputado vencer as eleições presidenciais:

Vale tudo pra ser Presidente da República até levar uma facada de propósito (**Homem, S. A.**, 2019)

Cadê o sangue? O cara leva facada e nada de SANGUE, Eita História mal contada!!! (**Homem, J. S.**, 2019)

Não houve facada, o que houve foi uma encenação de um atentado, que serviu a seu proposito, ajudou a eleger a suposta vítima (**Homem, E. R. S.**, 2019)

A partir de 2020, a situação de Bolsonaro se agravou aos olhos da esquerda. O presidente, que se elegeu com um discurso anticorrupção, teve o nome de sua família envolvido em escândalos de rachadinhas (quando assessores parlamentares são forçados a dividir seus salários com o parlamentar) e inquéritos no STF. À época, uma mulher comentou uma postagem de Lula, indagando até quando o congresso nacional, “um representante do povo”, iria se omitir a favor de Bolsonaro, ao que um homem respondeu: "perai! Representa quem? Só representam a eles mesmo! Nem discute! *Estamos mesmo sem pai nem mãe !!!* Infelizmente" (Homem, N. F., 2020, destaque nosso), ilustrando o desamparo que tomou conta de muitos brasileiros. Bolsonaro passou a ser chamado de “falso profeta” e sem coração, por não se importar com os pobres. Além disso, foi acusado de espalhar *fake news* e disseminar o ódio, sendo considerado indigno do cargo que ocupava.

Com a pandemia da Covid-19 e a gestão duvidosa do presidente, que negava a gravidade do vírus, espalhava mentiras e ia contra as recomendações da ciência sobre o uso de máscaras

³¹ C.f. vídeo do canal Poder 360, no Youtube: "Bolsonaro defende tortura para quem ficar em silêncio em CPI, em maio de 1999", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VRzVMcOdKII>

e distanciamento social, além de incentivar a utilização de medicamentos sem eficácia comprovada contra o vírus, Bolsonaro passou a ser considerado, por muitos, um genocida:

Como me entristece ver que o programa de combate a pandemia não passa para o nosso presidente de apenas um jogo político, não importa quantas vidas serão seifadas, o que importa é quem vai ganhar. Basta ver o que aconteceu com a questão da vacinação. Há de existir algo que se possa fazer (Mulher, B. S., 2021)

Esse atual presidente debocha da dor das famílias, quer que todo mundo volte a trabalhar se se imunizar, quantos mais morrerem melhor, principalmente se for aposentado, parece que essa é a vontade desse monstro. (Homem, D. F. S., 2021).

Como pode um louco governar uma nação, alguém tem que fazer alguma coisa, se essa porcaria for até o fim do mandado ele via afundar o nosso País. (Homem, V. J., 2021)

Se, aos olhos da esquerda, Bolsonaro estava acabando com o país, Lula ganhava forças. Às vésperas do ano eleitoral de 2022, o líder petista era, cada vez mais, visto como “a única alternativa para salvar o país” – assim como Bolsonaro o era, nos idos de 2018. Tal dinâmica parecia inverter o movimento que elegeu Bolsonaro, agora no sentido de eleger um líder da esquerda, o que renderia novos estudos.

Até aqui, exploramos a relação dos grupos com seus líderes e com o líder do grupo considerado inimigo. Agora, partiremos para a apresentação dos dados acerca da relação dos grupos entre si.

5.3 Laço horizontal: a relação entre os grupos

Considerando a formação em cruz dos laços libidinais de identificação das massas (Mello Neto, 1997), até aqui falamos do laço vertical, que representa a relação dos grupos com seus líderes. Agora, nos ateremos ao laço horizontal, de identificação entre os membros da massa, resultando em amor ao semelhante e projeção do ódio naquele que é diferente, como discutimos em nossos capítulos teóricos.

Nossa coleta de dados nos permitiu elencar as características que um grupo atribui ao outro. Conforme analisamos, para os defensores da “esquerda”, a “direita” seria composta por uma camada da população que seria corrupta, racista, homofóbica, autoritária e fascista, recebendo os apelidos de “coxinha”, “tucanos” – em referência ao PSDB, nos anos de 2013 a 2016 –, e “bolsominions” – a partir de 2017. A “direita”, por sua vez, parecia considerar que a “esquerda” seria formada por fanáticos pelo PT que foram ludibriados por programas como o Bolsa Família. Em referência aos progressistas, aparecem termos como “trouxas”, “otários”,

“imbecis”, “mortadelas”, “militantes”, “satânicos”, “comunistas”, “alienados”, “preguiçosos” e “vagabundos”, além de serem considerados sem valores morais e cívicos.

Como dissemos, notamos que as discussões entre os dois grupos pareciam mais brandas no período de 2013 a 2017, e, a partir de 2018, com o ano eleitoral e a consequente vitória de Bolsonaro, o tom agressivo dos comentários – de ambas as partes – pareceu aumentar. Já em 2014, porém, Jair Bolsonaro havia considerado se candidatar à presidência e uma de suas seguidoras comentou que a missão dos apoiadores de Bolsonaro era “atazanar a petezada” (Mulher, D. V., 2014), anunciando o que viria nos anos seguintes.

Em todo o período estudado, enquanto a esquerda acusava a direita de ser mentirosa, fascista e de não se preocupar com os pobres, a direita atribuía à esquerda os escândalos de corrupção, mentiras e roubos que assolaram o Brasil, além de dizer que a esquerda não possuía valores morais e buscava implantar o comunismo. Se houve uma época em que os brasileiros gostavam de dizer que o voto era individual e secreto – como garante o artigo 60, § 4, inciso II da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) –, notamos que isso não mais ocorreu. Além da exposição do próprio voto, as pessoas também passaram a julgar e tentar interferir no voto alheio.

Apesar de a internet ser um espaço público, muitos indivíduos se incomodavam com comentários da oposição na página de seus líderes, em especial os apoiadores da esquerda, que viam o perfil de Lula tomado por comentários que criticavam o ex-presidente e seus seguidores. No perfil de Bolsonaro, apesar de a minoria dos comentários serem da oposição, seus apoiadores também se demonstraram incomodados com alguns “intrusos” da “esquerda”. Assim, percebemos o quanto os grupos possuíam fronteiras claras, as quais buscavam defender de uma invasão do inimigo.

Também notamos que, ainda que algumas pessoas ainda tentassem se ater ao debate político, muitos comentários e discussões eram bastante infantilizados, ofensivos e careciam de argumentações, refletindo, evidentemente, o alto grau de regressão ao qual indivíduos e grupos estavam submetidos, como vemos a seguir:

COXINHA: Uma cabeça de massa com miolo de frango desfiado. (Homem, K. S. S. D. J. V., 2015)

Ahaahahahaha se fode lula (Homem, B. R., 2018)

Se foda você babaca (Mulher, J. L., 2018)

Vc é que tá fudido coxinha sem catupiry. (Homem, J. B., 2018)

Petista gosta de alfafa (Homem, D. D., 2018)

Coxinha gosta de pegar as coisas alheias. (Homem, M. G., 2018)

M. G. de pegar coisas alheias, gosto sim, ando pegando a sua mãe (Homem, I. D. D., 2018)

Pegando com o que I., você fez implante de bombinha? Kkkkkk (Homem, M. G., 2018)

Saiba que minha mãe não gosta de pobre de direita, pois ela não tem curso de adestramento. (Homem, M. G., 2018)

M. G. ela pode não ter curso de adestramento mas ela gosta de 4 e prende as bolas (Homem, I. D. D., 2018)

Qual é o problema, o senhor está com inveja por causa disso? Eu entendo, já que não sobe mais nada, agora quer virar a casaca né kkkkkkkk (Homem, M. G., 2018)

É válido ressaltar o alto grau de sexualização dos discursos, especialmente em relação à sexualidade anal, que aparece como forma de insulto, o que não nos surpreende, já que a fase anal do desenvolvimento psicosssexual é carregada de sadismo (e masoquismo), com o surgimento da oposição atividade-passividade, como se sabe bem. Nos *Três ensaios...*, Freud (1905/2016) afirma que é na fase anal, a partir do domínio da musculatura, que a oposição entre atividade-passividade toma delineamentos mais claros, situando-se em termos antagônicos. Com isso, a atividade se encontra ao lado do sadismo e a passividade ao lado da analidade (Laplanche, 1988). A partir desta primeira experiência de domínio, as tendências sádicas – de prejudicar, constranger e humilhar o outro para obter satisfação – tornam-se mais pronunciadas.

Percebemos que os insultos também buscam, em ampla escala, feminilizar o outro, trazendo, mais uma vez, a castração e a primazia do falo. Ora: se os homens temem a castração como uma ameaça à sua vida, nada mais desumanizador do que castrar o outro, transformá-lo em feminino, passivo, não-viril. No imaginário, infligir a castração ao outro é equivalente a feri-lo narcisicamente, destruí-lo – e o sádico goza com isso, como também gozaram os defensores de Bolsonaro com a vitória do candidato, em 2018:

Eu adoro o choro dos milicianos do pt. O que seria a vida sem o mim mimmim desses viadinhos? (Homem, C. P. C., 2019)

Adoro quando vejo que deu certo e tenho que olhar na cara de choro de esquerdista. (Mulher, L. L., 2019)

Manifestações da intolerância entre os grupos também apareceram em relação ao que resolvemos chamar de preconceito regional. Em nossa coleta de dados, notamos, sem surpresa, o quanto o povo das regiões Norte e Nordeste (mas em especial os nordestinos) foi estigmatizado como “eleitor do PT”, como se tivesse sido o único a se beneficiar das políticas de inclusão social no país. Os votos dos nordestinos foram muito questionados, e sempre tidos como atos de “burrice”, de falta de entendimento, como ilustra o seguinte comentário:

para compensar 44 % da população do PE votou na dilmarsrs (Homem, J. G., 2015)

São sem entendimento, devem viver da bolsa miséria. (Homem, J. S. S. S., 2015)

A adesão aos programas de inclusão foi considerada um ato de preguiça, desonestidade e “vagabundice”, rendendo inúmeras ofensas ao povo nordestino, que não deixou de se defender. Como se o país fosse dividido em dois, a população do Centro-Sul do país parecia sentir-se explorada, como se trabalhasse para sustentar o restante dos brasileiros, como se apenas nortistas e nordestinos gozassem de privilégios. Os comentários a seguir apareceram no *Facebook* de Lula:

Ignorância é agt trabalhar pra pagar impostos altos pra sustentar o nordeste a bolsa família, ao invés do governo gerar emprego pro povo trabalhador acha mais fácil compra o pobre com bolsa família pq não é eles que bancam é o trabalhador!! (Mulher, T. A., 2015)

Bem coisa de baiano que não gosta de trabalhar, deve estar mamando em algum lugar do Pt. (Mulher, I. D., 2017).

No ano de 2020, Jair Bolsonaro postou uma foto com o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammad bin Salman Al Saud, dizendo ter aprofundado a cooperação entre os países no âmbito da Defesa, do comércio, de investimentos e outros temas. A partir desta aliança com um país do Oriente Médio, alguns brasileiros comentaram, felizes, que o estado da Bahia seria explodido em breve, em alusão ao estereótipo que atribui explosões aos islâmicos, demonstrando um preocupante grau de intolerância.

Negócio fechado, a Bahia sera explodida em breve (Homem, F. S., 2020)
F. S. grande dia (Homem, M. M., 2020)

Acordo fechado: em alguns dias a Bahia será explodida grande dia (Homem, R. V., 2020)
R. V. Deus te ouça (Homem, D. S., 2020)

Outro ponto que nos chamou muita atenção foi a enorme quantidade de vezes onde se imbricavam às discussões comentários nos quais os participantes da conversa corrigiam a gramática um do outro, ou zombavam da forma do outro escrever. Não raro, as correções ortográficas acabavam acentuando a disputa política, já que aqueles que escreviam ou digitavam errado eram sempre associados a apoiadores do PT, da esquerda e, muitas vezes, à população da região Nordeste do país.

A partir disso, notamos que, se no passado algumas teorias sustentavam que o Brasil era um paraíso tropical da tolerância e da convivência pacífica entre diferentes raças e credos (Fernandes, 1965; Schwarcz, 2019), essas definições não sobreviveram até a atualidade.

Aspectos do conflito psicopolítico atual no Brasil demonstram o quanto a tolerância e o respeito não passavam de ilusões, já que parte da população se mostrava cada vez mais intolerante e violenta.

No perfil de Bolsonaro, foi comum encontrarmos pessoas que falavam sobre laços de amizade e de relações familiares perdidos em decorrência de suas posições políticas:

Vocês que vão votar em Bolsonaro, terão que ser meus amigos pra sempre. Porque os que eu tinha já perdi no primeiro turno. Kkkkkkkk. #B17 #paz (**Homem, F. J.**, 2018)

Eu deixei até de ser a tia favorita (**Mulher, N. B.**, 2018)

Hahahah penso que a maioria de nós estamos nesta situação. Bora virar amigos de infância!!! (**Mulher, R. G.**, 2018)

Já devo ter perdido uns 3 primos 4 tias e uns 10 amigos. Mas bora lá. Segue o baile. (**Homem, L. C. A. V.**, 2018)

L. C. A. V. Pode até perder a amizade de todos eles, não perdendo a sua consciência como esses já fizeram, vc sempre estará no caminho certo! (**Homem, F. H. S. M.**, 2018)

Neste ponto, percebemos que, quando a estrutura familiar fracassa, há uma tendência dos indivíduos refazerem nos grupos um projeto edipiano abandonado ou inconcluso, como já afirmava Anzieu (2012). Notamos que os comentários acima ilustram o quanto os conflitos intrafamiliares relacionados, especialmente, a questões políticas (seu conseqüente desamparo), reforçam a busca por integração a grupos de ampla identificação ideológica, política e psíquica.

Até o momento, nossos dados trouxeram aspectos do duplo laço libidinal das massas: o laço vertical, criado a partir da identificação com o líder, e o horizontal, a partir da identificação entre os membros da massa (Mello Neto, 1997). Nossa análise nos levou a concordar com Silva Júnior e Mello Neto (2022) quando os autores apontam que, no caso brasileiro, a formação das massas possui uma configuração especial: “os laços verticais da cruz seriam fortemente investidos, enquanto os laços comunitários, o braço horizontal da cruz, seriam frágeis, debilmente estabelecidos” (p. 5).

Tal configuração não ocorre por um acaso, estando intimamente relacionada com a herança colonial do país. Ainda que algumas narrativas tenham tentado criar a visão de que o Brasil é um país democrático e igualitário, a sociedade brasileira é marcada por hierarquias desde o período colonial (Schwarcz, 2019). Patriarca daquele período, o senhor de engenho já exercia uma dominação sobre seus dependentes (escravizados), estabelecendo identificações “de baixo para cima”, dos submissos com seu líder, como aponta DaMatta (1997), sufocando qualquer tentativa de conflitos hierárquicos. Na mesma medida em que as relações verticais eram potencializadas, as relações horizontais – entre os irmãos – eram desinvestidas, de forma

que os iguais não se unissem para subverter ou questionar a ordem vigente (Silva Júnior & Mello Neto, 2022).

Assim, com um laço horizontal demasiado tênue em relação à ligação vertical, Silva Júnior e Mello Neto (2022) supõem que haja uma dificuldade de constituição de uma massa psicológica no país, já que as vias de identificação entre os "irmãos" são obstruídas ou dificultadas. Com isso, os conflitos deste país de tradição autoritária (Schwarcz, 2019) passam a girar em torno da luta "entre lideranças a serem amadas ou combatidas" (p. 5), e não por movimentos populares que busquem a emancipação ou a solidariedade social.

Além desses aspectos, em nossa coleta e análise de dados surgiram outros temas que nos chamaram a atenção e merecem destaque. São eles: a ameaça comunista e/ou fascista; a valorização da ordem e da família; e a exaltação do passado, que agrupamos no item a seguir.

5.5 Um passado no presente: outras discussões

A discussão sobre o Brasil estar sendo tomado por regimes socialistas ou comunistas é de longa data. Nas eleições presidenciais de 1989, por exemplo, quando o país vivia o retorno da democracia, Fernando Collor de Mello associou Lula ao comunismo nos debates do segundo turno, acusando-o de ser uma ameaça ao país (Guilherme, 2016). Recentemente, esse discurso voltou ao nosso cenário político.

Ao longo dos últimos anos, o Partido dos Trabalhadores também fora acusado de tentar instaurar um regime comunista no Brasil, através de programas como o Mais Médicos e da "doutrinação" de crianças nas escolas, por meio de materiais didáticos suspostamente "marxistas" que as incentivariam a buscar uma ditadura do proletariado. No perfil de Jair Bolsonaro, as postagens sobre o tema foram recorrentes em todo o período estudado, e não faltaram comentários referentes ao assunto e que, inclusive, clamavam por uma intervenção das Forças Armadas que barrasse a ameaça comunista:

Cade as forças armadas pra nos defender, dessa maldição que já está aqui instalada com esse Foro de SP , pobre Brasil , está virando um paizinho comunista de terceira categoria . Se liga aí, vc que é pobre , no comunismo que se ferra mesmo são os pobres , que viram escravos , os ricos fazem conchavos com os líderes do politburo . gente otária . Esses defensores do comunismo , acham que vão participar do governo , o que vcs vão ser é lacaios. (Homem, A. C. C. J., 2013)

'REPÚBLICA SOCIALISTA FEDERATIVA DO BRASIL' Ai trocaremos o verde e amarelo da nossa bandeira pelo vermelho, substituiremos o hino nacional por alguma porcaria qualquer que exalte Lula-lá e assim conseguiremos retroceder uns 50 anos! (Homem, C. M. A., 2013)

Essa imprensa comunista e comprada tem que se ferrar mesmo, isso é o resultado do comunismo, do socialismo, do marxismo e do fabianismo, correntes satânicas que em nome da ganância militam contra o povo brasileiro. Jair Messias Bolsonaro é o plano A, mas também existe o plano B, #IntervençãodaFFAAJá. (Homem, R. G., 2018)

O medo do Brasil “virar uma Venezuela” ou se tornar igual a Cuba alavancou a campanha de Bolsonaro, e tornou-se comum que seus eleitores “mandassem” os apoiadores da esquerda irem morar nesses dois países, caso não estivessem felizes com a vitória do “Capitão”. Em 2020, o próprio Coronavírus foi considerado um vírus implantado pela ditadura comunista chinesa para dominar o mundo, e ficou conhecido como “comuna vírus”.

Da suposta ameaça comunista que os conservadores diziam pairar sobre o Brasil, decorreu que muitos indivíduos acreditaram que o país estivesse sob intensas ameaças de uma doutrinação que iria contra os princípios da ordem, da moralidade e da família, passando a acusar a “esquerda” de não ter valores morais e cívicos. Em 2013, por exemplo, Jair Bolsonaro fez uma publicação sobre a importância de lutar contra o “bombardeio de materiais que incentivam a homossexualidade nas escolas”, e mobilizou seus seguidores:

Do jeito que tá, em breve dar o c vai ser lei... que podridão tá esse país... dá nojo ver tudo isso... não dá nem pra acreditar... (Homem, F. H., 2013)*

Se bobear ele vão obrigar todo mundo a praticar sexo homossexual na infância. É o fim.” (Homem, M. T., 2013)

Não tenho nada contra a gays, mais eles estão avacalhando com as famílias brasileiras, se não fosse o Deputado Jair Bolsonaro a Cartilha do Ex ministro da Educação do Lula e da Dilma já estava nas mãos das crianças. E não deu em nada o dinheiro que ele gastou para fazer as cartilhas é uma pouca vergonha, não, é muita falta de vergonha. Parabens Deputado Jair Bolsonar (Homem, F. O. O., 2013)

Aqui, é importante que retomemos o conceito de sexualidade perverso-polimórfica, cunhado por Freud (1905/2016) nos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Para Freud, diferentemente da sexualidade adulta, a sexualidade infantil seria autoerótica (não precisaria de um parceiro ou objeto), assumiria várias formas, ligadas a várias fontes pulsionais (sendo, portanto, polimórfica) e não visaria o coito, não exigindo consentimento do parceiro, o que lhe caracterizaria como perversa. Muito cedo, no entanto, a cultura impõe às práticas autoeróticas da criança uma série de proibições e limites, levando-a desenvolver os chamados diques internos, ou barragens psíquicas: a vergonha, o nojo e a moral (Freud, 1905/2016). Submetida a essas normas, a sexualidade infantil é recalçada. Na vida adulta, o indivíduo alcança a sexualidade genital e tem a neurose como caminho possível, no qual agiria com pudor em

relação aos aspectos da sexualidade infantil, mas os resquícios desta última poderão se expressar ao longo da vida.

Nos *Três ensaios...*, Freud (1905/2016) define a perversão como uma fixação em uma das manifestações da polimorfia sexual infantil, em detrimento da primazia do genital. Assim, no perverso as características da sexualidade infantil não são recalçadas, e a sexualidade genital não é alcançada (Ceccarelli, 2011). Conforme Tardivo (2011), em alusão a Freud (1905/2016), se na neurose há a aceitação da lei e as características da sexualidade infantil assumem o estatuto de fantasia, na perversão elas permanecem enquanto realidade: o perverso, portanto, faz aquilo que o neurótico recalca.

Na psicanálise, enquanto a sexualidade genital é tida como organizada, a sexualidade infantil, polimórfico-perversa, é considerada sinônimo do caos, da desordem. Como dissemos e demonstramos acima, os defensores da direita afirmam que a esquerda não possui valores morais, vai contra a família e não protege as crianças das práticas sexuais. Ora, se isso acontece, podemos dizer que a direita acredita que a esquerda está a favor do polimórfico-perverso, e “o comunismo” seria sinônimo desta perversão. A falta de ordem e a iminência do caos parecem uma ameaça ao recalque da sexualidade infantil, e demonstra gerar intensa angústia nos defensores da “moral e dos bons costumes”. A busca pela ordem pode ser a busca pela proteção desses conteúdos recalçados.

O contato com a sexualidade alheia, em especial aquela homossexual, também remete ao tabu, que em Freud significa “inquietante, perigoso, proibido, impuro” – e o seu oposto: “santo”, “sagrado” (Freud, 1912-13/2012, p.42). Para Freud (1912-13/2012), as proibições do tabu recairiam sobre atividades para as quais haveria um forte pendor, trazendo uma atitude ambivalente de temor e desejo. Ademais, do ponto de vista do infantil, o homossexual seria um indivíduo castrado, o que mais uma vez nos leva ao temor da castração.

Por consequência, na busca por evitar uma angustiante emergência das sexualidades não normativas, a partir de 2016 o apelo para que Jair Bolsonaro se tornasse presidente aumentou, como se fosse a única alternativa para salvar o país da perversa “imoralidade” e instaurar a ordem:

Simplesmente o MiTO sendo MiTO ! Que venha 2018 é uma virada de página na nossa nação. Chega de regredir. Vamos fazer jus ao lema da nossa bandeira: que seja instaurada a ordem é que nossa pátria venha a progredir ! BRASIL, abaixo de Deus, acima de tudo!! (Homem, R. D. B., 2016).

esse vai ser o nosso presidente. ele e um homem de Deus. Dilma odeia Deus e lula e maçon. e os outros so anda em casa de macumba umbanda qinbanda. vamos todos juntos bolsonaro presidente do Brasil. (Homem, F. S., 2016)

São satânicos sim, comunismo e socialismo são satânicos! A Nação brasileira precisa se colocar de joelhos e clamar a Deus. Somos cristãos, precisamos que a Graça do Espírito Santo se derrame sobre o Brasil e seu povo ! Amem! Bolsonaro2018! (Mulher, D. C. B., 2016)

Os comentários acima ilustram o discurso de alguns apoiadores de Bolsonaro, que o viam como um agente da ordem, um enviado de Deus. Conforme esse ponto de vista, a não observância às leis de Deus abre espaço para a desordem e para o trabalho demoníaco (Mariano, 1999; Silva Júnior & Mello Neto, 2022), que parece estar ligado ao temor da sexualidade, sobretudo a polimórfico-perversa. O comentário a seguir corrobora esta ideia, quando seu autor diz que “a salvação está garantida pela maioria portadora de escrúpulos”, ou seja: aqueles que não se rendem ao polimórfico, ao perverso e ao demoníaco, estão salvos.

Estamos vivendo em um país controlado pelos que querem sua desonra. Ainda bem que sua salvação está garantida pela maioria portadora de escrúpulos, que não se deixarão levar por ideologias baratas. No senso crítico, persuasão e alienação da consciência humana. (Homem, E. B., 2014)

A dita “destruição da família” também passou a ser vista como parte de um plano marxista do PT – supostamente aliado à sexualidade polimórfica e ao demoníaco – que assombrava a muitos que se identificavam como “cidadãos de bem”³², figura cada vez mais presente na linguagem cotidiana e no debate público brasileiro (Costa, 2021), como vemos nos comentários a seguir:

“Querem destruir nossas famílias, e ferir a base de nossa sociedade. Vamos lutar. (Homem, E. R. C., 2013).

O conceito de ‘família’ no pensamento marxista... não existe!!! Para Karl Marx ‘FAMÍLIA É O ESTADO’ entenda-se por ‘Estado’... ‘Governo’. O povo só tem que amar, reverenciar, respeitar e idolatrar ‘O GOVERNO’. É por essa razão que destruir as bases familiares, como nós a conhecemos e fomos criados, é tão importante para o PT... faz parte da doutrina marxista!!! (Mulher, R. S., 2015)

Se defender a família, a dignidade, e pedir por um país no mínimo decente é ser homofóbico, então eu também sou homofóbico. Podem me processar ptista (Homem, J. L., 2016)

³² Para parte da população, em especial aquela defensora de valores conservadores, considera o “cidadão de bem” uma oposição ao “vagabundo” e ao “bandido”. “Cidadão de bem” seria o trabalhador honesto que possui e merece a cidadania, a política pública, o tratamento educado do policial, e que tem o direito de participar da democracia (Bueno, Lima & Teixeira, 2016). Conforme Santos (2012), o que algumas pessoas considera como “cidadãos de bem” seriam os bons pais, chefes e maridos, para os quais seria importante proteger suas famílias e propriedades, e que cuja figura é apresentada como um sinal de coragem, heroicidade, moralidade e respeito pela lei e ordem.

No ano de 2017, uma performance no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo causou controvérsias no país. A performance, chamada "La Bête" (O Bicho), permitia que o espectador se tornasse figura atuante na obra: o corpo nu do artista Wagner Schwartz podia ser manipulado pelo público. Conforme nota de esclarecimento na página do *Facebook* do museu, a sala de apresentação estava sinalizada sobre o conteúdo de nudez da obra, e o público presente na performance era formado essencialmente por artistas. Uma das pessoas que prestigiou a apresentação foi uma coreógrafa, acompanhada de sua filha, e ambas tocaram as mãos e pés de Schwartz³³. O vídeo, que viralizou nas redes sociais, rendeu acusações de pedofilia ao artista, e não passou despercebido por Jair Bolsonaro e por seus seguidores, que demonstraram desespero em seus comentários, como vemos abaixo:

Precisamos de um HOMEM que defenda nossas crianças e famílias.estou chocada.sem palavras.estou morta por dentro! NUNCA EM MINHA VIDA PENSEI EM ASSISTIR UMA CENA DESTA!!!!!!!!!! (Mulher, A. S. F., 2017)

SOCORRO FIM DO MUNDO MEU DEUS AONDE O SENHOR ESTA ESTOU SEM PALAVRAS MEU DEUS MEU DEUS MEU DEUS (Mulher, C. M., 2017)

Chega! Agora tudo foi passado dos limites, estragou minha noite, sinto ânsia de vômito, sabendo que esses estão aí, livres e soltos pervertendo e destruindo gerações. Não achava que seria necessário, mas os militares tem que tomar esse país e restaurar a ordem e os valores. É o único jeito. (Homem, Z. N., 2017)

Nos comentários acima, vemos o elevado grau de angústia que tomou conta do grupo apoiador da direita, angústia esta que surge em reação ao perigo (Freud, 1926/2014) da ameaçadora sexualidade polimórfico-perversa, e que inflama a violência direcionada ao inimigo (lembrando que há, também, um gozo sexual na agressão). Podemos falar, ainda, que há algo de angústia de fragmentação, frente ao caos que viria pela quebra da ordem, da falta de parâmetros característica da sexualidade polimórfica.

Deste modo, nossa coleta de dados nos levou a considerar a valorização da família dita “tradicional” como uma grande expressão da busca pela ordem, que vai na direção oposta ao polimórfico-perverso, à sexualidade não normativa. Ordem esta, inclusive, que estampa nossa bandeira e aparece como anterior ao progresso – ou, pelo menos, como forma de atingi-lo. Conforme Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), a busca pela ordem é um princípio conservador, ainda que também possa aparecer em governos politicamente liberais. Em ideologias autoritárias, a ordem é tida como um bem supremo, sendo conquistada através de rígidas hierarquias, sem as quais a sociedade iria fatalmente ao encontro do caos e da desagregação (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1998) – ou do polimórfico-perverso.

³³ Se tomarmos este fato como uma metonímia, que substitui a parte pelo todo, podemos entender que, simbolicamente, tocaram o pênis do artista.

Como solução para a suposta imoralidade advinda da ameaça “comunista” e como forma de alcançar a “ordem”, encontramos muitas mensagens cujos autores pediam por uma intervenção que trouxesse de volta aspectos do período militar brasileiro (1964-1985), visto por alguns como um período de glória, em um movimento de saudosismo e exaltação do passado, como ilustra o comentário a seguir:

Período militar era outro país ,não tem nem termos de comparação, . Se fosse mesmo uma ditadura como no Chile e Argentina, esse pessoal que aí esta travestido de governo , jamais estriam vivos . Aquele Brasil era pra pessoas de bem e honestas , hoje o Brasil é dos bandidos e do mal. (Mulher, A. C. C. J., 2013)

Para parte da população do Brasil atual, o período militar brasileiro é visto como um período em que reinava a ordem e o progresso. Tais comentários mostram o lapso na memória coletiva, propiciado pela falta de elaboração acerca de um período mal narrado de nossa História, que gera sua repetição como um sintoma (Ocariz, 2016; Silva Júnior & Mello Neto, 2022) e eterniza efeitos perversos em nossa sociedade (Caniato, 2009).

Neste ponto, concordamos com Silva Júnior e Mello Neto (2022), quando os autores dizem que a busca por governos autoritários se trata de uma saída defensiva para calar a divergência entre os indivíduos e grupos, na tentativa de eliminar o “outro-diferente” (p. 9). Já que o diferente ameaça a estabilidade do Eu e os grupos carecem de comunicação entre si, não há melhor saída, a não ser a eleição de políticos autoritários que calem o inimigo.

Todas essas questões nos levam aos estudos e conceitos de Vamik Volkan, a partir dos quais analisaremos nossos dados no capítulo a seguir.

5.6 Epílogo: tudo se repete em 2022...

Ainda que nossa intenção tenha sido estudar o conflito entre os grandes grupos polarizados no Brasil no período de 2013 a 2021, a chegada do período eleitoral do ano de 2022 reacendeu os ânimos dos eleitores brasileiros, que passaram os dois últimos anos discutindo muito mais em função da pandemia da Covid-19. Pelas questões práticas e burocráticas que acompanham este trabalho, que se encerrou no ano de 2022, não tivemos tempo de acompanhar os desdobramentos das eleições presidenciais; mas, como houve a oportunidade, achamos importante coletar alguns dados referentes a este ano.

Mais uma vez, salientamos que, da mesma forma que Bolsonaro era visto como salvador em 2018, Lula surgiu como a “única esperança” para as eleições de 2022. Apesar das novas discussões geradas com a aproximação do ano eleitoral, a tônica do debate permaneceu a mesma, ainda que com os papéis invertidos entre Lula e Bolsonaro: de um lado, havia um grupo

é fórum de discussão , não um asilo para velhos comunistas que já nem podem escrever corretamente , então nos poupe por favor ...kkk (Mulher, M. A., 2022)

Às vésperas do feriado da Independência do Brasil, em sete de setembro, os apoiadores de Bolsonaro estavam fervorosos aguardando as comemorações. Colocavam-se à disposição do presidente para ir às ruas “demonstrar força”, dizendo que o país iria “tremer junto com a bandeira verde e amarela, nunca a vermelha”. Felizmente, os desfiles em comemoração ao bicentenário da Independência do país ocorreram de forma pacífica. Ainda assim, a Polícia Militar do Distrito Federal precisou reforçar as ações na Esplanada, recolhendo objetos que oferecessem perigo à multidão (Artur, 2022).

Durante a celebração, uma atitude do ainda presidente Jair Bolsonaro chamou a atenção. Em discurso na Esplanada, o político beijou sua esposa em frente à multidão e puxou um coro no qual repetiu cinco vezes o termo “imbroxável”, sendo seguido por seus apoiadores (Senra, 2022). A palavra, que não está no dicionário, indicaria suposta potência sexual inabalável. Não foi a primeira vez que Bolsonaro precisou reafirmar sua “virilidade”, como mostra uma reportagem da BBC News (Senra, 2022): nas mais variadas ocasiões, desde 2018, o candidato à reeleição reafirmou sua “imbroxabilidade”, afirmando que “não sairia de combate”. Em 2021, inclusive, foi além: disse ser “imorrível”, “imbroxável”, “incomível”.

Atropelando sua retórica de respeito à família, à moral, aos bons costumes e a necessidade de se proteger as crianças, Bolsonaro trouxe ao espaço comum um palavreado hiper sexualizado e chulo, mas também demonstrou, sem cerimônias, o sentido sexual do poder, associado ao que é fálico – em oposição ao castrado.

Ainda que Bolsonaro tentasse colocar em evidência sua suposta “imbroxabilidade” e dissesse, junto aos seus apoiadores, que as pesquisas eleitorais e as urnas eletrônicas eram fraudulentas, sua posição estava ameaçada. Em setembro de 2022, dias antes das eleições, Lula esteve à frente na corrida presidencial, conforme as mais variadas pesquisas de metodologias confiáveis, como o Ipec (ex-Ibope) (2022), a Datafolha (2022) e a Genial/Quaest (2022), com vantagens que lhe fariam vencer no primeiro turno.

No período eleitoral, o perfil de Lula no Facebook continha comentários de admiradores que demonstravam alegria e, sobretudo, esperança na volta do ex-presidente ao cargo, como ilustra o comentário a seguir:

Na noite passada, sonhei contigo, meu grande amor. Não é a primeira vez, mas sempre acordo muito feliz, pq te encontrei, te abracei, me emocionei profundamente e pude externar todo o meu carinho, respeito e admiração por ti, Lula querido !!! A verdade sobrepondo-se às mentiras e a justiça sendo feita são um alívio e uma bênção para todos nós! Enche-nos de esperança num futuro melhor!!! Deus te abençoe, proteja, ilumine, oriente e fortaleça muuuuito e sempre!!! (Mulher, L. V. L., 2022)

Enquanto seus eleitores comemoravam os resultados das pesquisas, parabenizavam o candidato e ansiavam por mudanças como a baixa do preço dos combustíveis, por exemplo, seu perfil também era inundado por apoiadores de Bolsonaro – reais e *fake*: os famosos “*bots*” ou robôs, utilizados para simular interações como responder ou replicar postagens, além de seguir os perfis, com o objetivo de aumentar o engajamento³⁴ nas redes. Dentre os comentários de opositores de Lula em seu perfil, a grande maioria continuava chamando-o de ladrão, duvidava dos resultados da pesquisa, divulgava *fake news* e elogiava os “feitos” do presidente Bolsonaro.

A presença de robôs no perfil de Bolsonaro pode ser o motivo pelo qual suas postagens tinham milhares de curtidas, comentários e compartilhamentos, enquanto as de Lula, estranhamente, tinham apenas algumas centenas, às vezes até dezenas, apenas. Mas também é importante ressaltar que, desde a campanha de 2018, Bolsonaro foi campeão de audiência nas redes sociais (Norberto & Doria, 2022), e foi através delas que manteve contato com seus apoiadores.

Seja qual for o motivo da baixa interação dos seguidores de Lula com seu perfil, a postagem que mais angariou interações foi a divulgação de sua aliança com Geraldo Alckmin, que teve uma longa história no PSDB, rival histórico do PT, como seu candidato à vice-presidência. Ainda assim, para muitos, a aliança foi vista como a única alternativa para unir forças contra a candidatura de Jair Bolsonaro, como mostra o comentário do **Homem J. F. (2022)**: “*Um país onde os inimigos precisam se unirem (sic) para vencer um candidato, já nos dias (sic) tudo!*”.

A batalha entre os “inimigos” Lula e Bolsonaro nos surpreendeu no dia 28 de agosto de 2022, quando ambos estiveram, pela primeira vez, no mesmo debate de presidenciáveis, na Rede Bandeirantes de televisão. Confessamos que, ao iniciar este trabalho, no ano de 2020, não imaginávamos que teríamos a oportunidade de assistir aos dois políticos no mesmo ambiente, em rede nacional. Como já era de se esperar, os dois trocaram farpas e acusações, ao invés de discutirem projetos de governo. Por diversas vezes, Jair Bolsonaro se referiu a Lula da Silva como “ex-presidiário” e ao PT como “o outro lado”. O mesmo ocorreu no debate da Rede Globo, em 29 de setembro do mesmo ano: Bolsonaro e Lula trocaram acusações e insultos, mas naquele dia Lula portou-se de forma um pouco mais combativa que no debate de agosto, rebatendo as acusações de Bolsonaro – e de outros candidatos – com mais veemência.

Ainda que Ciro Gomes (PDT) e outras candidaturas menos expressivas, como a de Simone Tebet (MDB), tenham conquistado alguns eleitores ao longo da corrida eleitoral, a

³⁴ Em abril de 2022, a plataforma *Bot Sentinel* foi contratada para analisar o perfil de candidatos políticos bolsonaristas, e concluiu que 67,4% do total dos seguidores de Jair Bolsonaro no Twitter, por exemplo, era considerados não autênticos, ou seja, eram robôs (Lippelt, 2022).

disputa continuou concentrada entre Lula e Bolsonaro. A poucas semanas do primeiro turno das eleições, que ocorreram em dois de outubro, os candidatos começaram a defender o "voto útil" – descrito por especialistas como aquele em que o eleitor vota de forma estratégica em um candidato que não necessariamente é sua primeira opção, com a intenção de levar um terceiro candidato à derrota no pleito (Reis, 2022) –, com a intenção de encerrar as eleições já no primeiro turno.

Apesar da mobilização progressista para alcançar a vitória do PT, a manipulação do medo característica da estratégia da direita, porém, fez com que 10% dos eleitores de Lula afirmassem que poderiam deixar de ir votar no primeiro turno, com medo da violência política, conforme o Datafolha, no que os especialistas têm chamado de abstenção provocada pelo medo (Sakamoto, 2022). Isto porque, neste ano, atos extremos de ódio chegaram às ruas, culminando em crimes de motivação política. Em julho, por exemplo, um militante petista foi morto a tiros em sua própria festa de aniversário cujo tema era o PT, em Foz do Iguaçu (PR). Segundo relatos dos presentes, o assassino, desconhecido por todos, chegou aos gritos, dizendo “aqui é Bolsonaro” (Junqueira, 2022). Mais tarde, em setembro, um bolsonarista tentou decapitar um eleitor de Lula, no Mato Grosso, e esfaqueou a vítima dezessete vezes (Lesnau, 2022). A violência política também passou a fazer parte do dia a dia das crianças. Em entrevista à BBC Brasil, uma mulher relatou que seu filho de cinco anos havia apanhado na escola por ser “eleitor” do Lula, e que por esse mesmo motivo algumas crianças diziam que não seriam mais amigas do garoto (Idoeta, 2022).

Em dois de outubro, no primeiro turno, Lula terminou a corrida presidencial em primeiro lugar, com 48,43% dos votos válidos (57.258.115 votos), contra 43,20% de Bolsonaro (51.071.277 votos), o que levou os dois candidatos a disputarem o segundo turno, em 30 de outubro. Lula venceu em 14 estados: todos do Nordeste e a maioria do Norte, com exceção de Roraima, Rondônia e Acre; enquanto Jair Bolsonaro venceu em 12 deles: toda a região Sul, maior parte do Sudeste (com exceção de Minas Gerais), Centro-Oeste (incluindo o Distrito Federal) e nos três estados em que Lula perdeu na região Norte (Tribunal Superior Eleitoral [TSE], 2022a).

O apertado resultado da votação expressou a polarização que continua no país e que está refletida, inclusive, na divisão regional de nosso território: Lula venceu majoritariamente nos estados ao Norte e Nordeste, enquanto Bolsonaro vence no Centro-sul. Com este resultado, uma enxurrada de comentários preconceituosos inundou, mais uma vez, as redes sociais, quando bolsonaristas passaram a culpar os nordestinos pela derrota de Bolsonaro, chamando-os de nojentos e imbecis. A região Nordeste foi apelidada de “Cuba do Sul” e “Venezuela 3.0”. Em postagem divulgada pelo jornal Pragmatismo Político (2022), um *influencer* bolsonarista

escreveu: “após o resultado do primeiro turno, espero que todos os eleitores de Bolsonaro, assim como eu, quando encontrar alguém passando fome ou pedindo alimento, não ajude e passe com o carro por cima da CABEÇA, pro Brasil não ter mais despesa com esses vermes”.

No dia 16 de outubro, os dois candidatos se reencontraram, agora em debate direto na TV Bandeirantes. Foi a primeira vez que ambos se confrontaram em rede nacional, já que nos debates do primeiro turno não fizeram perguntas diretas entre si. Naquele dia, ambos trocaram acusações, sobretudo relacionadas a denúncias de corrupção contra Lula, por parte de Bolsonaro, e à gestão da pandemia feita pelo atual governo, por parte de Lula. A tônica do debate permaneceu no dia 28 do mesmo mês, a dois dias do segundo turno das eleições, desta vez na Rede Globo: na maior parte do tempo, os candidatos acusaram um ao outro de mentir, ao invés de discutirem planos de governo.

Em 30 de outubro, Lula venceu as eleições com 50,9% dos votos válidos (60.345.999 de votos), contra 49,10% de Bolsonaro (58.206.354 de votos), conforme o TSE (2022b). O único estado do país cuja maioria dos votos migrou para o outro candidato em relação ao primeiro turno foi o Amapá, que elegeu Jair Bolsonaro. Com esse resultado, a eleição registrou a menor diferença de votos entre os candidatos que disputaram o pleito desde a redemocratização, seguida pela disputa de 2014, entre Dilma Rousseff e Aécio Neves (Nascimento, 2022).

Na página de Jair Bolsonaro no *Facebook*, seus eleitores diziam estar em luto pelo Brasil, que havia sido (re)tomado pelo crime, pela corrupção, pela “ideologia de gênero” e pelo “comunismo”. Já na página de Lula, seus apoiadores se demonstravam emocionados com a vitória “do amor sobre o ódio”, parabenizavam o presidente eleito e pediam que Deus abençoasse sua jornada.

Horas após a divulgação do resultado das eleições, caminhoneiros paralisaram as rodovias Brasil afora, clamando por intervenção dos militares (Riveira, 2022). Assim se iniciava outro capítulo de nossa História, mas, infelizmente, precisamos saber a hora de parar de escrever, ainda que não parassem de surgir fatos e notícias de interesse do nosso trabalho.

6 Grandes grupos no divã: interpretando a partir de Volkan

Como dissemos, este trabalho não parte apenas da psicologia do indivíduo ou de massas para analisar o contexto brasileiro. Mais do que isso, contamos com estudos acerca da psicodinâmica dos grandes grupos (*large-groups*), que surgiram na interface da psicanálise com as teorias sobre relações grupais e sistemas sociais, a partir da década de 1970 (Penna, 2014), e integram os estudos da chamada grupanálise.

Para Carla Penna (2014), a importância dos grandes grupos “reside na forma como permitem a compreensão profunda de aspectos da cultura e da sociedade” (p. 151). Tendo isso em vista, neste capítulo analisaremos nossos dados a partir dos conceitos de identidade de grandes grupos, alvos adaptados de externalização, hiato psicológico e glórias e traumas *escolhidos*, cunhados pelo psicanalista contemporâneo Vamik Volkan (1985; 1986; 1998; 2007; 2008b), como abordamos no segundo capítulo deste trabalho.

Pioneiro na apreciação da psicodinâmica dos grandes grupos étnico-nacionais, Volkan (2004) alerta para o que considera uma importante especificidade da psicologia dos grandes grupos: quando diante de determinadas condições políticas e sociais, como a ameaça às identidades grupais, trauma e manipulações de lideranças ideológicas, cria-se uma atmosfera que desencadeia atos coletivos de violência entre esses grupos. No caso do conflito brasileiro que nos propusemos a estudar, não é difícil constatar que estamos em um momento de tensões políticas e sociais com potencial de gerar – ou agravar – tensões entre grandes grupos de ideologias contrárias.

Se pensarmos que o conflito psicopolítico do Brasil se iniciou com a efervescência das manifestações do ano de 2013 e outras manifestações de rua – como os movimentos em prol do *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2015 e 2016 –, podemos nos remeter ao fato de que parte da população mais abastada do país sentiu sua identidade ameaçada pela redução da distância econômica e social que a separava dos mais pobres, devido a políticas públicas e programas de inclusão social.

Além disso, alguns princípios defendidos por alguns subgrupos – especialmente os religiosos –, relacionados a questões de sexualidade, gênero, e moralidades da dita “família tradicional brasileira” também se viam ameaçados por medidas de caráter progressista que tomavam conta do país, como o incentivo à educação sexual nas escolas e leis de proteção à população LGBTQIA+, como pudemos observar em alguns dos comentários apresentados no capítulo anterior. Ademais, numa ótica mais alinhada aos argumentos de defensores de políticos da direita, a corrupção tomava conta do país, e os comerciantes (pequenos, médios e grandes)

estavam perdendo muito dinheiro, sendo uma época difícil, de muita instabilidade, medo e desamparo.

Era, portanto, um período de angústia e ameaça à população conservadora do país, que foi levada a partilhar mecanismos de defesa para lidar com o mundo externo – e proteger seu mundo interno –, aliando-se àqueles que partilhavam do mesmo sentimento. Nesse sentido, cabe reafirmar que, a partir de ameaças às suas identidades individuais e de grande grupo, os indivíduos regridem e buscam a homogeneização na fusão com o semelhante, reunindo-se em grupos como forma de proteção, como mostrava Volkan (2007).

Alguns sinais nos permitiram confirmar a regressão do grande grupo que se formou e se situou mais à direita do espectro político: além da clivagem entre o “bom” e o “mau”, fomentaram uma confiança cega em Jair Bolsonaro como única forma de salvá-los do inimigo, utilizando-se do pensamento mágico de que o político seria, de fato, um “Messias” enviando por Deus para recuperar a moral e os bons costumes no país. Do outro lado, Lula também foi visto por seus apoiadores como o único que salvaria o país, especialmente nas eleições presidenciais de 2022, demonstrando algum grau de confiança cega em torno do líder da “esquerda”. Mello Neto³⁵ (2022) acredita, inclusive, que a forte retomada de angústias relacionadas ao Complexo de Castração por indivíduos e grupos, sinalizada no capítulo anterior, também esteja relacionada ao alto grau de regressão que se alastrou pela sociedade brasileira.

Ao longo de nosso estudo, consideramos que foi justamente na busca pela manutenção de uma identidade de grande grupo ameaçada que se localizou a gênese (e a manutenção) do conflito que levou apoiadores de direita e de esquerda a defenderem, sem medir as consequências, suas ideologias conservadoras ou progressistas. A partir disso, e da premissa de que é inevitável que os seres humanos identifiquem algumas pessoas como inimigas ou como aliadas (Volkan, 1985), entendemos que, vendo ameaçadas suas identidades – que, em situação de conflito, se confundem em identidades pessoais e sociais –, a classe conservadora aliou-se às ideologias de partidos de direita que buscavam acabar com o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e suas políticas sociais. Os partidários da esquerda, por sua vez, colocaram-se contra seus “naturais” inimigos da direita, já que a ascensão do conservadorismo também lhes soava como ameaça, dando início a um conflito que se assemelhava e se assemelha, em muito, a uma guerra civil.

Aqui, uma importante distinção se faz necessária. A polarização no Brasil não é uma questão de identidades nacionais e étnicas ameaçadas, como em Volkan. O conflito brasileiro mostra-se relacionado a identidades de grupos políticos, econômicos, religiosos e sociais, devido a uma série de particulares histórias de nossa nação.

³⁵ Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, em depoimento pessoal de outubro de 2022.

Percebemos tratar, em nossa pesquisa, de identidades sociais em transformação: tanto as conservadoras, quanto as progressistas, além de identidades raciais, sexuais, entre outras. Pensemos, por exemplo, na mobilidade social recentemente adquirida no país, em especial durante os governos de Lula, quando os estratos sociais antes “invisíveis” adquiriram voz e passaram a buscar uma identidade social no espaço nacional. Com a possibilidade de ingresso dos mais pobres em uma camada mais média da sociedade, a ala conservadora, dominante, viu ameaçada não só seus privilégios, mas também sua identidade social. A nosso ver, o conflito do país se dá menos por política e muito mais na ordem da disputa entre identidades sociais que, historicamente, fazem parte do país: a classe dominante e a classe dominada, cada uma defendendo os ideários políticos que sustentariam a identidade de seu grande grupo.

Ainda que estejamos falando sobre identidades de grandes grupos *sociais*, é certo que cada um desses grupos tenha seu líder. Como vimos, a importância do líder não se dá apenas como fonte de uma relação libidinal vertical que une os irmãos, por ser uma representação do pai edípico (Freud, 1921/2011a), mas também porque a existência de um líder do grande grupo é de grande auxílio para manter e proteger a identidade do grupo intacta, como defende Volkan (2007).

A fascinação pelo líder esteve presente em ambos os grupos estudados, bem como a tentativa de destruir o líder do grupo inimigo (e, conseqüentemente, fragilizar ainda mais sua identidade de grande grupo). O grupo alinhado mais à esquerda, por exemplo, não economizava elogios às políticas de redução da desigualdade social do governo Lula, que era tido como um herói, “pai dos pobres”. Ainda que Lula sofresse inúmeras acusações de corrupção pela oposição, seus seguidores o defendiam e, mais ainda, desejavam que ele voltasse à presidência. Bolsonaro, por sua vez, era visto pela “esquerda” como um falso profeta desajustado e mentiroso, que deveria sofrer as conseqüências de suas ações.

O grupo da direita, por outro lado, defendia seu líder Bolsonaro até mesmo das acusações mais bem fundamentadas. Visto também como herói, Bolsonaro não seria aquele que salvaria o país da pobreza, mas de uma suposta crise moral que assolava a nação e a levava à desordem. Lula, por sua vez, era visto pela direita como um monstro traidor, que teria levado o país ao caos e deveria ser destruído.

Se, como afirma Volkan (2007), o líder de um grupo é o grande mastro que segura a “tenda” da identidade do grande grupo, não haveria melhor solução para abalar a estrutura da tenda inimiga do que ofender seu líder, e isto foi levado a sério pelos dois grandes grupos políticos do país. Talvez por isso as eleições de 2022 tenham sido históricas, já que finalmente os líderes inimigos foram colocados frente a frente nas trincheiras, nos debates, nas urnas.

Mas a defesa da identidade de grande grupo não ocorre só na relação com os líderes, já que os indivíduos também estão conectados por partilharem uma mesma identidade, uma segunda veste. Como vimos, da ameaça e da humilhação decorre os grandes grupos têm suas emoções contaminadas pelo sádico desejo de ferir o inimigo, ferindo a identidade do grupo agressor através de atos de violência – dos mais simples, como colocar apelidos no inimigo e fazer comentários debochados nas redes sociais, aos mais complexos, como episódios de violência física e assassinato.

Volkan (1986) mostra que a tendência de indivíduos ou grupos a buscar inimigos e aliados é agravada em situações de pressão política, como discutimos em capítulos anteriores. Nessas situações, como ocorre no Brasil, os grupos depositam cada vez mais suas próprias partes indesejáveis no inimigo que busca destruir, adotando projeções em massa que desumanizam o outro e refletem a profunda regressão do grupo agressor.

Em nossos dados, também observamos uma tendência a se afastar de amigos e familiares por causa de divergências “políticas”, o que pode ser igualmente compreendido a partir da ameaça à identidade e grupal. Isto porque, na obsessão por proteger sua identidade de grande grupo, os indivíduos abandonam suas preocupações rotineiras, suas famílias, parentes e vizinhos, deixam de lado sua veste individual e passam dar total atenção à reparação da “segunda veste” (Volkan, 2007, p. 1202). As necessidades individuais não têm mais importância. No intento de neutralizar a ameaça ao grande grupo, indivíduos regredidos podem tornar-se hostis até mesmo com pessoas próximas e modificar suas relações socioafetivas, já que se tornam tolerantes a sadismos extremos, como também mostra Volkan (2007).

Nesta incansável busca pela proteção frente à traumática angústia de desintegração, o conflito brasileiro também nos permite observar o fenômeno de afirmação e manutenção do hiato psicológico (*psychological gap*), proposto por Volkan (1986), a partir de uma acentuada valorização de aspectos relacionados ao narcisismo das pequenas diferenças de que falava Freud (1921/2011a).

Ainda que fizessem parte de uma mesma nação, os brasileiros de “esquerda” e de “direita” apresentavam pequenas diferenças, as quais buscavam evidenciar. Alguns símbolos de patriotismo brasileiro, como a bandeira nacional e suas cores – verde, amarelo e azul –, apareceram fortemente associadas à direita política, e receberam comentários hostis dos partidários da esquerda; enquanto isso, o vermelho, cor símbolo do PT e do comunismo, apareceu associado à “esquerda” e foi veementemente rejeitado pela direita. As pequenas diferenças também apareceram em aspectos ideológicos que foram recorrentemente afirmados no conflito brasileiro, na busca por manter uma distância do inimigo, como a “família

tradicional brasileira”, defendida pela “direita” e rejeitada pelos progressistas, enquanto alguns conservadores rejeitavam o “politicamente correto”, comumente defendido pela “esquerda”.

A reafirmação do hiato psicológico e das pequenas diferenças tomou grande proporção quando o território do país passou a refletir as discordâncias políticas. Como se fossem uma sub-raça, os nordestinos passaram a ser vítimas de xenofobia por serem maioria na defesa dos ditames progressistas, de Lula e do PT. Assim, o país que já estava dividido em cores (verde e amarelo *versus* vermelho), passou a viver como se fosse dividido em dois territórios opostos: o Norte e o Sul, que também entraram em conflito.

Algo da teoria de Volkan que parece também ser interessante para a compreensão do fenômeno que estamos estudando está associado à transmissão transgeracional de glórias e traumas escolhidos.

A sociedade e a cultura brasileira são marcadas por traumas históricos, no que se refere à colonização, à escravidão e ao genocídio de índios e negros e às ditaduras (Rigon, 2017), períodos de nítida interferência da tradição hierárquica e autoritária que acompanha a organização social do país e eterniza efeitos perversos no povo brasileiro até a contemporaneidade. Períodos como a Ditadura Militar brasileira (1964-1985) fizeram (re)aparecer a ameaça e repressão políticas que levaram os indivíduos a uma verdadeira submissão apática, que silenciou os grupos culturais e os deixou entregues aos laços idealizados com um tirano/salvador, onde refletiam suas idealizações regressivas (Caniato, 2009).

Percebemos ter emergido, no conflito atual brasileiro, movimentos saudosistas desse período, remetendo aos conceitos de *glória escolhida* e *trauma escolhido*. Para alguns brasileiros o período da Ditadura Militar foi glorioso, e a revivescência simbólica deste período, por meio dos discursos de Jair Bolsonaro, pareceu-lhes uma oportunidade de destruir adversários da “esquerda” e manter sua identidade de grande grupo. Ameaçados pelo que dizem ser uma “ditadura comunista” do PT (que indicaria a perda da propriedade privada e dos ideais de empreendedorismo, a perda "da moral e dos bons costumes" e dos recursos da pátria – e uma série de outras ameaças imaginárias), os partidários da direita passaram a buscar rituais que lhes trouxessem a suposta glória do Regime Militar, em movimentos e comemorações que pediam intervenções militares.

Para outra porção da população, que se posiciona mais à esquerda do espectro político, os eventos do golpe de 1964 e da Ditadura Militar aparecem como traumáticos, humilhantes e perigosos. O *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016 e ascensão, ainda que lenta, de militares a cargos de chefia, trouxeram à tona eventos traumáticos a este grande grupo, fazendo ressurgir memórias das cassações, interrogatórios, torturas e assassinatos que assolaram o Brasil no período militar. Para este grande grupo, a exumação simbólica do cadáver

ditatorial fez lembrar cadáveres reais de seus pais, avós e amigos, e lhes desperta um ódio que também se relaciona a algumas ameaças de perda, como a perda da paz, do sonho, da liberdade. Entendemos que o medo de reviver estes episódios uniu progressistas em prol da democracia, da queda de Jair Bolsonaro e da destruição de seus apoiadores.

A reativação de glórias e traumas transgeracionais no Brasil pareceu ser facilitada por outra característica da regressão dos grandes grupos: a introjeção acrítica da propaganda política (Volkan, 2004), que favorece o obscurecimento da realidade e é favorecida por mecanismos próprios das massas, que são altamente excitáveis e influenciáveis (Freud, 1921/2011a). Mas, mais do que isso, no Brasil tivemos o silenciamento e consequente recalçamento dos horrores de períodos como a Ditadura Militar no inconsciente social³⁶ do país, o que impediu a elaboração adequada desses traumas coletivos e permitiu que houvesse sua repetição na História, como aponta Caniato (2009):

Enquanto não há suporte psíquico (individual e coletivo) para elaborar singular e coletivamente a violência do horror, esta circula cega e obstinadamente em circuitos repetitivos que reconduzem à violência original (Caniato, 1995, p. 27), e a identificação com o agressor e seu correlato – a submissão – presentificam-se continuamente nas relações sociais (p. 37).

Como líder, o atual presidente da República, Jair Bolsonaro, soube manipular a memória de alguns brasileiros acerca de tal período, exumando o cadáver simbólico da ditadura e colocando a ascensão dos militares como única possibilidade de reestabelecimento da ordem³⁷ no Brasil atual.

Pensamos que a emergência de uma verdade histórica sobre períodos obscuros, como o referido acima, poderia restaurar, na subjetividade dos indivíduos e grupos, o equilíbrio psíquico e a construção de um novo princípio da realidade, agora correspondente à veracidade do ocorrido. Desta forma, a elaboração do terror poderia ser superada e substituída, de forma a não fazer emergir vínculos de submissão dos indivíduos aos governantes, como defende Caniato (2009).

Nossa análise do conflito brasileiro a partir de Vamik Volkan nos levou à obra de Earl Hopper, outro estudioso de grandes grupos que experienciaram situações traumáticas. Em seus

³⁶ Embora definir o que é o inconsciente social não seja tarefa fácil (Hopper, 2001; Penna, 2014), o conceito busca apresentar a ideia de um inconsciente compartilhado pelos membros de culturas e sociedades. Weinberg, em 2007, procurou sistematizar o conceito, diferenciando-o de noções como inconsciente coletivo, afirmando que, quando duas ou mais pessoas se reúnem, existe um campo inconsciente compartilhado, ao qual o indivíduo pertence. Segundo o autor, se em um pequeno grupo é possível observar que dois ou mais indivíduos compartilham fantasias inconscientes e mecanismos de defesa comuns, é possível transportar essa mesma possibilidade para grandes grupos, comunidades e até mesmo para sociedades inteiras (Weinberg, 2007).

³⁷ Como é característico de ideologias autoritárias, para as quais a ordem advém exclusivamente de uma hierarquia rígida. São ideologias que acreditam que, sem um ordenamento rigidamente hierárquico, a sociedade vai fatalmente ao encontro do caos e da desagregação (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1998).

estudos com grandes grupos, o autor observou experiências de desamparo e trauma e sua relação com os pressupostos básicos de Bion, em especial o da dependência. Hopper (2003) passou a questionar o que ocorreria a um grupo se o pressuposto básico da dependência falhasse como defesa, deixando de dar conta das angústias do grupo. Em resposta, constatou que os membros do grupo experimentavam sentimentos profundos de desamparo e aniquilamento.

Em essência, para Hopper (2003), o medo de aniquilação seria uma angústia primitiva, experimentada como “o medo da fissão ou fragmentação intrapsíquica, ou da desintegração ou dissolução” (p. 53, tradução nossa), e está intimamente ligado ao medo de separação, porque a separação de um objeto com quem se está fundido provavelmente será sentida como uma perda de parte de si mesmo. É, portanto, uma resposta a uma profunda experiência de desamparo decorrente da perda, do abandono, e está intimamente relacionado ao trauma, visto que este último, para Hopper (2003), é sempre uma questão de dependência fracassada de outras pessoas e situações que necessitam de continente e *holding*, tanto na dimensão pessoal quanto social.

Em seu livro *Traumatic Experience in the unconscious life of groups*, Hopper (2003) assinala que uma importante instância da falha na dependência está na experiência de perder um líder, seja por morte, invalidez, falha ou incompetência deste. Assim como Freud (1921/2011a) afirmava em *Psicologia das massas e análise do Eu*, Hopper (2003) considera que a perda de um líder provavelmente seria seguida por pânico, cujo grau dependeria das ameaças que se seguissem à segurança e à capacidade de alcançar vários tipos de objetivos e preservar direitos e privilégios.

Este fenômeno pôde ser observado nos comentários coletados quando uma parcela da população demonstrou se sentir traída por Lula, que nomeou Dilma Rousseff como sua sucessora. Sob o governo da presidente Dilma, como mostramos anteriormente, o país entrou em grave recessão econômica, e cresceram os escândalos de corrupção no país. Entendemos que, vendo falhar a própria dependência no governo do PT, a população sentiu-se desamparada, o que caracterizava uma situação de trauma e de busca por processos de homogeneização em grupos, como forma de a manter a própria identidade frente ao medo de aniquilação.

Em Hopper (2003), com o intuito de se proteger contra a angústia primária de aniquilamento, surgiria nos indivíduos do grupo um retraimento básico, e seus comportamentos oscilariam entre estados de fissão/fragmentação (agregação) e estados de fusão/confusão (massificação), em formações grupais caracterizadas por processos de incoesão. Para explicar tais processos, Hopper soma aos três pressupostos básicos (*basic assumptions*) de Bion (1961) – dependência, luta/fuga e emparelhamento – um quarto pressuposto básico, pensado em termos

de proteção contra o medo de aniquilação, ao qual nomeou “Incoesão: Agregação/Massificação”³⁸.

O quarto pressuposto, afirma o autor,

(...) é uma manifestação do medo de aniquilação e suas vicissitudes, que são universais e onipresentes, mas especialmente intensas e pronunciadas entre pessoas que foram traumatizadas. Tais pessoas são suscetíveis a formar grupos que são caracterizados por processos de incoesão (Hopper, 2003, p. 66, tradução nossa).

Os estudos de Hopper sobre os processos de incoesão, agregação e massificação levaram-no a chamar a atenção sobre a agressividade existente nos grandes grupos, o que também explica o conflito psicopolítico brasileiro.

Hopper (2003) afirma que sentimentos e ações agressivas dependem dos controles normativos sobre sua expressão, mas sempre existem, de forma consciente ou inconsciente, manifesta ou encoberta. Seus alvos podem ser estados de espírito, objetos de identificação coletiva, signos e símbolos, grupos étnicos e nações. As funções da agressão são numerosas, mas ela é frequentemente utilizada para manter a pressão sobre pessoas e subgrupos, para que cumpram normas morais que sustentam a identidade do grupo. Hopper (2003) ainda acrescenta que a agressão nos grandes grupos pode ser verbal ou física, e que “uma sobrelha levantada, um lábio franzido ou certo tipo de sorriso pode ser devastador. O desprezo pode ser mais doloroso do que um golpe” (Hopper, 2003, p. 75, tradução nossa). De fato, em nossos dados, percebemos o quanto respostas a comentários compostas apenas por risadas pareciam inflamar ainda mais o ódio das pessoas, e foram amplamente utilizadas.

Em contextos de agregação, afirma Hopper (2003), os sentimentos e ações agressivas prevalecem, e manifestam-se em indiferença e hostilidade contra tudo e contra todos (dentro e fora do grupo). Na massificação, por outro lado, a agressividade é mais disfarçada, e acaba sendo regulada dentro do grupo, mas encontra escoamento ao ser fortemente projetada para fora, contra outros grupos, percebidos como estranhos, diferentes ou inferiores, como já discutimos em capítulos anteriores a partir de Freud (1921/2011a) e Volkan (1986).

Para Hopper (2003), no contexto da massificação a agressão acaba se tornando onipresente, tendo a função de manter a massificação do grupo – ou a identidade do grande grupo, como sugere Volkan (2004; 2007). Em grupos massificados, como é o caso dos grandes grupos que estudamos, a agressão também teria a função de destruir a identidade pessoal dos membros, uniformizando-os (Hopper, 2003). Como em ilhas de proteção contra o desamparo pessoal, institucional e social, portanto, os indivíduos se massificam e desenvolvem estilos de

³⁸ Ou, simplesmente, (ba) I: A/M, como propõe Hopper (2003).

comunicação, de sentimentos e pensamentos, depositando sua agressividade em bodes expiatórios (utilizados para projetar a agressividade em quem está fora e manter a falsa coesão do grupo).

Assim, partindo de Volkan e acrescentando as conclusões de Hopper sobre grandes grupos traumatizados, entendemos que o conflito psicopolítico do Brasil reflita experiências de humilhação e vulnerabilidade social, dependência falha e medo de aniquilamento experimentados por diferentes subgrupos que se massificaram e polarizaram em grandes grupos, como forma de manter-se protegidos frente a angústia e o desamparo. Através desses grupos e de seus líderes, os indivíduos sentiram-se reconhecidos, representados. Da força que surge da união de um grupo, passaram a agir de forma massificada, regressiva, radical e violenta, já que, para muitas pessoas, é mais fácil tentar aniquilar a pluralidade do que conviver com ela.

7 Considerações finais

Este trabalho surgiu como uma tentativa de auxiliar na compreensão do conflito entre os grandes grupos políticos de esquerda e de direita no Brasil, que já perdura há cerca de uma década e trouxe consequências aos mais variados setores de nossa sociedade. Ao longo dos últimos anos, vimos não apenas a ascensão e queda de determinados grupos políticos, mas testemunhamos o ódio se alastrar pelas ruas, na emergência de tendências psicóticas, regressivas e violentas que culminaram, inclusive, em assassinatos motivados por desavenças políticas. Acompanhamos a subserviência cega a líderes políticos e as consequências desastrosas de algumas de nossas pulsões que, de fato, demonstraram-se um obstáculo à civilização.

Do conforto de suas casas, milhares de brasileiros passaram a ofender desconhecidos através de computadores, celulares e tablets. De onde vem tanta angústia, que precisa ser escoada incansavelmente? E por que nos ofendemos tanto com o discurso do outro?

Ao dissertar sobre os discursos de ódio, Butler (2021) aponta que a linguagem nos fere porque somos formados a partir dela, como já afirmava Lacan (1985). Quando o chamamento é injurioso, escreve a autora, ele “exerce sua força sobre aquele a quem fere” (Butler, 2021, p. 13), deixando o destinatário fora de controle e, mais do que isso, deixando-o em uma posição subordinada. O próprio discurso de ódio reinvoca posições de dominação (Butler, 2021), tão presentes em nossa sociedade.

Ao citar Richard Delgado e Mari Matsuda, Butler (2021) afirma que as palavras machucam de forma semelhante a dor física, a um ferimento, incapacitando temporariamente a vítima. Ora, como escreve a autora: “se a linguagem pode sustentar o corpo, pode também ameaçar sua existência” (p. 18). Toni Morrison já enunciava que a linguagem opressiva faz mais do que representar a violência: ela é a violência (Butler, 2021, p. 19).

Sendo o Brasil um terreno fértil para formas de violência e opressão desde a invasão portuguesa, em 1500, vemos a polarização política refletir a polarização social de um país marcado por segregação e conflito. Mais do que grupos de ideologias políticas opostas, são grupos de identidades sociais opostas, que lutam por privilégios, direitos e garantias que não querem perder – como sempre ocorreu em nossa História.

Não é de hoje que se discute uma suposta fragilidade da identidade nacional brasileira. Há muitas décadas, intelectuais brasileiros lamentam a existência de singularidades que nos distinguam enquanto nação (Schwarcz, 1995). Em estudo sobre as ideias de alguns dos principais historiadores e sociólogos intérpretes do Brasil sobre a identidade do brasileiro, Silva Júnior (2020) se deparou com autores que consideravam, inclusive, que o país seria composto

por um corpo amorfo, por semibárbaros depravados cuja existência se aproximaria mais de uma inexistência (Paulo Prado, 1997; Prado Junior, 2011). Autores como Sérgio Buarque de Holanda (2016) e Roberto DaMatta (1997) compartilham da ideia de que o brasileiro se encontra em desvantagem em relação à psicologia de outros povos. Isto porque nas mais variadas formas de vida social do brasileiro prevaleceria a emoção, a afetividade, o coração em detrimento da razão. Paulo Prado (1997) chega a dizer que o brasileiro teria uma constituição melancólica, fadigada, constituindo uma “raça triste” (p. 140).

Ora, como poderia haver consenso acerca da identidade nacional em um país caracterizado por desigualdades – econômicas, culturais, sociais e políticas – entre classes, etnias, regiões? Em entrevista recente à BBC News do Brasil (Mori, 2022), por exemplo, o sociólogo e pesquisador Jessé de Souza discute sobre como os paulistas e brancos do Sul tendem a se achar melhores que o resto do Brasil por sua herança europeia e passado bandeirante, no que chama de “excepcionalismo paulista” (p. 6). E isto aparece claramente em nossa pesquisa, quando nortistas e nordestinos foram tratados com intolerância nos comentários do *Facebook* por “não saberem votar”, serem “preguiçosos”, “desonestos”, “vagabundos”.

Ocorre que somos um país autoritário desde suas raízes. Elementos de nossa História, como a escravidão, o mandonismo, o patrimonialismo, a corrupção, a desigualdade social, as taxas epidêmicas de violência e intolerância, se repetem e nos ajudam a pensar o conflito atual (Schwarcz, 2019). Gilberto Freyre (1998) analisa a construção da nacionalidade brasileira a partir das relações estabelecidas nos latifúndios nos princípios de nossa colonização. A produção açucareira em grandes propriedades se concentrava em torno do senhor de engenho – branco e patriarcal –, o que inibiu outras possibilidades de organização produtiva mais democráticas, como destaca Silva Júnior (2020).

Se o advento de uma identidade nacional forte tem sido bloqueado desde nossas origens, é quase natural que as pessoas busquem se agarrar às suas identidades sociais e massificar-se em grandes grupos destinados a destruir o inimigo, como forma de manter sua integridade, especialmente em situações de trauma, desamparo e ameaça. Este é o fenômeno que observamos em nosso trabalho. Grande parte do conflito, inclusive, se deve ao desequilíbrio que a recente mobilidade adquirida por parte da população instaurou frente ao modelo colonial, ameaçando os conservadores grupos dominantes.

Além disso, todas essas especificidades históricas fazem do Brasil um terreno fértil para o autoritarismo, como também observamos ao analisar nossos dados. Quando Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998) destrincham o conceito de autoritarismo em seu *Dicionário de Política*, chamam atenção para o sentido psicológico do termo, contexto no qual se fala de uma “personalidade autoritária”. Este tipo de personalidade seria formado por traços característicos

centrados em duas atitudes: por um lado, haveria uma disposição à obediência aos superiores; e por outro, a disposição em tratar com arrogância e desprezo os inferiores hierárquicos.

Adorno (2019) também discute as personalidades potencialmente autoritárias em seu livro *Estudos sobre a personalidade autoritária*, atribuindo-lhes algumas características, como: a intolerância à ambiguidade, a busca pela ordem, os pensamentos e comportamentos estereotipados; a tendência a pensar em formas hierarquizadas de poder, a ser sensíveis a influências externas e a aceitar valores convencionais do grupo a que pertencem. São, não por acaso, características muito próximas às que Freud elencou às massas, em seu texto de 1921.

Se neste trabalho buscávamos compreender um conflito contemporâneo do Brasil, os dados coletados nos levaram a precisar lidar, é claro, com o passado do país. Eventos dolorosos e mal elaborados de nossa História nos transformaram em uma sociedade traumatizada, como aquelas estudadas por Volkan e Hopper, que demonstra dificuldade em lidar com o reconhecimento da realidade. Além destes traumas, a movimentação política de polarização e conflito também reflete a busca por referências sólidas para se situar e encontrar alguma segurança em um mundo cada vez mais à deriva, com ares de desamparo. Com isso, enquanto sociedade, fazemos uso de mecanismos inconscientes específicos – principalmente os de defesa –, que refletem nossa profunda regressão e lançam luz ao inconsciente não só dos indivíduos, mas também ao inconsciente social (Hopper, 2001, 2003; Weinberg, 2007; Penna, 2014).

Como no inconsciente individual postulado por Freud, o inconsciente social também é atemporal, permitindo que os grupos reavivem e alimentem no presente as relações e emoções vivenciadas em um passado remoto, atualizando emoções recalçadas, como demonstra Penna (2014). Sendo assim, o inconsciente social é comum entre membros de uma cultura e está baseado em memórias compartilhadas por seus membros, especialmente as traumáticas, que podem ser transmitidas por gerações (Volkan, 2007) e que permanecem recalçadas no inconsciente daquele grupo (Weinberg, 2007), interferindo nas ações de seus membros.

Hopper (2001) descreve o inconsciente social referindo-se a estruturas sociais, culturais e comunicacionais das quais as pessoas de uma sociedade não estão conscientes, na medida em que tais estruturas não são percebidas ou, pelo menos, não são reconhecidas. Em linhas gerais, afirma Penna (2014), “o inconsciente social é mantido através de uma série de defesas contra a emergência de angústia em relação a fenômenos sociais” (p. 234).

A visão de Dalal (1998) amplia o escopo de análise do conceito. Para o autor, o inconsciente social também inclui as relações de poder estabelecidas entre os discursos da sociedade, representando tais relações na estruturação da psique, ou seja, reproduzindo hierarquias previamente determinadas. Desta forma, as relações de poder são partes constitutivas do inconsciente social, que também compreende as formas como essas relações

organizam os sentimentos, os pensamentos e as interações com os outros. Ainda que as formas de poder socioculturais nas quais uma sociedade está imersa lhe sejam, por vezes, invisíveis, são elas que, para Dalal (1998), estruturam essa sociedade e, também, os indivíduos que fazem parte dela.

Enquanto sociedade, portanto, os brasileiros são construídos por uma série de angústias, defesas, mitos e memórias compartilhadas, sejam estas glórias ou traumas, que habitam nosso inconsciente social e podem ser reativados, como demonstra Volkan (1998, 2008b), e guiar nossos comportamentos. Somos a terra dos mandões, dos coronéis, dos senhores de engenho que detinham (e ainda detém, de alguma forma) o poder. Somos fruto da escravidão e do genocídio indígena, períodos que produziram uma nação bipartida e hierarquizada entre “quem manda” e “quem obedece”. Somos consequência de duas décadas de período militar, cujo discurso defende que só uma mão firme poderia controlar o “jeitinho corrupto” do brasileiro.

É justamente através dos uso das defesas de grandes grupos regredidos em sociedades traumatizadas que o inconsciente social se manifesta e que indivíduos, grupos ou até mesmo uma sociedade inteira passa a agir sob influência dele (Penna, 2014). Desta forma, portanto, o alto grau de regressão e trauma presente em nossa sociedade faz com que os poderosos tenham facilidade em manipular grande parte da população, através de manobras que atingem os conteúdos recalçados mais dolorosos de nossa Nação.

Enquanto sociedade, seria importante que nos permitíssemos viver o luto de processos que foram recalçados no inconsciente social brasileiro, e que acabam se tornando ferramenta de poder para os líderes políticos, que nos (re)conduzem a reproduzir a violência do passado. A busca por uma maior horizontalidade de nossas relações seria um primeiro passo para essa elaboração coletiva.

Nesse sentido, o trabalho da grupanálise com o inconsciente social de grandes grupos seria uma importante ferramenta de criação de diálogo e apaziguamento do conflito que nos dedicamos a estudar. Ao auxiliar a população na atribuição de sentido e significado às vivências traumáticas da sociedade brasileira, tornando-as conscientes, talvez conseguíssemos avançar enquanto sociedade e diminuir a polarização política e psíquica em algum grau, ou pelo menos aumentar o respeito entre os pares. Infelizmente, aos poderosos não interessa que desenvolvamos solidariedade social, e sim que se mantenham as relações assimétricas e dicotômicas entre dominantes e dominados, hierarquicamente superiores e inferiores, como foi ao longo da história do país.

Neste ponto, nos questionamos: por que a política, que deveria nos unir em prol de um bem comum, nos fez odiar de forma tão intensa? A política se faz por jogos de poder. Do medo de perder privilégios e sofrer algum tipo de desintegração, seja ela social ou psíquica, nos

juntamos a grupos, a partir de identificações. Os grupos parecem blindar o indivíduo em relação às ofensas vindas do outro, ou pelo menos diminuir seus efeitos, e trazem algum tipo de conforto. Protegido, o indivíduo se torna ainda mais violento, e se dispõe a destruir o inimigo, como pudemos compreender não só a partir de Freud, mas também dos trabalhos de Volkan.

Deveríamos nos questionar sobre quem somos em meio às massas e às multidões e se, de fato, ficamos protegidos quando aderimos a elas. A política tem sido nada mais que uma luta pela hegemonia de nossos afetos, e tem nos levado a suportar e reproduzir violências sem fim, especialmente nas redes sociais, onde nossos afetos, sentidos e percepções ficam acalorados. Infelizmente, esquerda e direita têm sido, no imaginário popular brasileiro, posturas não só opostas, mas diametralmente extremas, antidialógicas, quando deveriam ser utilizadas como ferramentas de diálogo em prol da democracia.

Se é difícil encontrar uma solução pacífica em grupo, talvez o caminho seja individual. Em suma, as autoridades que tendemos a idolatrar e os políticos que elegemos refletem nossos sintomas. Devemos levar nossas questões para o divã, sublimá-las e elaborá-las, ou não há como viver, conviver e votar sem projetar.

Aqui, tomo liberdade para renunciar à escrita na primeira pessoa do plural, da qual me utilizei durante todo o trabalho como forma de buscar um pouco de distância das minhas próprias paixões políticas. Agora, escrevo no singular, e falo sobre mim.

Costumo dizer que esta dissertação foi, para mim, um grande trabalho de sublimação e elaboração. Quando construí meu projeto de pesquisa, eu estava tomada por ódio ao ver serem dissolvidas várias das minhas relações, devido às constantes decepções que os posicionamentos políticos alheios me causavam.

Escolher mergulhar na minha angústia e tentar desvendar histórias parecidas com a minha me levou a um árduo caminho, no qual tive que lidar com as minhas próprias tendências ao ódio e à destruição. Por vezes, pensei em desistir. Mas, com o tempo – e muita análise! –, fiz prevalecer minhas pulsões de vida e, do sofrimento, fiz nascer algo mais ou menos bonito, na pretensão de contribuir com o conhecimento científico.

Foi quando entendi, por minha própria experiência, as discussões de Freud (1915/2010b) acerca da sublimação enquanto destino da pulsão. Para o autor, a sublimação é uma das alternativas mais interessantes às exigências da civilização, sendo muitas vezes entendida como solução ideal para conflitos entre imperativos pulsionais e os impasses à felicidade compartilhada.

Diz-se que a pulsão foi sublimada em certos tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, um objetivo sexual, como ocorre com as produções artísticas, as investigações intelectuais e outros objetos socialmente valorizados. Nas longas

páginas que escrevi enquanto tentava lidar com o meu ódio, senti avançar no sentido de compreender o outro e – por que não? – respeitá-lo.

Compreendi que em tudo há motivo para ser o que se é, tornar-se quem se tornou. E que, apesar de a raiva tender a nos afastar do outro e nos fazer mergulhar em nosso próprio narcisismo, a solução deveria ser em grupo. Não em grupos destrutivos, fundamentalistas, radicais, mas naqueles que buscam lidar com a pluralidade, com a potência que é o diálogo.

Precisamos fazer vencer a pulsão de vida, em detrimento da pulsão de morte, tão fortemente estabelecida. Devemos buscar diminuir a verticalidade que assola o país, e construir uma horizontalidade cada vez mais sólida, na qual busquemos defender nossos pares e construir um futuro mais justo.

Referências

- Ab'Sáber, T. (2015). *Dilma Rousseff e o ódio político*. São Paulo: Editora Hedra.
- Adorno, T. W. (1946). Propaganda fascista e anti-semitismo. In.: E. Simmel (Org.), *Anti-semitism: A social disease*. (F. Rüdiger, Trad.). Madison: InternationalUniversity Press.
- Adorno, T. W. (1951), A Teoria Freudiana e o modelo fascista de propaganda. *Psychoanalysisandthe Social Sciences*, Vol. 3, pp. 408-433. <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda__1951__.htm?1349568035>
- Adorno, T. W. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp.
- Almeida, A. C. (2018). O motivo que levou à vitória de Bolsonaro, segundo Alberto Carlos Almeida. *Poder 360*. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opinia/o-motivo-que-levou-a-vitoria-de-bolsonaro-segundo-alberto-carlos-almeida/>
- Antonioni, A. (2019), *Odeio, logo, compartilho: O discurso de ódio nas redes sociais e na política*. Maringá: Viseu.
- Anzieu, D. (2012). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. Casa do Psicólogo.
- Artur, F. (2022). Desfile e atos do 7 de setembro ocorrem de forma pacífica no DF. *Correio Braziliense on-line*. Recuperado de: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2022/09/5035221-desfile-e-atos-do-7-de-setembro-ocorrem-de-forma-pacifica-no-df.html> Acesso em: 14 de set. de 2022.
- Azevedo, M. K., & Mello Neto, G. A. R. (2015). O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Revista Subjetividades*, Vol. 15, Nº. 1.
- Barros, M. N. C. (2013). *A trama paradoxal do ódio no psiquismo*. Tese de doutorado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Recuperado de: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/856>
- Bion, W. R. (1961). *Experiências com grupos*. Imago Editora: Rio de Janeiro.
- Bobbio, N. (1995), *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. (M. A. Nogueira, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Bobbio, N., Matteucci, N., & Pasquino, G. (1998). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Bolle, M. B. (2016). *Como matar a borboleta azul: uma crônica da era Dilma*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Bolsonaro, J. M. (2018, julho 5). [Twitter]. Recuperado de <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1014877760433655808>
- Borba, F. (2015), Propaganda negativa nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, Vol. 21, Nº. 2. Recuperado de <<https://www.scielo.br/pdf/op/v21n2/0104-6276-op-21-02-00268.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2021.

- Braga, S., & Nicolás, M. A (2011). *O que a internet agrega às eleições? Um balanço inicial do uso da internet pelos candidatos aos governos estaduais e ao senado federal nas eleições brasileiras de outubro de 2010*. IV Congresso Latino Americano de Opinião Pública da WAPOR, Belo Horizonte.
- Brasil (2016). *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Recuperado de: < <http://bit.ly/2fmnKeD> >.
- Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.
- Brasil. Ministério Público Federal. Procuradoria-Geral da República (2021). *Entenda o caso da Lava Jato*. Recuperado de: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>
- Bringel, B., & Pleyers, G., (2015). Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. *Revista Nueva Sociedad*, pp. 4-17.
- Bueno, S., Lima, R. S., & Teixeira, M. A. C. (2016). Sujeito ou demandante? Reflexões sobre o caráter da participação nos conselhos comunitários de segurança de São Paulo. *Sociologias*, Vol. 18, Nº. 42.
- Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Caniato, A. M. P. (org.) (2009). *Subjetividade e violências: desafios contemporâneos para a Psicanálise*. Maringá: Eduem.
- Carapanã (2018). A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In.: E. G. Solano (Org.) (2018), *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, pp. 33-39.
- Casara, R. R. R. (2020). *Bolsonaro: o mito e o sintoma*. São Paulo: Editora Contracorrente.
- Ceccarelli, P. R. (2011). As possíveis leituras da perversão. *Estudos de Psicanálise*, Nº. 36, pp. 135-148. Belo Horizonte-MG.
- Cerqueira, G. S. P. (2002). A figura do Pai em Totem e Tabu. *CienteFico*, Vol. 1.
- Congresso em foco (novembro, 2018), *Pesquisa mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no kit gay*. Recuperado de <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>>
- Corsi, F. L. (2016). A política econômica do governo Dilma: baixo crescimento e recessão. *Revista Novos Rumos*, Vol. 53, Nº 1, UNESP-Marília.
- Costa, J. F. A. (2021). Quem é o “cidadão de bem”? *Psicologia USP*, Vol. 32.
- Dalal, F. (1998). *Taking the group seriously: towards a post-foulkesian group analytic theory*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Datafolha, Instituto de pesquisas (2015). *Manifestações na Avenida Paulista - 15/03/2015*. Recuperado de <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>
- Datafolha, Instituto de pesquisas (2018). *Avaliação do Presidente Michel Temer: PO813983 – 18 e 19/12/2018*. Recuperado de <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/avaliacaodegoverno/presidente/micheltemer/indice-1.shtml>
- Datafolha, Instituto de pesquisas (2019) *Redes Sociais*. Recuperado de <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/01/02/b64b24fcbe31bb6462777e8ac110d3cfresoci.pdf>
- Datafolha, Instituto de Pesquisas (2022). *Eleições 2022: Intenções de voto para presidente 2022*. Recuperado de: <https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/09/10/ivprsdnt-stbro.pdf> Acesso em: 14 de set. de 2022.
- Debord, G. (2003). *Sociedade do espetáculo*. Versão ebook: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>
- Devereux, G. (1967). *From anxiety to method in the behavioral sciences*. Paris: Mouton & Co.
- Edelman, M. (1983). *The need for enemies*. Address delivered at the sixth annual meeting of the International Society of Political Psychology, Oxford.
- Elias, N. (1987) *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Enriquez, E. (1990). *Da Horda ao Estado Primitivo: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Erikson, E. H. (1966). *Ontogeny of ritualization*. In: Lowenstein, K. M., Newman, L. M., Schur, M., and Solnit A. J. (eds.), *Psychoanalysis - A general psychology*, International University Press, New York.
- Estanque, E. (2016). *A Classe Média: ascensão e declínio*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Fábio, A. C. (2019), Uma breve história do botão curtir nas redes sociais. *Nexo Jornal*. Recuperado de <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/07/18/Uma-breve-hist%C3%B3ria-do-bot%C3%A3o-curtir-nas-redes-sociais>. Acesso em: 25 de março de 2021.
- Fernandes, F. (1965). *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus; Edusp.
- Ferreira, P. P. (2018). Da promessa de “emancipação” à disseminação do ódio: redes sociais digitais e política. In M. D., Rosa, A. M. M., Costa, & S. Prudente. (Orgs.), *As escritas do ódio: psicanálise e política*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Finguerut, A., & Souza, M. A. D. (2018, julho/dezembro). Que direita é esta? As referências a Trump na Nova Direita brasileira pós-Michel Temer. *Revista TOMO*, N° 33, p. 229-270,
- Flanzer, S. N. (2006). Sobre o ódio. *Interações*, Vol. 12, N° 22, pp. 215-229.

- Folha de São Paulo (2013, junho 18). *Em protesto de SP, maioria não tem partido, diz Datafolha*. Cotidiano. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296886-em-protesto-de-sp-maioria-nao-tem-partido-diz-datafolha.shtml>
- Freud, S. (2010a). *Obras Completas, volume 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010b). *Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010c). Observações sobre o amor de transferência (1915): novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III. In.: Freud, S. (2010c). *Obras Completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011a). *Obras Completas, volume 15: Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011b). *Obras Completas, volume 16: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012). *Obras completas, volume 11: Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013). *Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2014). *Obras Completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). *Obras Completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2019). *Obras Completas, volume 4: A Interpretação dos sonhos (1900)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010d). *Obras Completas, volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2015). *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freyre, G. (1998). *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record.

- Fundação Getúlio Vargas (FGV), Departamento de Análise de Políticas Públicas (2018). *Redes Sociais nas Eleições 2018. PolicyPaper*, Nº 1. Rio de Janeiro.
- Fuser, I. (2018). América Latina: progressismo, retrocesso e resistência. *Saúde Debate*, Vol. 42, n. esp. 3, pp. 78-89.
- Garzón, C. A. D., Perilla, J. C. G., & Castillo, A. M. H. (2017). El irredentismo como instrumento de la geopolítica y estrategiarusa. *Revista OASIS*, Nº. 26, pp. 81-105.
- Genial/Quaest (2022). *Genial nas Eleições 2022: Pesquisa quantitativa, setembro/2022*. Recuperado de: https://media-blog.genialinvestimentos.com.br/wp-content/uploads/2022/09/14001621/genial-nas-eleicoes_pesquisa-para-presidente-2022_resultado-setembro-P02.pdf Acesso em: 14 de set. de 2022.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gondim, L. M. P. (2016). Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013. *Polis - Revista Latinoamericana*, Vol. 15, Nº 44.
- Graeff, A. (2009) *Eleições 2.0: a internet e as mídias sociais no processo eleitoral*. São Paulo: Publifolha.
- Guilherme, C. A. (2016). A eleição de 1989: direita x esquerda. *Revista Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar da Universidade Estadual de Maringá (UEM)*, Nº 34.
- Holanda, S. B. (2016). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Homem, A. C. (2016). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro Facebook no dia 29 de junho de 2016. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/650725138409809>
- Homem, A. C. C. J. (2013). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 8 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/228859687263025>
- Homem, A. J. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 23 de agosto de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/251102242401984>
- Homem, A. M. (2013). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 6 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/photos/a.328598417209165/506356876099984/>
- Homem, A. V. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook dia 16 de junho de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid02sP2EzKLkNdNLJYahdcrMSxMntQuUTm5JEap9gQ5CpBmEodAxN3zkavyJ4rrh1Sdl>
- Homem, B. R. (2018). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 14 de julho de 2017. Recuperado de: <https://m.facebook.com/Lula/posts/1374517875950542/>
- Homem, C. M. A. (2013). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 23 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/233363173479343>

- Homem, C. P. C. (2019). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 12 de setembro de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1444195225732763/>
- Homem, D. D. (2018). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 12 de maio de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/1314802165255447/>
- Homem, D. F. S. (2021). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 15 de janeiro de 2021. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid0iT5xBGbn1BHrCv16Kxj5kyrjD5BVYyDnmRp1nsg65b7dsfHkL5cfSufBLbvZynnel>
- Homem, D. S. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 5 de outubro de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid02VfDmKKnaA1YCK43f3NcDKia6yvwgfDm4aFUQWdXGnWQ9kkoDXigDtqPgLdKr3Szql>
- Homem, E. A. (2014). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 13 de dezembro de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=737190189683317>
- Homem, E. B. (2014). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 18 de outubro de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/249625101853150>
- Homem, E. R. C. (2013) Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/235354433280217>
- Homem, E. R. S. (2019). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 17 de julho de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid0f277aUkcCGD8iSRgD1mvas5V8TyafR6HfCfVjxAYsEMCp8aEDLV1RR7G7BeX2fyFl>
- Homem, F. H. (2013). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/235354433280217>
- Homem, F. H. S. M. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 15 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid028vGhiwP4AeCc9THSiexobjKME7QxWdoMrZaZimAniLBT3xft4ADhyUwts6MXz3N5l>
- Homem, F. J. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 15 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid028vGhiwP4AeCc9THSiexobjKME7QxWdoMrZaZimAniLBT3xft4ADhyUwts6MXz3N5l>
- Homem, F. O. O. (2013) Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/235354433280217>

- Homem, F. S. (2016). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 3 de maio de 2016. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/626043744211282>
- Homem, F. S. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 5 de outubro de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid02VfDmKKnaA1YCK43f3NcDKia6yvwgfDm4aFUQWdXGnWQ9kkoDXigDtqPgLdKr3Szql>
- Homem, F. T. (2013). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 6 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/photos/a.328598417209165/506356876099984/>
- Homem, I. D. D. (2018). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 12 de maio de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/1314802165255447/>
- Homem, J. B. (2018). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 14 de julho de 2017. Recuperado de: <https://m.facebook.com/Lula/posts/1374517875950542/>
- Homem, J. F. (2022). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 21 de julho de 2022. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=455943749389324>
- Homem, J. G. (2015). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 5 de outubro de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/383295448486114>
- Homem, J. G. F. (2014). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 19 de julho de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.213527478796246/343431965805796/>
- Homem, J. G. S. (2022). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2022. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid035MD3th9JPF3JpYPLfDH8ocU12baJD5s5Cnyj53Bq8YwtRMXQ5Pt9Rr7C92M9xCD71>
- Homem, J. L. (2016). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 10 de janeiro de 2016. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=576132129202444>
- Homem, J. M. A. (2017). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 11 de julho de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=1371698316232498>
- Homem, J. O. (2015). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 7 de outubro de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid02ZVMVwYvATgr45qGknBWr2n7cW7VH2tEiVy33tpN8hPxQYDtnSyqNsMCLnzd1dBURI>

- Homem, J. P. (2019). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 8 de novembro de 2019. Recuperado de: <<https://www.facebook.com/Lula/videos/469270903943810/>>
- Homem, J. S. (2019). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 17 de julho de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid0f277aUkcCGD8iSRgD1mvas5V8TyafR6HfCfVjxAYsEMCp8aEDLV1RR7G7BeX2fyFI>
- Homem, J. S. S. S. (2015). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 5 de outubro de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/383295448486114>
- Homem, J. T. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 23 de agosto de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/251102242401984>
- Homem, K. S. S. D. J. V. (2015). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 7 de outubro de 2014. Recuperado de: <<https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid02ZVMVwYvATgr45qGknBWr2n7cW7VH2tEiVy33tpN8hPxQYDtnSyqNsMCLnzd1dBURI>>
- Homem, L. C. A. V. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 15 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid028vGhiwP4AeCc9THSiexojbKME7QxWdoMrZaZimAniLBT3xft4ADhyUwts6MXz3N5I>
- Homem, L. C. S. (2013). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 18 de junho de 2013. Recuperado de: <<https://www.facebook.com/Lula/posts/485832641485741>>
- Homem, L. E. A. (2019). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 22 de maio de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/322336891248637>
- Homem, M. A. B. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 16 de junho de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid02sP2EzKLkNdNLJYahdcrMSxMntQuUTm5JEap9gQ5CpBmEodAxN3zkavyJ4rrh1Sdl>
- Homem, M. D. (2022). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2022. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid035MD3th9JPF3JpYPLfDH8ocU12baJD5s5Cnyj53Bq8YwtRMXQ5Pt9Rr7C92M9xCD7I>
- Homem, M. F. (2022). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2022. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid035MD3th9JPF3JpYPLfDH8ocU12baJD5s5Cnyj53Bq8YwtRMXQ5Pt9Rr7C92M9xCD7I>

- Homem, M. G. (2018). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 12 de maio de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/1314802165255447/>
- Homem, M. M. (2019). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 31 de julho de 2019 <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/463801811067944/>
- Homem, M. M. (2019). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 8 de novembro de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/videos/469270903943810/>
- Homem, M. M. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 5 de outubro de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid02VfDmKKnaA1Yck43f3NcDKia6yvvgfDm4aFUQWdXGnWQ9kkoDXigDtqPgLdKr3Szql>
- Homem, M. T. (2013) Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/235354433280217>
- Homem, N. F. (2020). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 14 de setembro de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/3388542047881438/>
- Homem, P. B. (2017). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 10 de outubro de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=1458489454220050>
- Homem, P. J. C. M. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 23 de agosto de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/251102242401984>
- Homem, R. A. (2013). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 3 de outubro de 2013. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/531729633562708>
- Homem, R. A. (2015). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 3 de novembro de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.213527478796246/396795237136135/>
- Homem, R. D. B. (2016) Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 19 de julho de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.213527478796246/343431965805796>
- Homem, R. G. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 1 de dezembro de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=961091600706493>
- Homem, R. M. (2017). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 11 de julho de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=1371698316232498>

- Homem, R. S. A. (2014). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 22 de maio de 2014. Recuperado de: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/322336891248637/>>
- Homem, R. V. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 5 de outubro de 2020. Recuperado de: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid02VfDmKKnaA1YCK43f3NcDKia6yvvgfDm4aFUQWdXGnWQ9kkoDXigDtqPgLdKr3Szql>>
- Homem, S. A. (2019). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 17 de julho de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid0f277aUkcCGD8iSRgD1mvas5V8TyafR6HfCfVjxAySEMCp8aEDLV1RR7G7BeX2fyFl>
- Homem, S. V. (2015). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 3 de novembro de 2014. Recuperado de: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.213527478796246/396795237136135/>>
- Homem, V. J. (2021). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 15 de janeiro de 2021. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid0iT5xBGbn1BHrCv16Kxj5kyrjD5BVYyDnmRp1nsg65b7dsfHkL5cfSufBLbvZynnel>
- Homem, W. M. S. (2017). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 27 de dezembro de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/976681372480849>
- Homem, W. N. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 13 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/599405457128860>
- Homem, Z. N. (2017). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 28 de setembro de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/923033444512309>
- Hopper, E. (2001). The social unconscious: theoretical considerations. In: *International Journal of Group Analysis*, Vol. 40, N. 3, pp. 344-356.
- Hopper, E. (2003). *Traumatic experience in the unconscious life of groups: the fourth basic assumption: incohesion: aggregation/massification of (ba) I:A/M*. United Kingdom and New York: International Library of group analysis.
- Idoeta, P. A. (2022). “Meus filhos estão apanhando e se separando dos amiguinhos por política”. *BBC News Brasil*. Recuperado de: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/10/24/meus-filhos-estao-apanhando-e-se-separando-dos-amiguinhos-por-politica.htm>>
- Instituto FSB Pesquisa (2018). *Pesquisa de Intenção de Votos: Eleição 2018 - Presidente*. Rodada FS3. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2018/09/BTG-Pactual-10set2018-.pdf>

- IPEC – Inteligência em pesquisas e consultoria (2022). *Pesquisa de opinião pública sobre assuntos políticos/administrativos*. Recuperado de: <https://www.ipecc-inteligencia.com.br/pesquisas/> Acesso em: 14 de set. de 2022.
- Jacobson, E. (1964). *The Self and the Object World*. International Universities Press: New York.
- Jeammet, N. (2005). Ódio. In: A. d. Mijolla, *Dicionário internacional de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Junqueira, C. (2022). Guarda Municipal é morto em Foz do Iguçu durante festa de aniversário com tema sobre o PT. *CNN: Eleições 2022*. Recuperado de: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/guarda-municipal-e-morto-em-foz-do-iguacu-durante-festa-de-aniversario-com-tema-sobre-o-pt/>
- Kernberg, O. F. (1966). Structural derivatives of object relationship. *The International Journal of Psychoanalysis*. Vol. 47, pp. 236-253.
- Kernberg, O. F. (1976). *Object Relations Theory and Clinical Psychoanalysis*. Jason Aronson, Inc.: New York.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário: livro 3 - As psicoses*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*, 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: Castração – Simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes Editora LDTA.
- Laplanche, J. (1992). A Psicanálise extramuros. In.: Laplanche, J., *Novos fundamentos para a Psicanálise*, pp. 11-12. São Paulo: Martins Fontes.
- Le Bon, G. (1912). *Psychologie des foules*. Paris: Félix Alcan.
- Lesnau, A. (2022). Bolsonarista tentou decapitar eleitor de Lula após discussão política. *Metrópoles: Brasil*. Recuperado de: <https://www.metropoles.com/brasil/bolsonarista-tentou-decapitar-eleitor-de-lula-apos-discussao-politica>
- Levine, R. M. (2001). *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lewin, K. (1978). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix.
- Lippelt, V. (2022). Bolsonaro ganha 65 mil seguidores "bots" em dois dias no Twitter. *Uol: Congresso em Foco*. Recuperado de: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/bolsonaro-ganha-65-mil-seguidores-bots-em-dois-dias-no-twitter/> Acesso em: 14 de set. de 2022.
- Low, B. (1920). *Psycho-analysis — A brief account of the freudian theory*. London: Allen &Unwin.
- Löwy, M. (2015, outubro/dezembro), Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social e Sociedade*, Nº. 124, pp. 652-664.

- Lupion, B. (2022, outubro 02). *Lula: 2º turno será bom para debate direto com Bolsonaro*. Deutsche Welle Brasil - Política. Recuperado de: <https://www.dw.com/pt-br/segundo-turno-ser%C3%A1-bom-para-debate-direto-com-bolsonaro-diz-lula/a-63317979>
- Machado, J., & Miskolci, R. (2019, Setembro/Dezembro), Das Jornas de Junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Revista Sociologia e Antropologia*, Vol. 09., Nº. 03, pp. 945-970.
- Magno, M. D. (1994). *A natureza do vínculo: Seminário 1993*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mahler, M. S. (1968). *On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation*. International Universities Press: New York.
- Maia, G. (2018). Bolsonaro decide não participar de novos debates com adversários. *Notícias UOL*. Eleições 2018. Presidente Prudente. Recuperado de <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/22/bolsonaro-decide-nao-participar-de-novos-debates-com-adversarios.htm>
- Mello Neto, G. A. R. (1997). Coerção e angústia em Psicologia de Massas e Análise do Eu, de S. Freud. *Psicologia em Estudo*, Vol. 2, Nº. 2.
- Mello, P. C. (2019). *WhatsApp admite envio maciço ilegal de mensagens nas eleições de 2018*. Folha de São Paulo. Recuperado de <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml>> Acesso em: 25 de março de 2021.
- Mezan, R. (2019). *Freud, pensador da cultura*. 8 Ed. São Paulo: Blucher.
- Michaelis: dicionário escolar inglês (2001). São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Miguel, L. F. (2018), A reemergência da direita brasileira. In.: E. G. Solano (Org.) (2018), *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, pp. 17-26.
- Mori, L. (2022). Paulista se acha melhor que o resto do Brasil por herança europeia e passado bandeirante, diz sociólogo. *BBC News Brasil – São Paulo*. Recuperado de: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62102433>>
- Mulher, A. S. F. (2017). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 28 de setembro de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/923033444512309>
- Mulher, B. G. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook dia 16 de junho de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid02sP2EzKLkNdNLJYahdcrMSxMntQuUTm5JEap9gQ5CpBmEodAxN3zkavyJ4rrh1Sdl>
- Mulher, B. S. (2021). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 15 de janeiro de 2021. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid0iT5xBGbn1BHrCv16Kxj5kyrjD5BVYyDnmRp1nsg65b7dsfHkL5cfSufBLbvZynnel>
- Mulher, C. M. (2017). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 28 de setembro de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/923033444512309>

- Mulher, C. P. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 23 de agosto de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/251102242401984>
- Mulher, D. C. B. (2016). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 3 de março de 2016. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/596675093814814>
- Mulher, D. V. (2014). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 5 de outubro de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/383295448486114/>
- Mulher, G. M. (2019). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 12 de setembro de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1444195225732763/>
- Mulher, H. H. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 15 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid028vGhiwP4AeCc9THSiexojbKME7QxWdoMrZaZimAniLBT3xft4ADhyUwts6MXz3N5l>
- Mulher, I. D. (2017). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 24 de setembro de 2016. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=1085440814858251>
- Mulher, J. L. (2018). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 14 de julho de 2017. Recuperado de: <https://m.facebook.com/Lula/posts/1374517875950542/>
- Mulher, K. A. (2017). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 1 de dezembro de 2017. Recuperado de: <https://www.facebook.com/watch/?v=961091600706493>
- Mulher, L. H. P. (2019). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 12 de setembro de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1444195225732763/>
- Mulher, L. L. (2019). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 22 de maio de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/322336891248637>
- Mulher, L. P. (2020). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 05 de fevereiro de 2020. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/166774004621317/>
- Mulher, L. V. (2015). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 7 de outubro de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid02ZVMVwYvATgr45qGknBWr2n7cW7VH2tEiVy33tpN8hPxQYDtnSyqNsMCLnzdldBURl>
- Mulher, L. V. L. (2022). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 30 de agosto de 2022. Recuperado de:

<https://www.facebook.com/Lula/posts/pfbid0CfiBE9EhfMH4HxZqTWdmF7fjJfJEneev43Uw588eRX1BJMboiVCT2xYJpdpBWYL>

Mulher, M. A. (2022). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2022. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid035MD3th9JPF3JpYPLfDH8ocU12baJD5s5Cnyj53Bq8YwtRMXQ5Pt9Rr7C92M9xCD71>

Mulher, M. R. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 15 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid028vGhiwP4AeCc9THSiexobjKME7QxWdoMrZaZimAniLBT3xft4ADhyUwts6MXz3N5l>

Mulher, N. B. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 15 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid028vGhiwP4AeCc9THSiexobjKME7QxWdoMrZaZimAniLBT3xft4ADhyUwts6MXz3N5l>

Mulher, R. G. (2018). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 15 de outubro de 2018. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid028vGhiwP4AeCc9THSiexobjKME7QxWdoMrZaZimAniLBT3xft4ADhyUwts6MXz3N5l>

Mulher, R. K. (2022). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 30 de agosto de 2022. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid035MD3th9JPF3JpYPLfDH8ocU12baJD5s5Cnyj53Bq8YwtRMXQ5Pt9Rr7C92M9xCD71>

Mulher, R. R. (2019). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 8 de novembro de 2019. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/videos/469270903943810/>

Mulher, R. S. (2015). Comentário em publicação de Jair Messias Bolsonaro no Facebook no dia 8 de setembro de 2015. Recuperado de: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/534175430064781>

Mulher, T. A. (2015). Comentário em publicação de Luís Inácio Lula da Silva no Facebook no dia 7 de outubro de 2014. Recuperado de: <https://www.facebook.com/Lula/posts/700502033352133/>

Nakasu, M. V. P. (2005). O parricídio em Totem e Tabu: uma análise acerca da gênese do conceito de Pulsão de Morte. *Revista de Filosofia*, Vol. 17, Nº 20, pp. 137-146.

Nascimento, T. (2022). Diferença de votos entre Lula e Bolsonaro no 2º turno é a menor desde a redemocratização do Brasil. *Diário do Nordeste*. Recuperado de: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pontopoder/eleicoes-2022/diferenca-de-votos-entre-lula-e-bolsonaro-no-2-turno-e-a-menor-desde-a-redemocratizacao-do-brasil-1.3295345>

Norberto, C. & Doria, V. (2022). Bolsonaro se mantém como o campeão de audiência nas redes sociais. *Correio Brasiliense: Eleições*. Recuperado de: <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2022/04/5001818-bolsonaro-se-mantem-como-o-campeao-de-audiencia-nas-redes-sociais.html> Acesso em: 14 de set. de 2022.

- Ocariz, M. C. (2016). Clínica do testemunho Instituto Sedes Sapientiae. In M. A. A. C. Arantes & F. C. Ferraz (Orgs.), *Ditadura civil-militar no Brasil: o que a psicanálise tem a dizer*, pp. 65-77. Escuta: Sedes Sapientiae.
- Oliveira, G. (2014, novembro 5). Aécio Neves promete oposição 'incansável e intransigente'. *Senado Notícias*. Recuperado de <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/05/aecio-neves-promete-oposicao-201cincansavel-e-intransigente201d>>
- Pariser, E. (2011). *The filter bubble: what the internet is hiding from you*. London: Penguin Books.
- Paschoal, J. P., Queiroz, A. R. M., Camargo, O. B. P. (2020). A questão de Chipre e a atuação da ONU. *Série Conflitos Internacionais*, Vol. 7, Nº. 6.
- Pasquale, F. (2017). A esfera pública automatizada. *Revista LÍBERO*, Nº. 39. Recuperado de <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/866>>
- Penna, C. (2014). *Inconsciente Social*. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo – Pearson.
- Penteadó, C. L. C., & Lerner, C. (2018, abril). A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. *Em Debate*, Vol. 10, Nº 1, pp. 12-24.
- Pereira, D. R. P. & Coelho, N. E. Jr. (2019). O ódio em análise. *JORNAL de PSICANÁLISE*, Vol. 52, Nº. 96, pp. 49-62.
- Pichon-Rivière, E. (1994). *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Poulantzas, N. (1973). *Clasessociales y alianzas por el poder*. Madrid: Zero S.A.
- Prado Junior, C. (2011). *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Prado, P. (1997). *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pragmatismo Político, da Redação (2022). *Bolsonaristas ameaçam nordestinos de morte e pedem separação: "povo nojento e esfomeado"*. Eleições 2022. Recuperado de: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2022/10/bolsonaristas-ameacam-nordestinos-de-morte-e-pedem-separacao-povo-nojento-e-esfomeado.html>>
- Prandi, R., & Carneiro, J. L. (2018). Em Nome do Pai: Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 33, Nº 96.
- Queiroga, C. S., Barone, L. M. C., & Costa, B. H. R. (2016). Um breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu. *Jornal de Psicanálise*. Vol. 49, Nº. 91, pp. 111-126.
- Ramos, G. A. (2003). *Angústia e Sociedade na obra de Sigmund Freud*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Reich, W. (2001). *Psicologia de massas do fascismo* (3a ed.). (M. G. M. Macedo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

- Reis, D. (2022). Entenda o “voto útil”, estratégia que pode definir as eleições. *CNN: Eleições 2022*. Recuperado de <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/entenda-o-voto-util-estrategia-que-pode-definir-as-eleicoes/>>
- Ribeiro, M. M. (2018). Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: E. G. Solano (Org.), *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, pp. 85-90.
- Rigon, B. S. (2017). Compulsão à repetição dos traumas sociais brasileiros: a permanência do autoritarismo como sintoma do recalçamento coletivo. In: Souza, R. T. et al. (Orgs), *Adorno e Freud: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Editora Fi.
- Rinaldi, D. (2021). Psicologia das massas, mais ainda: fraternidade, ódio e segregação. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*. Ano XIII, no.spe., pp. 56-62.
- Riveira, C. (2022). Paralisação dos caminhoneiros: PRF confirma pelo menos 70 bloqueios em 11 estados. *Exame Brasil*. Recuperado de: <<https://exame.com/brasil/paralisacao-dos-caminhoneiros-prf-confirma-ao-menos-70-bloqueios-em-11-estados/>>
- Rodrigues, B. F., Morganti, J., & Silva, A. C. D. (2020). A culpa na política brasileira atual: o que nos ensinam Freud e Hannah Arendt? *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Vol. 02, Nº. 2, pp. 594-612.
- Rosa, M. D. (2004, setembro), A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Vol. 4, Nº. 2.
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Revista Psicologia & Sociedade*, Vol. 22, Nº 1, pp. 180-188.
- Sakamoto, L. (2016). *O que aprendi sendo xingado na internet*. São Paulo: Leya.
- Sakamoto, L. (2022). Medo de eleitores de Lula serem agredidos favorece Bolsonaro na eleição. *Notícias Uol*. Recuperado de: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2022/09/17/medo-de-eleitores-de-lula-de-serem-agredidos-favorece-bolsonaro-na-eleicao.htm>
- Sampaio, D. (2016), Jair Bolsonaro no Facebook: o marketing eleitoral voltado para o eleitor conservador. *Anais do XVIII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Nordeste, 7 a 9 de julho de 2016*. São Paulo: Intercom. Recuperado de <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1191-1.pdf>> Acesso em: 13 de fevereiro 2021
- Santos, M .S. G. (2014). Sou curtido, logo existo: vivendo sob a pressão do 'curtir'. *Anais do XVI Congresso de Ciência da Comunicação na Região Nordeste, 15 a 17 de maio de 2014*. João Pessoa/PB: Intercom. Recuperado de <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0465-1.pdf>> Acesso em: 13 de fevereiro 2021.
- Santos, R. (2012). “Cidadãos de bem” com armas: Representações sexuadas de violência armada, (in)segurança e legítima defesa no Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Vol. 96, pp. 133-164.
- Scartezini, N. (2016). A Fascistização da indignação: as manifestações de 2015 no Brasil. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, Nº. 20.

- Schwarcz, L. K. M. (1995). Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, pp. 49-63.
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Senra, R. (2022). Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. *BBC News Brasil*. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997> Acesso em: 14 de set. de 2022.
- Silva Júnior, M. C. & Mello Neto, G. A. R. (2020). Que país é este? Um estudo psicanalítico sobre o corpo social e a identidade brasileira. *Brazilian Journal of Development*, Vol. 6, Nº 5.
- Silva Júnior, M. C. & Mello Neto, G. A. R. (2022). Do Caos ao Mito: a ascensão de um presidente pela óptica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Vol. 42, pp. 1-15.
- Silva Júnior, M. C. (2020). *O Brasil no divã do procusto: o discurso psicanalítico sobre o Brasil e o brasileiro nos últimos 30 anos* (Tese de doutorado). Recuperado de <<http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2020/mauricio-cardoso>>
- Souza, C. R. A. & Coelho, D. M. (2012). O neutro em psicanálise: da técnica à ética. *Fractal: Revista de Psicologia*, Vol. 24, Nº. 1, pp. 95-110.
- Statista (2021), *Leading countries based on Facebook audience size as of January 2021*. Recuperado de <<https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>>.
- Stroppa, T., & Rothenburg, W. C. (2015). Liberdade de expressão e discurso de ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, Vol. 10, Nº 2.
- Tardivo, R. C. (2011). Liberdade e perversão em O Cheiro do Ralo, de Heitor Dhália. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Vol. XI, Nº. 2, pp. 873-884.
- Thrift, N. (2004). Remembering the technological unconscious by foregrounding the knowledges of position. *Environment & Planning: society and space*. Vol. 22, Nº 1, pp. 175-190.
- Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (2022a). *Resultado Eleição Geral Ordinária 2022, primeiro turno*. Recuperado de: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao;e=e544/resultados>
- Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (2022b). *Resultado Eleição Geral Ordinária 2022, segundo turno*. Recuperado de: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>
- Vargas, I. M. (2020, maio). Fakenews e política: A influência da pós-verdade na ascensão da extrema-direita. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*.
- Volkan, V. D. (1976). *Primitive Internalized Object Relations*. International University press: New York.
- Volkan, V. D. (1985). The Need to Have Enemies and Allies: a developmental approach. *Political Psychology*, Vol. 6, No. 2, pp. 219-247.

- Volkan, V. D. (1986). The narcissism of minor differences in the psychological gap between opposing nations. *Psychoanalytic Inquiry: A Topical Journal for Mental Health Professionals*, Vol. 6, N° 2, pp. 175-191.
- Volkan, V. D. (1998). *Transgenerational transmissions and “chosen traumas”*: an element of large-group identity. XIII International Congress: International Association of Group Psychotherapy.
- Volkan, V. D. (2004). *Blind trust: large groups and his leader in times of crisis and terror*. Charlottesville: Pitchstone.
- Volkan, V. D. (2007). Psicodinâmica da violência de grandes grupos e da violência de massas. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Vol. 11.
- Volkan, V. D. (2008a). Sociedades traumatizadas. In: S. Varvin, V. D. Volkan (Orgs.), *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*, pp. 209-227. São Paulo: Perspectiva.
- Volkan, V. D. (2008b). *A large-group identity, international relations and psychoanalysis*. Paper given at “Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft e.V. (DGP) Meeting” Gasteig Cultural Center, Rosenheimer Platz.
- Volkan, V. D. (2010). *A psychoanalytic process: from beginning to its termination*. Pitchstone Publishing: North Carolina, USA.
- Weinberg, H. (2007). *The large group re-visited: the herd, primal horde, crowds and masses*, pp. 86-97.